Ramalho Ortigão

112

MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES

AS PRAIAS DE PORTUGAL

RAMALHO ORTIGÃO

AS PRAIAS

DE

PORTUGAL

GUIA DO BANHISTA E DO VIAJANTE

COM DESENHOS DE EMILIO PIMENTEL

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES
12, LARGO DOS LOYOS, 14

1876

O MAR

Assim como quatro quintas partes do corpo humano são agua, assim quatro quintas partes da grande corpulencia do globo são mar. Parecendo separar os homens, o bello destino eterno do mar é reunil-os.

A bacia do Mediterraneo confinava o mundo antigo habitado pelos gregos, pelos phenicios e pelos egypcios. Foi pelo Mediterraneo que partiram as primeiras colonias que povoaram a Africa e a Asia, estabelecendo o principio das nossas relações com o mundo novo. No Egypto, na Pentapotamia e na China as primitivas civilisações seguiram, segundo Humboldt, o curso dos rios e baixaram dos montes ao litoral. Na Phenicia, na Grecia, as primeiras expedições maritimas iniciaram os nossos dominios sobre as forças da natureza.

De tal modo o mar foi o primeiro guia da humanidade.

Amoravel e austero, foi elle que primeiro embalou o berço do homem e que em seguida o acordou para os nobres trabalhos, suggerindo-lhe as primeiras noções do universo.

O desenvolvimento dos estudos naturaes tem progressivamente modificado a opinião inculta supersticiosa e aterrada de que o mar é o insondavel abysmo tenebroso e deserto.

Naturalistas americanos têem ultimamente explorado o mar a profundidades de dois mil e setecentos metros. Huxley, o sabio zoologista inglez, penetrou com a sonda e com a dragagem até quatro mil metros no fundo do alto mar.

As explorações do leito do Oceano feitas por occasião de ser collocado o cabo transatlantico e o cabo destinado a ligar a costa de Argel com a Italia pelo valle submarino situado entre Cagliani e Bône, os trabalhos encetados com o mesmo fim no mar das Antilhas, no Oceano Pacifico, no Gulf Stream, provam que o fundo do mar é habitado na sua maior profundeza, que o interior das aguas mais afastadas das costas têem a sua fauna.

A pressão dos mais extraordinarios volumes de agua e o suc-

cessivo rebaixamento thermometrico, não esmaga a vida nos corpos que encerram liquidos em vez de ar.

Os animaes extrahidos dos mais fundos recessos aquaticos a que desceu a draga ostentam as côres mais vivas, em que predominam o roxo, o amarello e o verde. Essas differentes especies, analysadas e reduzidas, têem perfeitamente conformados os orgãos da visão.

Como os animaes que vivem na obscuridade são de côr sombria, com os olhos atrophiados, é claro que, em vez das trevas, uma extranha luz desconhecida penetra os valles, os despenhos, as cavernas mais intimas do grande leito do mar e alumia a intensa vitalidade de um novo mundo animal, revelado apenas aos estudiosos pelos mais recentes trabalhos de zoologistas como os srs. Agassiz, Pourtalés, Wyville, Thomson e Jeffryes.

Guia dos homens, promotor das civilisações, revelador do universo, progenitor das idéas que determinaram o abraço fraterno da humanidade em todo o mundo, o mar é ainda o mais poderoso fóco, o mais abundante manancial da vida.

É innumeravel a quantidade dos animalculos microscopicos que habitam o mar. O phenomeno da phosphorencia é principalmente produzido por um infusorio luminoso chamado *noctiluca miliaris,* de cuja especie existem vinte e cinco mil individuos em cada trinta centimetros cubicos d'agua!

Os foraminiferos são tão infinitamente pequenos e tão infinitamente abundantes que d'Orbigny contou perto de quatro milhões d'esses individuos n'uma só onça de areia. Enormes tractos da terra firme são formados dos despojos de foraminiferos anti-diluvianos. D'esta natureza é o solo em que nasce o vinho de Champagne; têem egual formação os rochedos que no Egypto servem de alicerce ás pyramides, e bem assim as montanhas do Chili e a cordilheira dos Apeninos.

As maravilhosas ilhas de coral, que sobresahem como miragens á superficie do Oceano, são verdadeiras efflorescencias da vida animal submarina. Essas ilhas são formadas, segundo Darwin, de enormes agglomerações de polypos. Identica origem têem os vastissimos recifes dos mares da Australia, da Nova Caledonia e do Oceano Indico. De polypos anti-diluvianos são ainda compostas algu-

mas regiões continentaes, como por exemplo a cordilheira do Jura, sepulchro enorme de miriades de habitantes de um mar extincto, cujas aguas desappareceram da Europa como de um esqueleto humano desappareceu vaporisada a porção d'agua que constituia com elle os elementos vitaes de um antigo organismo.

Fóra da legião d'esses pequeninos entes, só perceptiveis ao microscopio, e de cuja agglomeração se fazem as ilhas, os recifes e as montanhas, não é menos assombrosa a fertilidade immensa do Oceano.

Cada arenque tem sessenta mil ovos. Entre a Escossia, a Hollanda e a Noruega, a superficie do mar cobre-se inteiramente com os arenques que veem na primavera amar-se á luz do sol. Em certas passagens estreitas conta Michelet que o mar se torna solido, que é impossivel remar. Perto do Havre um pescador encontra na sua rede oitenta mil peixes. Em uma parte da Escossia, n'uma só noite enchem-se de arenques onze mil barricas. Em Portugal, na costa de Espinho, no tempo da sardinha uma só rede produz 900 mil reis. Na Povoa de Varzim a importancia das transacções feitas em uma só praça eleva-se a 20 contos. Na praia da Nazareth ainda este anno referia um periodico que se vendeu *a carrada* de sardinhas por 240 reis—para estrumar a terra.

Diante da areia humida e fremente, abandonada pela onda que recolhe, um sabio professor allemão, prematuramente arrebatado pela morte aos grandes estudos da vida no mar, Edward Forbes, exclamava:

«Que pagina de hieroglyphos! Cada linha de solo e de rochedo tem por caracteres particulares figuras vivas; e cada figura é um mysterio. As apparencias podem ser precisamente descriptas, o sentido intimo foge á penetração do espirito humano.»

No mar, tanto o vegetal como o animal, encerram uma lição profunda. Dizia bem Humboldt, que o estudo do Oceano era a principal iniciação para o conhecimento do Cosmos.

Um pequenino e obscuro animal basta para explicar ao observador instruido a configuração das terras e dos mares. O mollusco

ou o zoophito, apparecendo em ilhas longinquas, determinam que em certa epocha estiveram essas ilhas ligadas aos continentes. O caranguejo e a annelide, que habitam regiões distinctas, provam a antiga communicação de dois mares.

O maravilhoso aspecto da praia, na epocha das marés vivas, quando o Atlantico descobre uma parte do seu leito, é descripto nos seguintes termos pelo naturalista Blanchard:

«Nas primeiras rochas, tocadas apenas pela vaga durante uma parte do dia e da noite, vivem as especies indifferentes á acção do ar e da chuva; as glandes marinas, completamente fixadas á pedra; as lapas, cujas conchas affectam a fórma conica; os buzios ondados; as anemonas vermelhas. Mais longe, nas partes areentas, saltitam os crustaceos do grupo dos camarões; a morada dos moluscos de concha bivalve é indicada por certos buracos na areia; certos monticulos trahem a presença de varias especies de annelides, os arenicolas, de côr azeitonada e delicadas guelras; os cirratulos, cuja cabeça é provida de uma multidão de filamentos, que se ennovelam, contornam ou arrastam em todas as direcções; as *sabelles*, encarceradas nos seus tubos. Para além mostra-se muitas vezes uma densa vegetação; é a zona das plantas marinas, designadas pelo nome de laminares. Aqui é maravilhoso o campo das explorações. A vida golpha por toda a parte: os molluscos abundam, os zoophitos, os vermes de todos os generos pullulam. Sobre as algas arrastam-se lentamente molluscos sem concha, que podem ser contados no numero dos entes mais bellos, como são os doris e os eolides. Em certos pontos desperta a attenção uma vegetação alvacenta. São os prados de zooteras, em que se acham profusamente disseminados os animaes. Mais longe desenha-se uma nova zona, caracterisada pela presença das algas crustaceas chamadas coralinas. No meio d'estas plantas vivem os polypos e uma multidão de animaes, que não apparecem nunca mais perto do litoral.»

N'esta portentosa abundancia quantas variedades de individuos, quantas maravilhas na procreação, no organismo e nos costumes dos habitantes do mar!

Alguns viajam em balão, dentro do seu elemento. Dispoem de uma bexiga natatoria, que enchem mais ou menos de ar, subindo ou baixando até á camada de agua em que desejam ficar, e assim caminham socegados, adormecidos.

Os mais vorazes têem dentes admiraveis, acerados, finissimos. Como os podem quebrar facilmente, ha uma segunda ordem de dentes para substituir a primeira, uma terceira para substituir a segunda. Em alguns os dentes enchem-lhes a bôca, cobrem-lhes a lingua, o paladar, a guela: verdadeiro arsenal da voracidade.

Têem as fórmas mais diversas, segundo as necessidades do seu organismo e as condições do seu meio: uns parecem um cavallo, outros um ouriço, outros um martello.

Ha-os espalmados e chatos, como a solha, que vive, arrastando-se na areia.

Ha-os finos, esguios e com as barbatanas peitoraes tão desenvolvidas, que se erguem da agua e volitam no ar, como os exocetos, os ruivos e as andorinhas do mar.

Uns são temerarios, destemidos, como o histiophoro, que ataca o homem e faz rombos nos navios, batendo-os com a sua maxilla superior, saliente, ponteaguda, solida como um ariete.

Outros têem por arma preferida a traição, como o polvo, de que o padre Antonio Vieira dá a seguinte descripção, superior talvez á de Victor Hugo:

O polvo com aquelle seu capello na cabeça parece um monge; com aquelles seus raios estendidos parece uma estrella; com aquelle não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo d'esta apparencia tão modesta, ou d'esta hypocrisia tão santa, testemunham contestemente S. Basilio e Santo Ambrosio, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das mesmas côres, de todas aquellas côres a que está pegado. As côres que no camaleão são gala, no polvo são malicia; as figuras que em Protheu são fabula, no polvo são verdade e artificio. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lôdo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E d'aqui o que succede? Succede que o outro peixe, innocente da traição, vae passando desacautelado, e o salteador que está d'emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente e fal-o prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto; o Judas abraçou a Christo, mas outros o prenderam: o polvo é o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o signal, e o pol-

vo dos proprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz é á luz, para que não distinga côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor! »

As alforrecas, que apresentam na agua a fórma de um barrete de dormir, e parecem feitas de geléa, umas transparentes como vidro, outras côr de rosa como as conchas do mar do sul, outras azues ou opalinas, são tão vorazes que engolem os crustaceos e digerem-os sem os haverem mastigado.

Do ovo da alforreca sahe uma larva que se transforma n'um polypo. D'este animal, inteiramente diverso da alforreca, nascem os rebentos que formam a communidade do polypeiro. Mais tarde, do polypeiro brotam uns gomos, que se transformam em alforrecas. De sorte que a alforreca só se reproduz nos netos. Não concebe como mãe — a pobre alforreca! Concebe como avó.

O polypo tem uma tal força vital, que, depois de esquartejado, revive em cada um dos bocadinhos em que foi partido. Tantos bocadinhos, tantos polypos. Inteiro, é um individuo; despedaçado é uma familia, uma communidade, uma tribu.

Se o viram com o de dentro para fóra, acceita corajosamente esta situação difficil: a sua pelle interior, que se virou para fóra, começa a respirar; a sua pelle exterior, que se virou para dentro, começa a digerir.

Se engole um animal que se não sujeita a ser digerido, e procura fugir pela bôca por onde entrou, que faz o polypo? mette pela bôca um braço e segura a presa no estomago. O estomago digere-lhe o animal, mas não lhe digere o braço.

Quando dois polypos luctam para disputarem a mesma presa, o polypo mais forte engole o polypo mais fraco juntamente com a presa que elle tinha agarrada; em seguida digere os despojos opimos e vomita vivo o adversario vencido.

As estrellas do mar, de côr arroxada, que tantas vezes apparecem na nossa costa, quando não podem engulir um animal que lhes resiste, deitam o estomago de fóra, e com um suco que elle segrega entorpecem o inimigo e devoram-o depois.

Entre os crustaceos, uma especie tomada como um symbolo de retrocesso por aquelles que ainda imaginam que ella anda ás arrecuas, — o caranguejo, o forte e prestante caranguejo encarregado do importante serviço sanitario da limpeza das praias, representa pela sua configuração e pela sua structura, a mais solida, a mais poderosa, a mais terrivel machina de guerra que se tem inventado. Ao pé d'essa fortaleza ambulante, a força do homem armado, coberto d'aço até os dentes, não é mais que irrisão e miseria.

Devemos agradecer á natureza, diz Michelet, o ter feito os decápodes tão pequenos. De outro modo quem poderia combatel-os? Nenhuma arma de fogo os morderia. O elephante teria de se esconder. O tigre teria de trepar ás arvores. O proprio rhinoceronte não teria segura a sua pelle tão rija e tão impenetravel. A esbelta elegancia do homem, continúa o grande escriptor, a sua fórma longitudinal, dividida em tres partes, com quatro grandes appendices, divergentes, arredados do centro, fazem d'elle, por mais que se diga em contrário, um ente fraquissimo. Nas armaduras dos guerreiros, os grandes braços telegraphicos, as pesadas pernas pendentes, dão a triste impressão de uma creatura descentralisada, impotente, cambaleante, prestes a tombar ao primeiro encontro. No crustaceo, pelo contrário, os appendices ligam-se tão juntos á massa redonda, curta, atarracada, que o menor golpe que elle dá é a grande massa compacta que o vibra. Quando o animal agarra, corta ou fura, fal-o com toda a força que tem, porque a sua grande energia chega até a extremidade de todas as suas armas. Tem dois cerebros (cabeça e tronco); mas para se resumir, para obter essa terrivel centralisação, como se arranja elle? Arranja-se sem pescoço, tem a cabeça no ventre. Maravilhosa simplificação. A cabeça reune assim accumulados os olhos, as antennas, as tenazes e as maxillas. Logo que os olhos penetrantes vêem, as antennas palpam, as tenazes comprimem, as maxillas despedaçam, e pelo lado de traz, sem mais intermediario, está o estomago, perfeita machina de esmoer, que tritura e dissolve. N'um relance, tudo está consummado: a presa desappareceu; ficou dige-

rida. Tudo é superior no crustaceo. Os olhos vêem para diante e para traz. Convexos, exteriores, facetados, abrangem uma grande parte do horisonte. As pinças ou as antennas, orgãos de indagação e de aviso, de triplice experimentação, têem na extremidade o tacto e na base o ouvido e o olphato. Vantagem immensa que nós não logramos. O que não seria a mão humana, se farejasse, se ouvisse! Em que conjuncto e com que rapidez fariamos então as nossas observações! A impressão, dispersa pelo contrário entre tres sentidos differentes, que trabalham separadamente, é por esse facto inexacta ou fugitiva. No decápode, que tem dez pés, seis d'elles são ao mesmo tempo mãos, tenazes e ainda orgãos da respiração. Assim, por via de um expediente revolucionario, resolve este guerreiro o problema que tanto affligia o pobre molusco: «respirar apesar da concha». A isto, o decápode responde: «Pois eu respirarei pelo pé, pela mão. Este ponto fraco—a respiração—por onde me poderiam dominar, colloco-o na ponta da minha espada, ponho-o no gume das minhas armas de guerra. Ora que lhe toquem agora, se são capazes!»

Tal é, na eloquente phrase de Michelet, o sabio, o possante, o valoroso, o terrivel caranguejo! Se o prendem á traição por algum dos seus membros, elle mesmo quebra esse membro e retira-se mutilado. Vae com um, dois ou tres pés de menos,—embora! elle tornará a crear pacientemente mais um pé, mais dois, mais tres, mais tantos pés, quantos houver sacrificado ao resgate da sua liberdade.

O caranguejo, porém, cresce. Crescer, tornarmo-nos grandes, é para todos nós uma responsabilidade grave. Para o caranguejo é uma lamentosa desgraça. Tem de despir a sua invencivel armadura, que o suffoca como um espartilho demasiadamente apertado, e é obrigado a ir triste, fraco, desarmado, para debaixo de uma pedra, fabricar pacientemente uma vestimenta nova. Todos então o desdenham, todos o maltratam, e, como o velho leão enfermo, elle recebe submisso o coice ultrajoso do asno. N'estas condições, retirado dos combates, das aventuras, das viagens, entregue inteiramente á vida domestica, o caranguejo tem pela sua esposa uma dedicacão sublime: quando ella é aprisionada, elle, não podendo defendel-a nem bater-se por ella, vae expontaneamente render-se, e entrega á discrição do inimigo a sua vida saudosa e viuva.

O monstruoso tubarão, quando namorado, quando tocado de amor, é tão desinteressado como o caranguejo,—talvez mais. Ao pri-

meiro osculo conjugal, a femea do tubarão engole-o. Elle, rendido, obediente, passivo, deixa-se absorver, e permanece semanas inteiras, inoffensivo e inerte, esquecido da sua voracidade, da sua fome inextinguivel, dos seus instinctos devastadores e perversos, inutil, desditoso e lyrico, no estomago da sua amada.

Em paga de tanto affecto, a esposa tem com elle esta dedicação heroica: não o digere. A unica coisa que faz, ao vêr que o amor converte o seu marido n'um poltrão, n'um inutil, n'um imbecil, é acordal-o. Como boa e honrada companheira, chama-o á vida prática, á actividade e ao dever, dá-lhe-os bons dias, e vomita-o no seio das suas occupações e dos seus negocios.

Nobre procedimento bem diverso do de outras femeas de melhor fama! A aranha, por exemplo, essa esposa execravel e indigna, no dia seguinte ao do noivado põe-se a olhar para o marido com um olhar doce, lascivo, cheio de falsidade e de traição; em seguida cahe sobre elle de um salto, e, quando o pobre marido imagina que vae receber um beijo, ella parte-o em bocados e come-o. Não lhe come só figuradamente os olhos da cara em carroagens, em *toilettes*, em camarotes na Opera, como ás vezes se vê em outra especie; come-o inteiramente, litteralmente, pelo estupido prazer de o triturar, de o mastigar e de o digerir. Que indignidade e que abuso de confiança! O macho da aranha verde, observou o naturalista Balbiani, que muda de côr durante o consorcio e se converte de verde em castanho: é de terror talvez, coitado, pensando na sorte que o espera.

Do carapau, do barato e obscuro carapau, referem os naturalistas as mais curiosas astucias. O carapau construe uma especie de ninho, que é a sua alcova, com duas portas. Feita a casa, o carapau offerece á esposa o domicilio conjugal. Se a esposa se recusa a acompanhal-o, o carapau, não podendo appellar para os tribunaes que mandam a mulher seguir seu marido, faz justiça por suas proprias mãos e leva a femea para casa á força, agarrada por uma barbatana. Logo que a femea deposita os ovos, o macho encarrega-se de os fecundar, entrando por uma das portas do ninho e expulsando a esposa pela porta contrária. Então fecha a porta por onde a esposa sahiu e fica na outra, de vigia, para que os demais peixes lhe não comam a ninhada.

Os carapaus são uma das poucas excepções á regra geral que preside ao modo como os peixes se amam. A maior parte d'elles

não conhecem as mães dos seus filhos. As femeas, tendo depositado os ovos em logar opportuno para o seu desenvolvimento, retiram-se. Os machos veem em seguida, fecundam os ovos e retiram-se tambem. A natureza é a grande roda d'esses eternos expostos. A familia de que elles procedem não se reune nunca.

Tambem, o que seria de uma pobre familia de peixes, se elles se lembrassem de adoptar, crear, educar e defender todos os filhos com que a Providencia abençôa os seus consorcios! Imagine-se um desgraçado rodovalho, que põe nove milhões d'ovos! Uma tainha, que põe treze milhões d'ovos!

Ainda assim, ha peixinhos que amam seus filhos, que trabalham, que se dedicam por elles. Citei já o carapau. Seria faccioso se occultasse o nome da truta, a qual faz uma cova onde enterra os seus ovos, e o da hyppocampa, a qual tem junto da cauda uma especie de bolsa, em que recolhe os ovos durante o periodo da incubação.

As raias e os esqualos apreciam tambem as convivencias do amor, procuram as suas femeas, seguem-as, galanteiam-as, fazem-lhes a sua côrte.

Em confirmação da theoria darwineana da selecção sexual, cita-se um peixe chinez, ultimamente introduzido em França por um piscicultor de Pariz, chamado Carbonnier. Na epocha da desovação, o alludido peixe é junto da sua femea, de uma ternura inexcedivel. Abraça-a, curvando lateralmente para esse fim o seu corpo em semi-circulo, cinge-a estreitamente, parece querer beijal-a. Engulindo bolhas de ar, expulsa-as em seguida envoltas n'uma tenue membrana albuminosa, e construe por esse meio á tona d'agua uma especie de docel de espuma, debaixo do qual celebra as suas nupcias e fecunda os seus ovos á medida que elles são depostos pela femea. Como os ovos ficam dispersos na agua, o macho recolhe-os na bôca, transporta-os para debaixo do seu tecto de espuma, onde os reparte cuidadosamente, para que fiquem todos em eguaes condições. Nascidos os peixes, o pae consagra-lhes os mesmos cuidados e os mesmos carinhos que havia dedicado aos ovos. É notavel que estes peixes, em que os dois sexos se amam com tão extraordinario carinho, são, segundo affirma o snr. Perrier, do Museu de Historia Natural de Pariz, os mais bellos que se têem visto. —Um simples peixe chinez! Vejam! Que vergonha para os peixes europeus!

O sabio Agassiz, n'uma carta datada de S. Thomaz, sobre a exploração do Mar de Sargassos, refere que o peixe chamado por Cuvier *chironectes pictus,* construe para os seus ovos um ninho, em que a sua progenie fica misturada com os elementos que serviram para a construcção da arca salvadora. Como esses materiaes são ramos vivos de sargasso, este berço, diz o illustre naturalista, fluctuando sobre o Oceano profundo, offerece ao mesmo tempo, á ninhada que encerra, a protecção e o sustento de que ella necessita.

A raia tem o privilegio de um olphato tão fino, tão sensivel e tão delicado, que muitas vezes os seus nervos a obrigam, como nós diriamos, a pôr o lenço no nariz. Para realisar esta operação dispõe a raia de uma fina membrana, uma especie de véo, em que envolve o orgão olphatico.

Alguns peixes têem uma especie de voz, isto é, dispoem de certos sons que emittem quando querem, refutando assim o proloquio com que se caracterisa a eloquencia de certos parlamentares: *mudos como peixes.*

Á academia das sciencias de Pariz mostrou ha pouco tempo o snr. Dufossé, que duas especies de uns pequeninos peixes, extremamente obscuros e feiissimos, produzem, quando se lhes pega, um estremecimento intenso, acompanhado de um ruido, e ás vezes de um som commensuravel. Estas vibrações são verdadeiros actos de expressões instinctivas, e têem por causa a tremulação muscular, — revelação curiosa da propriedade que podem ter os musculos, de crear manifestações acusticas.

As côres dos peixes, algumas tão brilhantes, tão sumptuosas, e ao mesmo tempo tão ephemeras e tão mutaveis que constantemente se estão succedendo e variando nos mesmos individuos, reconheceu-se recentemente que eram dependentes da qualidade dos raios luminosos que impressionam a vista d'estes animaes. Para os peixes e para os crustaceos, o olho é o ponto de partida de um abalo nervoso que se transmitte á pelle e produz uma mudança mais ou menos completa na coloração. Como é — está claro —

por intermedio dos nervos que a impressão primitiva do olho se transmitte á pelle, cortados certos nervos em certos peixes, altera-se-lhes a côr geral e transforma-se-lhes em riscas zebradas. A razão é que se interceptou em parte, e em parte se deixou propagar o abalo de que a retina é a séde, e cujo agente são as irradiações emittidas pelo ambiente. A côr dos peixes altera-se, segundo a côr do aquario em que elles vivam. Se porém um peixe cega, a sua côr fica immutavel e permanente, qualquer que seja a côr promovida no meio em que elle se acha. O mesmo que se dá com os peixes succede com os crustaceos. Tirando-lhes os olhos deixam de mudar de côr. São como nós: cegos, ficamos indifferentes á ostentação apparatosa da *toilette*.

O mar torna-nos imaginativos, faz-nos propender para a contemplação, para a ociosidade, para a vaga saudade, para a indefinida melancolia. Este estado poetico é dos mais perigosos. Prostra, enfraquece, desarma o caracter. É por isso que as mulheres, á beira-mar, nos dias doces e enervantes do outono, precisam mais que nunca de se retemperarem na applicação, no estudo, na actividade intellectual.

Possam as breves linhas que deixo escriptas inspirar-te, leitora, amiga leitora, a curiosidade dos estudos da natureza, a decifração dos mysterios da vida no interior do mar!

Ahi o tens, boa amiga, o vasto, o poderoso Oceano! Procura conhecel-o. Elle será o teu melhor, o teu mais fiel amigo, o teu medico, o teu mestre, o namorado do teu espirito.

Tudo aquillo de que precisa o teu abatido organismo, a tua imaginação, o teu caracter, a tua alma, o mar possue para t'o dar.

Elle tem o phosphato de cal para os teus ossos, o iodo para os teus tecidos, o bromureto para os teus nervos, o grande calor vital para o teu sangue descórado e arrefecido.

Para as curiosidades do teu espirito elle tem as mais interessantes historias, os mais engenhosos romances, os mais commoventes dramas, as mais prodigiosas legendas.

Para as fraquezas da tua imaginação, da tua sensibilidade, da tua ternura, tem finalmente a grande força austera, simples, tenaz, implacavel, que na terra se não encontra senão dispersa em

pequenas parcellas, pelo que ha de mais sublime e de mais culminante na humanidade: a alma dos heroes e o coração das mães; —força immensa, sobrenatural, inconsciente, de que o mar é a viva imagem collectiva e portentosa.

Dizem, leitora, que são curiosas as pessoas do teu sexo. Gloria-te d'esse bello defeito. A curiosidade é a primeira das grandes forças do espirito humano.

Se sir Isambart Brunel não tivesse tido a curiosidade de examinar minudentemente o modo como um infimo bixinho, *o teredo navalis,* roe a madeira dos navios, perfurando-a primeiro por um lado, depois pelo outro e envernisando a abobada e as paredes d'essa passagem com um inducto para esse fim segredado, não se teria então descoberto o processo por que foi construido o tunnel do Tamisa.

Foi considerando curiosamente a construcção de uma têa de aranha que sir Samuel inventou as pontes pensis.

A curiosidade de achar as causas da queda de uma maçã e do aspecto de uma bola de sabão levou Newton á lei da gravitação e Young á theoria da diffracção da luz.

Se uma especie de luneta offerecida a Mauricio de Nassau por um oculista hollandez não tivesse suscitado em Galileu uma curiosidade similhante á que desperta nas creanças o machinismo dos relogios, Galileu não teria descoberto o telescopio.

Como se descobriu o galvanismo? Por um acto de simples curiosidade. Galvani, examinando o organismo de uma rã, notou que a pata d'este animal se contrahia ao contacto de laminas de metaes dissimilhantes introduzidas entre um musculo e um nervo. D'ahi, a telegraphia electrica.

Deante de um copo de cerveja Priestley sente um dia a curiosidade de explicar o phenomeno de fermentação. O estudo das propriedades do gaz fluctuante sobre a superficie do liquido fermentado lançaram as bazes à chimica pneumatica.

Cuvier, mestre de meninos, passeando uma tarde á beira-mar, encontrou na areia uma siba dada á costa. Da curiosidade suscitada no seu espirito pelo extranho aspecto d'esse animal nasceu o primeiro livro do grande naturalista: o seu admiravel estudo dos molluscos.

Hugh Miller, simples canteiro, trabalhando n'uma pedreira á beira-mar, sentiu a sua curiosidade tão vivamente ferida pelos res-

tos organicos das especies extinctas descobertas na maré baixa, que observando e comparando minuciosamente o aspecto do solo e o aspecto dos animaes acabou por compôr um dos mais notaveis livros da geologia.

Espreitar pelo buraco de uma fechadura e dobrar o Cabo da Boa Esperança são dois factos da curiosidade: um descobre má creação; o outro descobre a America.

A um dá-lhe a curiosidade para mexer nas gavetas dos outros: este é o indiscreto. Egual curiosidade leva outro a revistar a Africa: este chama-se Livingstone.

Que é pois que se deve fazer á curiosidade para que ella não seja um ridiculo defeito, e seja uma nobre e poderosa virtude? Educal-a na elevação; dar-lhe por objecto os segredos da natureza; dar-lhe por fim os interesses da humanidade.

Sabeis, minhas curiosas senhoras, qual é o grande mal da nossa educação portugueza? É o atrofiamento da curiosidade. D'aqui, a indifferença. Da indifferença, a preguiça. Da preguiça, a miseria, a dupla miseria do desequilibrio economico e do rebaixamento moral.

Guardae a vossa curiosidade, ó mulheres; guardae-a como um thesouro precioso: é por ella que penetrará a grande reforma urgente na instrucção do povo.

Vós tendes, latente ou mal empregada, uma grande actividade de espirito, paralysada em nós outros os homens pelos nossos estupidos habitos de boulevard, de café, de club, e pela lenta narcotisação cerebral proveniente do abuso do tabaco e da pesada cerveja, fatal á vivacidade que era o antigo apanagio da raça meridional.

Estaes nas praias. Empregae as longas horas de ocio tão estiradas, tão tediosas, tão enervantes, estudando o mar nos seus grandes phenomenos, nas suas portentosas creações.

Um só mólho de mar que escachôa na rocha e se pulverisa atravez dos raios do sol poente em um nevoeiro opalino e doirado, contém mais acção, mais vida, mais enredo, do que todos os romances juntos do snr. Ponson du Terrail.

Nenhum dos nossos amigos predilectos, nenhum dos nossos poetas lyricos, nenhum dos nossos escriptores phantasistas tem para nos offerecer tantas commoções, tanto drama, tantas historias curiosas como as que sabe o mar, o inexgotavel narrador, o doce poeta, o velho chronista.

Esse bom amigo não nos dá unicamente as mais bellas e as mais interessantes historias. Quando estamos sãos offerece-nos os

seus pequenos presentes de amisade: as poeticas illuminações phantasticas dos fogos de S. Telmo, as perolas, as brisas.

Quando adoecemos das complicadas enfermidades modernas elle só nos dá tudo aquillo de que precisam as nossas naturezas empobrecidas e devastadas. Todo o elemento da vida que falta na terra suprabunda no mar. Por isso Michelet exclama: Todos os principios que em ti, homem, estão reunidos, tem-os separados o mar, essa grande pessoa impessoal. O mar tem os teus ossos, tem o teu sangue, tem o teu calor, a tua seiva vital. Tem o que te falta: a demasia da plenitude, o excesso da força.

Para portuguezes, o mar tem attractivos especiaes. Para nós, elle é o caminho das conquistas, dos descobrimentos, da poesia, da inspiração artistica, da gloria nacional.

A nossa bella architectura manoelina, as capellas imperfeitas na Batalha e os Jeronymos, têem na escolha dos ornatos predilectos, na repetição de certos pormenores, o profundo cunho maritimo; vê-se a miudo a preoccupação do embarcadiço; acha-se a cada passo a revelação do marinheiro.

O nosso mais bello livro de versos é um poema maritimo, os *Luziadas*.

A mais extraordinaria obra que em Portugal se tem escripto em prosa é a *Historia tragico-maritima,* uma relação de naufragios.

Em nenhuma outra litteratura conheço livro que se compare com este. A *Historia tragico-maritima* é a narração de celebres catastrophes, copiada litteralmente da noticia oral, repetida muitas vezes por uma testemunha presencial do caso referido. Nunca o talento dramatico produziu rasgos mais commoventes, effeitos mais profundamente tocantes; nunca a tragedia achou notas mais sentidamente elegiacas; nunca a arte descriptiva tornou mais palpitante e viva a acção narrada; nunca, finalmente, a sciencia da linguagem e o poder do estylo acharam para um assumpto fórmas mais adequadas, toques mais profundos, simplicidade mais real, mais pittoresca, mais suggestiva, mais completamente e mais cabalmente artistica. Não fazem melhor os maiores mestres, Eschilo, Shakspeare, Carlyle.

Na historia do naufragio do galeão grande *S. João,* o desastre de Manoel de Sousa de Sepulveda, a morte de sua mulher e de seus filhos, que elle enterra por suas proprias mãos, constitue uma

pagina primorosa e inexcedivel. Roubados, insultados, despidos pelos cafres, Manoel de Sousa, com a sua familia, despedem-se dos seus companheiros de infortunio, dos naufragos do galeão grande, que Manoel de Sousa commandava. Os marinheiros proseguem, chorando de saudade e de lastima, a sua viagem dolorosa no Sertão. Manoel de Sousa fica, apparentemente indifferente, nú, com uma compressa molhada na cabeça, a procurar conter o juizo que lhe foge.

«Depois que André Vaz se apartou de Manoel de Sousa e sua mulher, ficou com elle Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e algumas escravas, das quaes se salvaram tres, que vieram a Gôa e contaram como viram morrer D. Leonor. Manoel de Sousa, ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e filhos passavam de comer, e sendo ainda manco de uma ferida que os cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado, se foi ao matto buscar fructas para lhes dar de comer. Quando tornou achou D. Leonor muito fraca, assim de fome como de chorar, que depois que os cafres a despiram nunca mais d'ali se ergueu nem deixou de chorar, e achou um dos meninos morto, que por sua mão enterrou na areia. Ao outro dia tornou Manoel de Sousa ao matto a buscar alguma fructa, e quando voltou achou D. Leonor fallecida e o outro menino. E sobre ella estavam chorando cinco escravas com grandissimos gritos. Dizem que elle não fez mais, quando a viu fallecida, que apartar as escravas d'ali e assentar-se perto d'ella, com o rosto posto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar nem dizer cousa alguma, estando assim com os olhos postos n'ella. E no menino fez pouca conta. E acabado este espaço se ergueu, e começou a fazer uma cova na areia com ajuda das escravas, e sempre sem se fallar palavra, a enterrou, e o filho com ella. E acabado isto tornou a tomar o caminho que fazia quando ia a buscar as fructas, sem dizer nada ás escravas, e se metteu pelo matto, e nunca mais o viram.»

Nada mais simples, mais sublime, mais palpitantemente dramatico, mais fundamente tragico. Em todas estas narrativas, nem uma só observação psychologica. Tudo é objectivo, exterior, como nos mais modernos processos de estylo tão meditados, tão perfeitos, tão scientificos, da eschola de Flaubert. A impressão de quem lê é lancinante e profunda. Como não temos de desviar-nos com o auctor pelas divagações criticas da analyse dos sentimentos, o facto, em toda a sua humana inteireza, apodera-se de todo o nosso espirito, e a commoção penetra-nos até á consternação e até ás lagrimas.

Este admiravel livro, unico na litteratura portugueza, feito inconscientemente por aquelles que o trasladaram da versão popular, foi o mar, o grande mestre, que o inspirou á poetica alma aventurosa dos navegadores portuguezes.

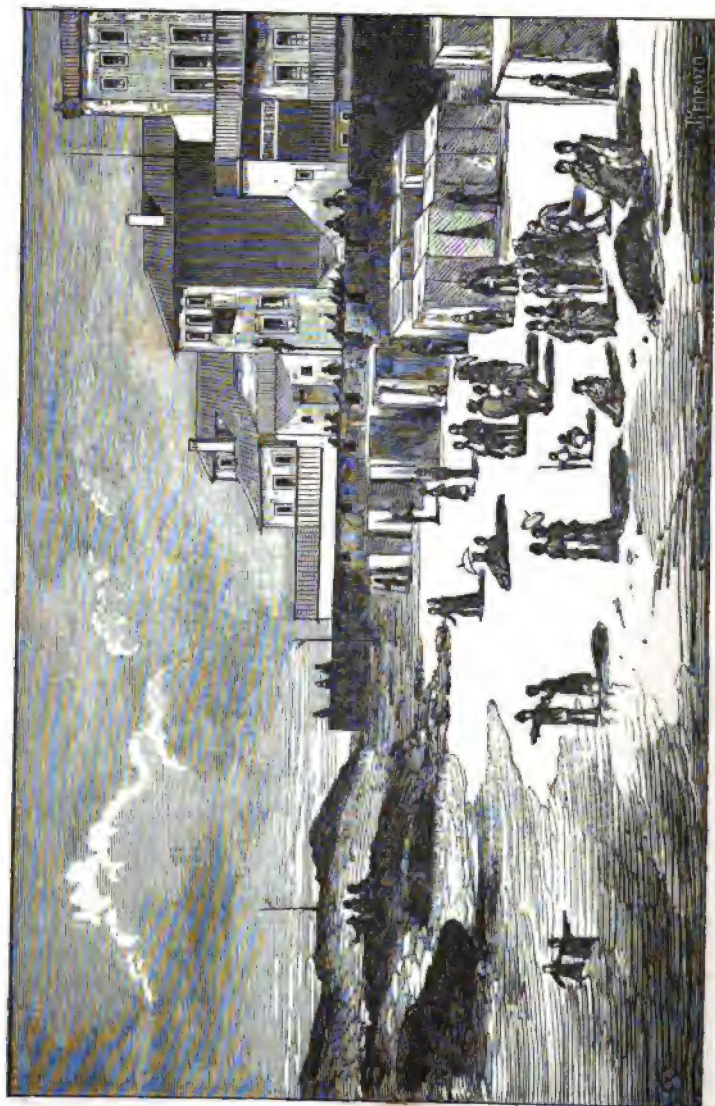
Camões, tendo encontrado em Moçambique um dos marinheiros sobreviventes ao naufragio do galeão de Sepulveda e ás aventuras subsequentes, houve d'elle a historia do desastre, e põe-a na bôca do Adamastor, quando este profere as delicadas e saudosas estrophes, que principiam:

> Outro tambem virá de honrada fama,
> Liberal, cavalleiro e namorado....

Na famosa xácara da *Nau Cathrineta,* querendo o demonio comprar pela salvação da nau a alma do capitão, este exclama:

> Renego de ti, demonio,
> Que me estavas a attentar!
> A minha alma é só de Deus,
> E o meu corpo é do mar!

Tal é o grito valoroso e sublime da alma de um povo que a Providencia destinou a ter no mar a sua historia, a sua inspiração artistica, a melhor, a mais bella, a mais gloriosa parte da sua existencia, finalmente, a sua segunda patria:

> A minha alma é só de Deus,
> E o meu corpo é do mar!

FOZ DO DOURO

A FOZ

Foz! Saudosa Foz! Residencia querida da minha infancia tão afastada já — ai de mim! — d'estes annos duros! Com que terno prazer que eu te saudo, sempre que te avisto, ou penso em ti!

Estamos bem mudados ambos — velha amiga! — tu do que foste, eu do que era!

No tempo em que eu ia de chapéu de palha e de bibe, á tarde, apanhar conchinhas na costa, pela mão de minha avó, tu eras grave, simples, burgueza, recolhida e silenciosa como uma horta em pleno campo.

Tinhas duas hospedarias: a do Julião, defronte do Castello, e a do Silvestre, ao fundo da rua Direita. Em qualquer d'ellas, o preço, com almoço de bifes e ovos, jantar e ceia, com lautas sobremezas de pudim de pão com passas, muita fructa e vinho á discrição, era de um pinto por dia. Porque tudo quanto era bom e caro, custava n'esse tempo — um pinto.

Além d'estas hospedarias havia o café da Senhora da Luz, a Assembleia do Mallen, á esquina da praia dos Inglezes; um barbeiro na rua Direita, que era veterano, tinha a figura de uma esphera, e exhibia á porta do seu estabelecimento um pintasilgo dentro de uma gaiola cylindrica, que andava á roda, fazendo mexer engenhosamente um boneco e uma boneca que estavam dos lados, segurando uma manivella.

Havia tambem a *Rosa das burras,* cujo nome provinha do seu estabelecimento, em que se alugavam as mulinhas cavalgadas para a viagem a Leça, chamando a attenção dos viandantes por meio da seguinte taboleta, pintada no muro do quintal:

Aqui se alugo vurras para passeio e para leites
com albarda e com selim de homen e de senhora.

No principio da estação, em agosto, começavam a chegar os banhistas!

Vinham as familias do Douro. Via-as a gente em magotes, confrangidas, arripiadas, olhando para o mar com uma grande sensação de espanto, de pavôr e de frio.

Os homens traziam os seus capotes bandados de velludo ou de baeta verde. As senhoras atavam na cabeça tres lenços, e punham por cima uma manta. Ao lado ia o padre, o capellão da casa ou o prior da freguezia, com o seu solideo de retroz atabafando-lhe as orelhas, o chapéu braguez seguro por baixo da barba com um cordão, com passador, terminando n'uma bolota. E o ecclesiastico, levando na mão o seu lenço de Alcobaça, de quadrados azues e encarnados, apontava para os navios com o ferrão do seu guarda-sol e explicava alguns segredos da navegação. Atraz seguia a criada, boquiaberta, com os seus bandós alisados com banha de porco, os pés sem meias calçados em grossos sapatos, a saia curta, as mãos debaixo do avental.

Tinham os seus passeios favoritos:

Ao farol da Senhora da Luz, onde o faroleiro deixava olhar pelo oculo para os velhos telegraphos, cujo apparelho de taboinhas, armado no viso dos montes, parecia espreguiçar-se e bocejar as noticias no azul do espaço;

Pela manhã, á feira onde estacionavam os carros das melancias, as canastras com os frangos, os gigos d'uvas, a louça branca e amarella, e as bilhas do leite;

Á Cantareira, de tarde, quando chegavam as lanchas do peixe e se comprava a volumosa pescada de dorso preto, que as criadas traziam para casa em argola, com a ponta da cauda na bocca, como o symbolo da immobilidade egypcia.

Não sei qual era a vida das demais familias que iam para a Foz n'esse tempo, porque a convivencia era tão pouca, que toda a gente comia salada de alho, francamente, sem receio de vir a fallar com outrem que não fosse a familia.

Na minha casa, o theor era este:

De manhã, depois do banho, ás oito horas, almoçava-se café com leite, pão com manteiga fresca, que vinha das terras de minha avó. Ao meio-dia jantava-se. Ás Ave-Marias, quando se escondiam as moscas e o sol, persignavamos-nos, resavamos o Angelus ao toque do sino da Igreja e tomavamos chá com pão de Villar e biscoutos de Avintes.

Vinha depois o serão: uns costuravam, outros liam o *Periodico dos Pobres,* outros jogavam o voltarete; eu tirava os meus significados de Tito Livio e adormecia — sendo consules Marco Tullio e Publio Vitellio.

Ás oito horas e meia, quando os tambores e as cornetas do Castello tocavam a recolher, comia-se peixe cosido, bifes, esperregado, enormes quantidades de melão; procedia-se á operação de ir cada um para o seu quarto queimar os mosquitos; e todos se deitavam em seguida.

Alta noite acordava-se por via de regra uma vez. No grande silencio da terra ouvia-se o mar bramir e rebentar na costa com um echo solemne e triste. Uma voz ao longe chamava: *Ó sê Machado! Ó sê Machado!* Eram os pescadores que vinham acordar o patrão de uma lancha. Na capoeira, umas azas espanejavam ruidosamente. Cantava um gallo. A gente pensava: «Está digerido o melão.» E adormecia-se outra vez, emquanto um mosquito, que escapára á queima, zumbia nas trevas, guloso e feroz.

Muita gente vinha do Porto, de madrugada, tomava banho e regressava á cidade. Este serviço era em grande parte feito pelos *carroções,* um dos mais extraordinarios inventos do espirito portuense, applicado á locomoção.

O carroção era um pequeno predio, com quatro rodas, puxado por uma junta de bois. Dentro havia duas bancadas parallelas, em que se sentavam os viajantes. Por fóra, sobre uma faixa pintada de uma côr alegre, lia-se o nome do proprietario e do inventor da machina: *Manoel José de Oliveira.*

Quanta gente cabia n'um carroção? Nunca se póde saber. Um carroção levava uma familia. Que esta fosse pequena ou grande, o carroção não se importava com isso e levava-a. Levava-a de vagar, mas ia-a levando sempre.

Havia familias enormes que não cabiam em duas salas e que se accommodavam n'um carroção. No inverno, uma d'essas ingentes molles chegava á porta do theatro de S. João. A portinhola abriase; havia uma escada com corremão para descer; o carroção começava a despejar senhoras. O pateo do theatro enchia-se e o carroção continuava sempre a deitar gente. Pasmava-se de que elle podésse conter tantas pessoas, ia-se olhar e encontrava-se ainda, lá dentro, no escuro, a mexer-se e a preparar-se para sahir, tanta gente como a que estava fóra!

Nas viagens para a Foz, para Leça, para a Ponte da Pedra, para Mathosinhos, além da gente, ia tambem nos carroções louça, fatos, roupas, viveres para os viajantes e penso para os bois! Para este fim havia nas bancadas, por baixo das almofadas, esconderijos tenebrosos e profundos, onde, no caso de necessidade, poderia arrumar-se — outra familia.

Manel Zé de Oliveira, ou simplesmente *Manel Zé,* como por elegante abreviatura se lhe chamava, alugava os seus carroções por um pinto, como os quartos da hospedaria do Damião.

Por tão modica quantia teve Manel Zé por muitos annos o glorioso privilegio de fazer viajar a população portuense pelos diversos suburbios tão pittorescos da sua cidade invicta.

Como os carroções andavam tão devagar como as noras, depois de entrar a gente para dentro d'elles e de se pôr a olhar para fóra pelos postigos, não tinha remedio senão observar por muito tempo os logares; de sorte que as viagens feitas por este modo eram para sempre memoraveis.

O primeiro golpe na popularidade enorme de Manel Zé foi-lhe verberado pelo segeiro Tavares, da rua da Boa-Vista. Em certo dia de funcção suburbana Tavares pôz na rua tres carroções novos, de côres extraordinarias, maiores que os de Manel Zé e aperfeiçoados com o appenso festival de uma bandeira. Estes tres carroções chamavam-se o *Rapido,* o *Veloz* e o *Ligeiro.* Do Porto á Foz, uma legua, ida e volta, grande celeridade, a toda a força dos bois,— um dia.

Manel Zé, vendo passar o *Ligeiro*— e só Deus sabe o tempo que o *Ligeiro* levava a passar! — desmaiou de desgosto.

Além d'estes carroções de aluguer puxados por bois, havia os carroções particulares, puxados por vaccas.

Sobre um jogo de quatro rodas enormemente altas, tendo duas vezes o diametro das rodas das antigas seges de cortinas, alçavam-se quatro tremendos ganchos de ferro; da ponta d'estes ganchos desciam quatro valentissimas correias; na extremidade d'estas correias suspendia-se a caixa do carroção particular, tendo na trazeira uma taboa e duas alças para um criado de pé, e ao lado, por baixo das portinholas, dois estribos de que se desdobrava uma escadaria para subir ao monumento.

Consagrando estas modestas linhas á historia da antiga viação portuense, não posso omittir a descripção do notavel carroção da minha familia.

Um tio meu, irmão de minha avó, que fôra frade Grillo, inventou o carroção — de via estreita.

Meu tio, que era tambem meu padrinho, tinha uma enorme força legendaria, comparavel á do principe Mauricio de Saxe, que fazia um saca-rolhas torcendo um prego com as pontas dos dedos. Pouco mais ou menos com a mesma facilidade com que eu dobro pelo meio um bilhete de visita, meu tio dobrava na sua forte mão um pinto de boa e rija prata de lei, do tempo do snr. D. João v. Impossibilitado de andar, em consequencia de ter sido gravemente mordido em uma perna por um cão de fila, empregava os seus ocios, de erudito e de prégador notavel, em trabalhos manuaes. Eram feitos por elle todos os instrumentos ruraes da nossa pequena lavoura.

O seu engenho mechanico levou-o um dia a mandar construir, com a sua collaboração e debaixo da sua direcção technica, um carroção.

A modificação essencial introduzida por elle consistia em affeiçoar as rodas ao trilho ordinario dos carros de bois de modo que o seu carroção podésse penetrar nos caminhos viccinaes das aldeias, seguir os atalhos, subir aos montes, entrar nos campos, etc. A outra modificação era a suppressão das molas, dos ganchos de ferro e dos suspensorios de couro. O carroção de meu tio — sinto dizel-o — não era, em resumo, mais que uma caixa envernizada, com rodas e com postigos envidraçados. De resto, infinitamente commodo, porque, como elle muito bem dizia, «ia-se n'aquillo para toda a parte». Sómente não se ia bem.

A não ser eu, que tinha então cinco annos, ninguem da minha familia consentiu jámais em acompanhar meu tio dentro da coisa a que elle chamava um carroção, mas a que minha avó chamava — um moinho.

Os mesmos viveres eram difficeis de transportar, porque tudo quanto sahia de casa sob as fórmas de garrafas, perna de vitella, pão, queijo, laranjas, etc., chegava ao termo da nossa viagem sob a fórma unica e homogenia — de picado.

A meu tio, porém, todos os carroções lhe pareciam inferiores ao seu.

— Olha, — dizia-me elle quando passava o carroção do nosso visinho, o visconde de Beire — repara n'aquillo: n'aquella caranguejola tudo são balanços: balanço para diante, balanço para traz, balanço para a direita, balanço para a esquerda. No nosso carroção ha um balanço só, unico, exclusivo, que é o balanço de baixo para cima.

Assim era, effectivamente. Esse balanço, porém, valia por todos os outros, porque era tão forte, que por muitas vezes me fez ir apalpar o tecto com a nuca.

— É para te abrir esse juizo! dizia-me meu tio, usando assim, como orador sagrado, da figura de rhetorica, que toma o conteúdo pelo continente.

No sentido litteral o que verdadeiramente ameaçava abrir-se-me não era o juizo, era a cabeça.

Ainda assim divertiamo-nos. Meu tio estava no carroção como no seu quarto. As caixas dos bancos tinham chaves e levavam as suas coisas, provisões de differentes generos, os seus livros, a sua espingarda. Eu soltava no ar o meu papagaio de papel, e levava-o seguro pelo fio dentro do carroção; meu tio deixava-me algumas vezes dar tiros aos pardaes.

Um dia — dia fatal! — meu tio entendeu que o seu carroção era de via ainda mais reduzida do que elle effectivamente era. Mandou-o metter no campo por um caminho estreitissimo. De repente achamo-nos atravancados entre dois predios rusticos. Foram baldados todos os esforços que se empregaram para nos desencravar d'alli: o carroção não ia para diante nem vinha para traz de modo algum. Tivemos então todos que nos separar. Dissemos adeus aos bois pelo postigo da frente. O gado foi por um lado, nós viemos por outro; e por cima, das janellas das casas, desceram homens que desfizeram o carroção e o trouxeram para nossa casa, em pedaços, ás costas.

Além das familias que iam á Foz de carroção, havia as pessoas que iam em burros. Ao pé de Sobreiras parava tudo para desaguar o gado e para os homens comerem.

Ninguem fazia o trajecto de ida e volta á Foz em menos de seis a oito horas, comprehendido o tempo do banho.

No meio d'esta geração vagarosa, pacata, ronceira, havia uma mocidade scintillante, vivaz, animadissima.

O folhetim portuguez teve então a sua edade de ouro nas columnas do *Nacional*, onde experimentavam as suas armas com o mais brilhante successo Evaristo Basto, Camillo Castello-Branco, Arnaldo Gama e Ricardo Guimarães, mais tarde visconde de Benalcanfôr.

No dandysmo os Browns, os Monteiros, os Maias e outros, constituiam um grupo que não teve egual, e que poderia ser comparado ao que era pelo mesmo tempo em Pariz a celebre sociedade de Roger de Beauvoir.

Um, jogando n'uma *soirée* na Foz, perdeu um cavallo inglez que apostára n'uma carta contra 50 moedas. Veio em seguida á rua, montou o cavallo, esporeou-o pelas escadas e pelos corredores, e foi pôl-o na casa de jogo ao pé da cadeira de José Lombardi, que o ganhára.

Outros, sahindo a cavallo de madrugada, e encontrando-se no largo da Trindade com os piquetes da guarda municipal, que tinham patrulhado a cidade e que se reuniam n'esse ponto para marcharem juntos para o quartel, carregaram a guarda, desarmaram-a e dispersaram-a a chicote.

Os de outra cavalgada tomaram de uma vez o Castello do Queijo, aprisionaram os veteranos que faziam a guarnição, carregaram as peças, levantaram a ponte levadiça e ficaram lá dois dias, homens, mulheres e cavallos, vivendo uns de amor, outros de champagne, outros de palha, conforme as necessidades do temperamento e do appetite de cada um.

Os jornalistas tinham uma audacia e uma furia, de que não ficou exemplo. Conta-se que tres bons burguezes, membros da *Sociedade da herva,* que assim se chamava a *Assembleia Portuense,* fulminados n'um folhetim, morreram successivamente de ataques apoplcticos dentro de quinze dias.

O respeito das formulas exteriores era tal que nenhum negociante ousava deixar crescer o bigode e nenhum homem grave fumava na rua. Da força da resistencia contra este espirito humilde, timorato e burguez, bastará dar um exemplo:

Eu mesmo vi um dia sahir da Foz uma burricada, em que um dos cavalleiros ia em ceroulas, com as chinellas de ter no quarto, levava aos hombros um lençol, e na cabeça, enfiada pelo cano, uma enorme bota de montar.

Os negociantes do Souto, do largo da Feira e da rua das Flores, tinham epylepsias de rancor perante estas exhibições do escandalo, mas nenhum protestava ostensivamente, porque os rapazes d'esse tempo ainda se não chamavam os *crevés*, chamavam-se os *leões;* usavam calças á hussard e esporas, bigodes longos e recurvos; traziam em vez de bengallas *casse-têtes* de castões de ferro ou de galho de veado, suspensos do pulso por uma asa de couro.

Sob o seu aspecto bellicoso, tinham um grande fundo de inno-

cencia e de candura, uma sentimentalidade terna e magoada; eram umas crianças — terriveis.

Deram de uma vez um jantar de despedida a uma alegre rapariga franceza. O jantar celebrou-se n'uma casa de Entre-Paredes, e foi todo servido em louça da China e em cristaes inglezes. Á sobre-meza houve um hurrah temeroso: os convivas pegaram na toalha e arrojaram toda a baixella á rua.

O serviço dos carroções e dos burros, sobre os quaes as senhoras regressavam do banho com os seus narizes frios e os seus chapeus postos em cima de seis lenços atados na cabeça, foi ampliado por fim com o serviço dos omnibus, cuja empresa falliu cuido eu.

Os homens sérios não queriam sujeitar-se ás convivencias que ás vezes os esperavam, ou aos ditos de que eram objecto se não confraternisavam com a companhia que se lhes deparava no omnibus.

Na carreira d'estas carruagens, quando o ventre de um capitalista assomava á portinhola para se apear, havia na almofada uma voz que bradava: «Previne-se o publico de que vae arrotar o omnibus!» Logo que o poderoso burguez saltava á rua, outra voz não menos temerosa gritava de dentro: «Meus senhores e minhas senhoras! o omnibus arrotou; vamos proseguir!»

Aos omnibus seguiram-se os *chars-à-bancs;* e desde que estes entraram na carreira da Foz, partindo do Carmo e da Porta Nobre, o movimento dos banhistas augmentou extraordinariamente e a vida n'esta praia entrou na sua phase moderna. Como eram insufficientes as casas da antiga povoação, circumscripta nos pequenos bairros do Monte, da Praia e da Cantareira, as novas edificações começaram a estender-se por Carreiros, aonde se abriu a formosa estrada de Lessa, batida pelo Oceano, varrida pela brisa maritima, impregnada das penetrantes exhalações salgadas. Alguns dos novos predios construidos n'este sitio, um dos mais bellos do nosso litoral, seguiram os modêlos das construcções francezas do mesmo genero e offerecem o elegante aspecto modesto e confortavel, tão raro nas casas portuguezas.

O movimento da sociedade na Foz tem o que quer que seja de desordenado e confuso que perturba os que chegam de novo.

Não se sabe facilmente de onde é que tanta gente vem e para onde é que tanta gente vae. Os estrangeiros acham-se isolados no meio da multidão e julgam-se infastiadamente fóra dos interesses que determinam aquelle movimento geral. A rasão é que toda a gente na Foz anda na rua sem outro destino que não seja sahir de casa e voltar para casa.

A arte de empregar o tempo agradavelmente, rara em portuguezes, é inteiramente desconhecida na Foz. Não ha o estabelecimento dos banhos como nas praias francezas; não ha um parque com flores, com agua, com musica, com jogos de jardim, para onde as mulheres e as crianças vão estar ao ar livre; não ha sequer um *club* — o triste *club* — pelo menos em que as senhoras se reunam de dia.

Almoçar, jantar, enxugar os cabellos, é a occupação ordinaria das banhistas n'esta praia, desde as oito horas da manhã até o fim da tarde.

Á noite, os homens jogam nos *tripots*.

Algumas senhoras do Porto recebem nas suas casas ou organisam *soirées* em uma casa commum destinada especialmente para este fim. Estas *soirées* são extremamente agradaveis.

As senhoras portuenses, em cujas physionomias predomina o louro elemento minhoto e britanico, entre as quaes é raro o typo meridional da mulher de Lisboa, são inteiramente amaveis.

Vestem-se melhor para o campo e para viagem, do que para baile. Nas suas *toilettes* decotadas, nos seus vestidos cobertos de renda, nos seus penteados difficeis, vistas á noite, entre as flôres, no meio das bandejas dos gelados, sob os lustres, falta ás vezes uma pequena coisa, uma prega, uma dobra, um vinco, um toque quasi indizivel, mas essencial ao effeito da linha.

Umas vezes é a roda do vestido que não tem a devida dimensão, que não está bem distribuida, que não quebra onde devia quebrar, e por esse motivo, na valsa ondula mal, descobre de mais ou não descobre bastante o pé, e ao sentar n'um *fauteuil* ou no canto de uma ottomana, não se aparta bem, rapidamente, com um impulso do pé, para um lado; e cae mal.

Outras vezes são as luvas, demasiadamente apertadas, que não deixam fechar a mão, e são um indicio flagrante e terrivel de refinamento provinciano.

Ha n'alguns casos o cabello, a complicada questão do cabello, que nem sempre se resolve satisfactoriamente.

No penteado ha dois generos: o genero desdem e o genero esmero. O genero desdem fica bem ás louras. Os cabellos castanhos e os cabellos pretos não supportam senão o genero esmero.

Os escolhos do penteado desdem são a pellicula e o gancho. Uma pellicula, uma pelliculasinha muito pequenina, o mais tenue indicio, a mais remota suspeita de caspa, compromette tudo. O gancho que se deixa vêr está no mesmo caso da pellicula.

O perigo do penteado esmero é a complicação e os cosmeticos: desde que elle não reune a extrema simplicidade com a minima porção de pomada, está perdido.

Estes senões são coisas tão subalternas e tão secundarias, que eu só as menciono a titulo de pura curiosidade local.

De resto, as *soirées* da Foz, mesmo genero das *soirées* portuenses, são animadissimas. As senhoras teem alegria e vivacidade. Conversam affectuosamente, com uma certa ingenuidade captivante. A entonação e o compasso da sua maneira especial de declamar dá-lhes na conversação um ar sympathico, de uma bondade risonha, que fica bem entre os bons dentes brancos, nas lindas boccas frescas e vermelhas.

Os homens teem o tom, o ar e a moda ingleza; cultivam esmeradamente a suissa, a gravata apparatosa, o fraque curto, a bota grossa e o chapéu de chuva. Andam depressa e a largas passadas. Jantam sempre em familia. Os restaurantes e as mezas redondas são apenas frequentadas pelos viajantes e pelos extrangeiros. Ha dois annos contavam-se apenas na cidade toda quatro sujeitos vadios. Ultimamente, consta-nos que foi um d'elles para o Brazil,— de enfastiado; e que o outro montou uma casa de commissões,— para ter para onde ir. Assim, o numero dos habitantes do Porto inteiramente desoccupados, deve n'esta data achar-se reduzido— a dois.

Ha quatro annos, os portuenses, considerando que Lisboa gostava muito de touros, e que elles detestavam os touros, pareceu-lhes que esta differença constituia para a sua cidade uma inferioridade burgueza, e na semana seguinte, a cidade em peso, como um só homem, como um só fadista, pediu touros, muitos touros, que lhe não dessem senão touros!

—Pois quê! pensavam elles, os lisboetas cuidam que são muito por gostarem de touros? Não são nada. Vamos-lhes provar immediatamente que gostamos trezentas mil vezes mais de touros do que elles.

Construiram-se duas praças e as touradas principiaram. Exito enorme! Concorrencia immensa! Geral frenesi de enthusiasmo! A

sociedade tomou um certo ar toureiro. As senhoras mostravam-se interessadas na qualidade dos curros, queriam vêr o gado, punham gravatas vermelhas e offereciam-se para dar moñas. Muitos cavallos appareciam arreados ao modo do Ribatejo, com o xairel de pelle e estribos de pau. Os mancebos á moda vestiam-se de jaleca e cinta, com calças de bôca de sino, aos sabbados de tarde. As duas praças eram insufficientes para a multidão dos *aficionados*. Os lidadores eram cobertos de charutos, de rebuçados, de palmas e de gritos de triumpho. Finalmente, um delirio!

Ao cabo de dois annos ninguem mais voltou aos touros. Os elegantes deram as jalecas e as calças de bôca de sino aos seus criados de cavallariça; as senhoras nunca mais tornaram a fallar em gado; as guitarras que haviam sido importadas desappareceram da circulação; o fado, que alguns dedos femininos dedilhavam nos teclados de Herard, deixou de acordar os eccos surprehendidos e vexados dos salões portuenses; as duas praças, não tendo outra coisa que fazer, começaram a apodrecer e esperam anciosas o primeiro pretexto decente para se deixarem cahir.

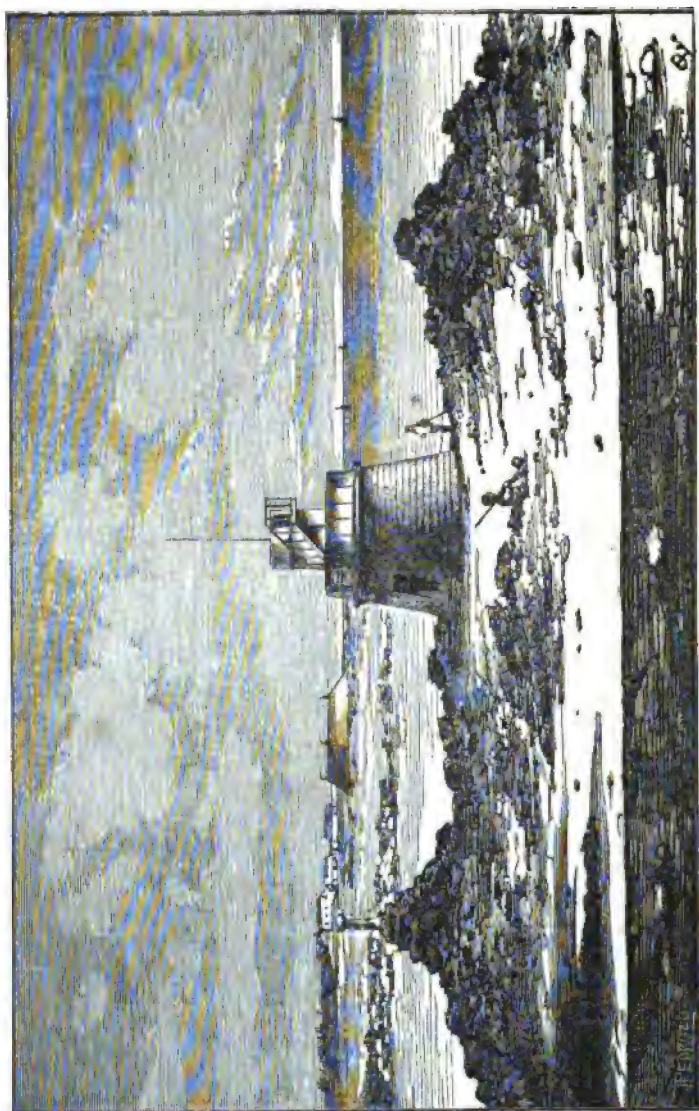
Mas Lisboa tinha recebido uma lição terrivel! O Porto tinha-lhe mostrado que, se quizesse gostar de touros, ninguem gostaria mais, ninguem seria mais maniaco, mais doido, mais frenetico por touros, do que elle! É para que se saiba!

O portuense é o homem mais dedicado, mais serviçal, mais bom homem. Sómente ha tres coisas de que elle não gosta — e n'esse ponto é mau brincar com elle. Não gosta de Lisboa. Não gosta da policia. Não gosta da auctoridade. Da auctoridade vinga-se, despresando-a. Da policia vinga-se, resistindo-lhe. De Lisboa vinga-se, recebendo os lisboetas com a mais amavel hospitalidade e com a mais obsequiosa bisarria.

O serviço dos caminhos de ferro americanos, explorados com talento, converterá dentro em pouco tempo a Foz n'um bairro do Porto. A empreza do carril da Boa-Vista annuncia bilhetes annuaes a preços reduzidissimos. Como esses bilhetes são pessoaes e intransmissiveis, em cada bilhete será impressa a photographia do seu dono. Para este fim, a empreza fará de graça o retrato photographico de cada um dos seus clientes.

As casas na Foz alugam-se ao mez ou pela temporada. As rendas em qualquer das casas orçam pelas de Lisboa. Os mezes mais

baratos são os de junho e agosto. A grande affluencia realisa-se em setembro e outubro.

As principaes hospedarias são a de Mary Castro — cosinha ingleza; a da Boa-Vista — cosinha portugueza; a do Louvre — cosinha mixta, portugueza e franceza. Os preços são de 1$200 por dia.

LEÇA DA PALMEIRA

LEÇA E MATHOSINHOS

Leça e Mathosinhos são para a Foz o que a Ponte de Algés e S. José de Ribamar são para Pedrouços: uma especie de appenso. O que não obsta a que Leça seja de per si só mais importante que S. José de Ribamar, Algés e Pedrouços, todos juntos.

O grande defeito de Leça é que a sua vida objectiva é quasi exclusivamente mineral e vegetal. Entre tantas casas, tantos quintaes, tão bellas arvores, o animal desapparece, o cão esconde-se, o homem sepulta-se, a mulher some-se.

O habitante de Leça foi por muito tempo para nós como o habitante da antiga lua—um problema.

Um dia—ha talvez dezoito annos—achava-se o obscuro auctor d'estas regras n'uma barraca da praia da Foz embrulhado n'um lençol, com os pés dentro de uma gamella. Coelho Louzada, o desditoso escriptor, estava ao meu lado, em outra barraca, embrulhado n'outro lençol, com os pés n'outra gamella. Tinhamos chegado do nosso banho.

No momento da reacção eu estremeci e senti que tinha na cabeça a ideia. Louzada, a quem communiquei esta noticia, aconselhou-me que puzesse os pés para cima e mettesse na gamella a cabeça.

A ideia, porém, que me habitava irrompeu. Era ir d'ali a cavallo pela beira-mar, até Leça.

Lousada acompanhou-me. Alugamos dois machinhos na Rosa das Burras. O marido da Rosa, um ruivo, cheio de sardas, com a voz aflautada, veio fazer a operação difficil de segurar o estribo e acertar-nos os loros ao comprimento das pernas. Problema insoluvel! Os furos dos loros na Rosa das Burras estavam distribuidos de maneira que nunca os dois estribos ficavam em nivel.

Quando os viajantes se queixavam d'este estado de coisas, a Rosa e o Ruivo começavam por dar pontapés com os bicos dos socos no ventre dos machinhos. Se ainda assim se não acertavam os estribos, elles batiam nos filhos com os loros em disponibilidade. Se continuava a differença na altura dos estribos, o Ruivo e a Rosa batiam um no outro. Se o passageiro, depois de todos estes exforços para se lhe acertarem os estribos ainda se não dava por satisfeito, batiam no passageiro.

Portanto, apenas elles acabaram de bater nos machinhos, nos filhos e em si proprios, nós apressamo-nos a declarar que achavamos os estribos optimos, e despedimos por Carreiros fóra a toda a velocidade dos machinhos, que fugiam como settas, imaginando talvez que nós já tinhamos levado a nossa conta e que era chegada a vez de se tornar a começar por elles o processo da Rosa para a regularisação dos estribos.

Ao chegar a Mathosinhos, no caes, perto da ponte estava uma mulher vendendo louça; compramos-lhe dois assobios de barro vermelho vidrado, galanteria muito curiosa, porque de um lado era um apito e do outro lado era um gallo.

Atravessamos a ponte de arcos de pedra que une as duas pittorescas margens do rio Leça e entramos na povoação que tem o nome do rio. Corremos todas as ruas ao trote mais estrepitoso que os machinhos podiam executar por cima das lages das calçadas, assobiavamos ambos com toda a força a que se prestavam os gallos pelo lado em que eram apito.

Com tanta bulha é impossivel que não appareça alguem, que alguem não saia á rua ou não assome ás janellas! Ninguem apparecia.

Passamos por um taberneiro, que tinha á sua porta, preso ao humbral, sahindo para fóra como a haste de uma bandeira, um foguete. Este homem vendia artificios de fogo. Compramos-lhe bombas que começamos a fazer estalar pelas ruas desertas com um ribombo terrivel. Pareceu-nos então ouvir uma voz do alto de uma janella; olhamos: era um papagaio. Esta antipathica ave estava no seu poleiro meneando-se, erguendo ora um pé, ora outro, e regougando esta phrase: *Passa fóra cachorro!*

Iamos partir, iamos regressar á Foz, desenganados de que não veriamos ninguem, quando, ao passar na praia, avistamos ao longe, crescendo para nós, uma figura de mulher. Esperamos. Ella veio. A sua longa e esgalgada perna comia leguas no espaço; o seu longo pé abria abysmos na areia. Parecia uma cegonha em pernas de pau. Um véu verde cobria-lhe o rosto e descia-lhe discretamente até á

cinta. Duas mechas de cabello louro, torcidas em spiral, serpenteavam-lhe de cada lado do rosto até á extremidade do véu como dois enormes saca-rolhas. Os cinco tentaculos da sua mão, calçada em luvas de fio de Escocia, seguravam debaixo do braço uma larga pasta de marroquim. Via-se-lhe um só dente mas tão grande que parecia vêrem-se-lhe todos!

Como nós estavamos com os machinhos atravessados na embocadura da rua que era provavelmente o seu caminho, ella pareceu hesitar um momento. Em seguida o seu pé ergueu-se, ergueu-se, ergueu-se... Comprehendemos que ella ia passar por cima de nós e dos machinhos, tiramos á pressa da algibeira os nossos gallos e principiamos a imitar o melhor que podemos os silvos da terrivel cobra cascavel no momento pavoroso em que essa venenosa serpe se acha no auge da fome e do rancor.

A do véu verde, então, deu um salto para traz sobre o pé que tinha no chão, e o pé que estava no ar, em vez de passar por cima de nós, pousou a um lado. Ella ficou-nos de perfil, descreveu em largos e altos passos uma linha que fazia angulo recto com a que ella seguia ao marchar sobre nós, e o véu verde desappareceu d'ahi a pouco nas brumas opalinas do horisonte.

Ninguem mais vimos! Era todavia em setembro, e Leça estava cheia de banhistas. Voltei lá no inverno, quando Leça estava inteiramente vasia, esperando ver alguem: a solidão era a mesma, dir-se-hia que Leça continuava sempre—a estar cheia! Fui lá outra vez este anno no principio da estação com Emilio Pimentel. Iamos percorrendo as differentes ruas desertas da povoação quando ao dobrarmos uma esquina ouvimos uma campainha tangida á porta de um *cottage*. O dedo seco e longo que carregava no botão de cobre reluzente era um dos cinco tentaculos que eu vira ha dezoito annos. Debaixo de um braço reconheci a mesma pasta de marroquim; no rosto o mesmo dente e os mesmos dois saca-rolhas appareciam como dois capitulos vivos da inflexivel historia, essa grande mestra da vida! Ella olhou-me de lado, obliquamente, com um olho só, nú, mas tão vivo que parecia armado de uma forte lente esverdenhada. Creio que me reconheceu e que teve medo da peçonha do assobio que eu n'outro tempo expedia, porque o seu grande véu cahiu-lhe rapido sobre o rosto até meio do peito, a porta do *cottage* abriu-se como tocada por uma mola secreta, e ella desappareceu como uma sombra.

Na Praça Nova de Mathosinhos ha uma estatua com esta inscripção:

Á memoria de Passos Manoel
Erigiram este monumento seus conterraneos
24 de agosto de 1864

Este singello e sympathico testemunho da estima de alguns cidadãos pela memoria de um seu conterraneo illustre vale muito mais como intenção moral que como obra artistica. A estatua do eminente estadista e do insigne tribuno popular parece-se pouco com o original. A attitude é encolhida e falsa. A correcção do desenho é ligeiramente contestavel. O grande homem, representado n'esta effigie de marmore branco, tem o aspecto de quem está pedindo a opinião dos passeantes ácerca do corte austero da sobrecasaca monumentosa que elle tem vestida. Essa sobrecasaca, tão digna e honradamente mal feita, certifica á posteridade a puresa dos costumes do cidadão que a enverga, impolluto dos contactos viciosos e depravados do dandysmo moderno.

Na mesma praça arborisada em que está a estatua de Passos Manoel acha-se o Hotel de Mathosinhos, do snr. José Henrique Gonçalves, onde os quartos se alugam por 1:000 reis por dia, serviço todo incluido.

No hotel ha restaurante com serviço por lista.

A pequena povoação de Mathosinhos, com a sua igreja e a sua enorme imagem do Senhor, tão sympathica á devoção dos mareantes, é extremamente aceada, alegre, bem lavada de ares. Tem novas casas modernas, elegantes, muito bem repartidas, construidas recentemente pela Companhia Edificadora Portuense.

Na estrada de Mathosinhos, perto da povoação, está o hypodromo do Jockey Club Portuense, vasto, com uma boa pista, dominado por uma esbelta tribuna. Tem um só defeito: é circumdado por uma alta vedação de madeira. Para que é vedal-o por esta fórma? Uma simples corda bastaria. Se querem fazer das corridas um divertimento nacional, é preciso que o povo as veja de graça. Em Inglaterra, em França, em todos os grandes campos de corridas, o povo tem o seu logar gratuito. Vedar com tristes e melancolicas pranchas de madeira a vista de quem não paga é dar ao sentido das corridas uma estreita accepção que póde parecer mesquinha da parte de ricos e cavalheirosos *gentlmen*.

Em Leça encontram-se pequenas casas confortaveis um pouco mais baratas que na Foz, de apparencia mais modesta, e, para assim dizer, mais rustica.

Dois hoteis—o *Central* e o *Stephania*—recebem hospedes a 1:000 e a 1:500 reis, havendo abatimento para mais de uma pessoa da mesma familia. No *Stephania,* mais longe da praia que o outro, ha bilhar e piano. O preço dos jantares á mesa redonda nos dois hoteis é de 500 reis. No *Central* ha dois jantares, um ás 5 horas outro ás 6. Na primeira mesa recebem-se os hospedes portuguezes, na segunda os cidadãos britannicos.

Leça é nos suburbios do Porto a praia preferida pela colonia ingleza, cujos habitos, cavallos, trens, *toilettes* imprimem ao sitio a principal animação do seu aspecto exterior.

Na praia ha um miramar com este distico:

Real sociedade humanitaria.
João Pinto de Araujo,
a bem da classe pescadora, mandou edificar
em 1870

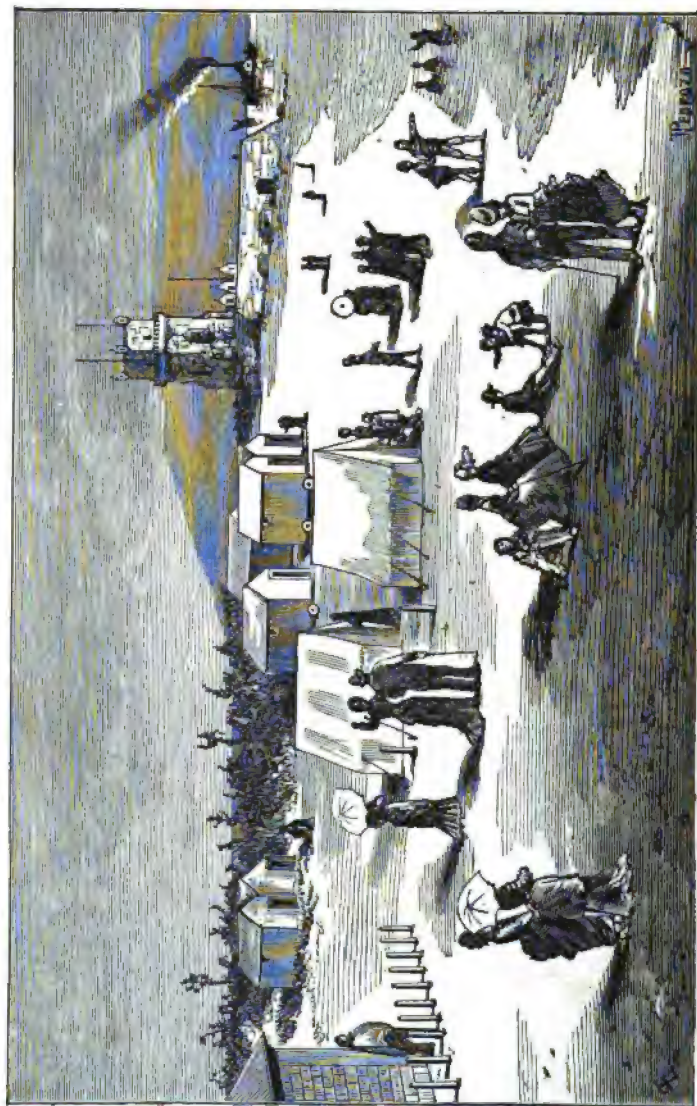
O miramar é destinado a dar senha aos barcos de pesca que passam á vista da costa em dias de mar bravo.

A fortaleza da povoação, cujos fossos estão cuidadosamente ajardinados, tem, vista de perto, o caracter pittoresco de uma horta acastellada. Como construcção militar é do genero d'aquellas que existem na maior parte das praias portuguezas e que foram construidas sob a direcção do conde de Lipe.

O rio Leça, de margens amenissimas, presta-se ás pequenas partidas de *canotage.*

Um bello passeio, por estrada carroajavel, liga Leça á estação de Pedras Rubras e põe os seus habitantes em communicação com o caminho de ferro da Povoa de Varzim excellente para os passeios dos convalescentes e para as excursões dos paizagistas.

Aos caçadores proporciona-se, tanto aqui como na Foz, o tiro ás rôlas de arribação que passam em agosto e setembro, depois dos primeiros ventos de leste.

PEDROIÇOS

PEDROUÇOS

É a mansão official da villagiatura burocratica de Lisboa.

Chefes de secretaria, officiaes, amanuenses, tabelliães, guarda-livros, caixeiros de escriptorio, escrivães, retemperam annualmente em Pedrouços a sua pallida e sedentaria fibra plumitiva.

Por isso, Pedrouços, a uma legua de Lisboa, tem um pouco o aspecto de uma secretaria do Estado — ao ar livre.

Os predios á beira da estrada, que atravessa a população e constitue a sua rua principal, são graves, sérios, aprumados, e olham uns para os outros pacatamente, como quem se prepara para jogar o wisth ou para resolver a questão da fazenda.

Senhoras em cabello saltitam na rua, de casa de umas para casa de outras, visinhando.

Meninas de bibes brancos, escrupulosamente nitidos, trazem os seus arcos.

Seis ou oito pianos em uso de ares, anemicos, debilitados, tossem a valsa da moda com uma alegria contrafeita e um *élan* doente e abatido.

Empregados publicos, de botinas brancas, sentados em cadeiras de vime á porta das suas habitações, lêem a prosa da folha official e parecem regalados na convivencia d'aquelle bom companheiro — tão espirituoso! — o *Diario do Governo*.

Nas ruas do interior da população vê-se pelas janellas, no interior do primeiro pavimento das casas, a mobilia, as camas, os fatos, os viveres e os habitantes, accommodados como n'um armario repleto. Não ha no chão a menor superficie desoccupada, e nota-se com sobresalto que, para entrar ali uma visita, teria forçosamente de sahir d'ali uma commoda.

O lixo das ruas tem um caracter especial, parecido com o lixo erudito e pedante que Henry Heine encontrou nos jardins dos pro-

fessores da Universidade de Gœttingue. O lixo de Pedrouços nada tem de commum com o lixo ordinario das aldeias e das povoações maritimas. É um lixo urbano, cazeiro, mais de corredor que de rua, feito de bocadinhos de trapo, de amostrinhas de *bareges*, de papeis velhos e de jornaes rasgados.

Á noite, quando os candieiros se accendem, as familias fazem grupo em volta da mesa redonda com tapete azul. É o recolhimento domestico, modificado no seu aspecto por uma consideração: — a consideração feita pelo recolhimento de que o estão observando os passageiros curiosos dos omnibus, que passam na rua, quasi por cima dos pés das pessoas que estão nas salas.

As casas são tão juntas e a concorrencia tão agglomerada, que todos vivem em contacto intimo uns com os outros, mesmo ficando cada um em casa. Pela manhã, a gente abre a janella do seu quarto, deita a cabeça de fóra e póde fazer a barba no espelho do seu visinho do predio fronteiro.

Ha um bom hotel, o *Hotel Club*, fresco, aceado, dirigido por uma senhora franceza e apresentando a boa apparencia interior, modesta e confortavel da *pension bourgeoise*.

Ha tambem algumas velhas arvores frondosas dentro da quinta do duque de Cadaval, a cuja porta hospitaleira vão as senhoras nos dias calmosos pedir sombra.

Pedrouços tem optima sombra fresca e murmurosa para todos os seus habitantes. Sómente é preciso que estes tenham o trabalho de a ir buscar á matta de Cadaval. Fóra d'esta propriedade é arriscado contar com outra sombra que não seja a que cada um projecta nos muros, o que sempre dá alguma frescura, ainda que pouca — ás paredes.

A praia, como todas as da grande Bahia do Tejo, é lisa, plana, de areia fina. O mar é tranquillo, sereno como um lago, o melhor dos banhos, na maré enchente, para as creanças fraquinhas, para as mulheres debeis, fatigadas.

O forte mar que bate as rochas da praia da Foz, da Figueira, de Leça, da Povoa de Varzim, convém mais particularmente aos fortes, ás grossas constituições limphaticas, alentadas e molles, que precisam do exercicio da resistencia e da lucta. As praias do Tejo, de Pedrouços a Cascaes, são como as dos golphos da Italia e as da bahia de Arcachon, as mais propicias á constituição dos valetudinarios e dos anemicos.

É pena que, de tantas senhoras que se banham em Pedrouços, no Dá-Fundo, em Paço d'Arcos, em toda a orla do Tejo, tão poucas nadem. N'estas aguas serenas seria da maior vantagem para

as mulheres a natação. Este nobre exercicio, executado de bruços, obriga a uma forte contracção os musculos do dorso e do pescoço, gymnastica extremamente benefica para as pessoas que se fatigam com o menor exercicio, e ás quaes a natação desenvolve muito a força da columna vertebral.

Seria um optimo serviço á therapeutica o estabelecimento n'esta praia de uma escola de natação para as senhoras.

Nas praias da Allemanha é rarissima a mulher que não sabe nadar. Outra differença: as portuguezas vão para a agua com demasiado fato; as allemãs chegam a ir vestidas unicamente com o seu bracelete. Para que esta innocente liberdade paradisiaca, para que esta simples *toilette* pre-historica se torne possivel, ha na Allemanha algumas praias privativas das senhoras, onde o ingresso é prohibido aos homens por meio de um distico collocado a distancia n'um poste de madeira. Ao que transgride a disposição do letreiro, applica-se uma multa de cerca de duas libras... Meu Deus! é enorme. Aconselho a escóla de natação, mas não aconselho na *toilette* senão modificações parciaes, porque, a nudez por um lado, as duas libras por outro, em Allemanha é a lei para todos, em Portugal seria para cada um a ruina: tantas vezes a multa seria paga!

Junto de Pedrouços, para o lado de Lisboa, fica a praia de Belem, cujas condições são muito similhantes ás de Pedrouços.

Como povoação, Belem tem inteiramente o caracter de um bairro urbano, desgregado da capital pela breve solução de continuidade que ha nas edificações marginaes entre Alcantara e a Junqueira. Supprimam essa solução com a edificação de alguns predios, e desde Santa Apolonia até o Bom Successo ninguem perceberá onde Lisboa termina e onde o suburbio começa.

Durante a melhor parte da estação dos banhos, em agosto e setembro, o principal elemento da vida social e da animação de Belem e praias adjacentes, é a feira, a famosa feira de Belem.

No grande largo dos Jeronymos, em frente da igreja, arma-se a feira em tres longos arruamentos parallelos. O primeiro tem de um lado a igreja e do outro a linha das barracas dos bonitos, da louça das Caldas, da quinquilheria, da ourivesaria, dos pequenos botequins, onde antigamente o serviço se resumia em nozes, queijadas da Sapa, algum doce d'ovos e licor de rosa, mas onde modernamente se vendem os gelados aristocraticos, ha um piano que procura com mais ou menos exito alegrar os prazeres da gula, e sob os bicos de gaz scintillam os copos de *groseille*, lambedor que parece particularmente grato ás meninas de olhos sentimen-

taes que circumdam as mesas, e aos officiaes subalternos dos esquadrões de lanceiros que completam a roda.

No segundo arruamento estão dispostos os restaurantes ambulantes, as tascas nacionaes, tão pittorescas e tão caracteristicas, presididas pelos Vateis celebres na gastronomia popular: o *Velho Pinxa*, a *Guilhermina*, o *Vicente*.

Este arruamento é o orgulho da cosinha portugueza em toda a sua nativa e genuina pureza.

Nos grandes restaurantes de Lisboa, a preoccupação franceza desnortêa os cosinheiros e leva-os a envenenar-nos com burundangas asquerosas, cujos effeitos gastricos levam muitas vezes a victima a lamentar que, em vez de terem vendido a sua alma ao extrangeiro, os cosinheiros a não tivessem vendido ao diabo, para não manipularem para mais ninguem as suas mixordias execrandas e traidoras. Na tasca da feira de Belem, a caldeirada de mexelhão e de ruivo, os camarões, as saladas de alface ou de pimentos, o linguado frito, constituem a lista do que Portugal póde offerecer de mais perfeito na ordem dos simples e honestos acepipes nacionaes.

No terceiro arruamento ficam os theatros ambulantes, os acrobatas, os alcides, os animaes sabios, as figuras de cêra, o tiro ao alvo, os gigantes, os anões e as mulheres gordas, que, depois de haverem sido admiradas em todas as côrtes e de terem fascinado as principaes testas coroadas, consentem afinal, cheias de magnanimidade e de transpiração, que os povos, com a ponta do dedo e mediante a quantia de um pataco, verifiquem que ellas não trazem algodão na barriga da perna nem em nenhuma outra parte, a não ser talvez, um pouco, no velludo do vestido — dadiva de um poderoso principe.

Na varanda dos pequenos theatros, os figles bufam grossos monosylabos mavorcios; os clarinetes silvam alegres marchas triumphaes; uma corneta de chaves, dedilhada por uma grossa mão athletica com uma unha esmagada, divaga em requebros sentimentaes e gemebundos. Os palhaços gritam: «Vae prrrincipiar a funcção! Vae prrrincipiar! Comprrrem seus bilhetes!» A grande luz crua do gaz allumia de chapa as physionomias dos circumstantes. Uma dançarina macroba, com a sua angulosa corpulencia ossuda, vestida de tulle de côr verde, mastigada pelo tempo, salpicada de lentejoulas enferrujadas pelo suor, com o rosto estucado de alvaiade e alegrado de vermelhão, espera ao lado da orchestra, com as suas castanholas no bolso, que sôe a hora de ella entrar em scena,

juvenil, travessa, *salerosa*, com uma rosa de papel vermelho affixada na cuia, sorrindo n'um *pas de deux* ao *gitano* de oculos, que interinamente está por baixo, n'um nicho, vendendo os bilhetes.

E dentro das pequenas barracas mais obscuras — á porta das quaes um simples realejo modestamente remoe — o anão, vaidoso e maligno, passeia com as mãos nos bolsos; a mulher gorda, posta no throno em que se ha de exhibir, pede ao seu empresario que vá de uma corrida buscar-lhe um bocado do ventre postiço que lhe esqueceu em casa; e o gigante, encolhido, contemplando as suas longas pernas esgalgadas e frageis, escuta a musica, os pregões, os alegres ruidos da feira, sente a mais profunda tristeza nostalgica — a enorme tristeza dos gigantes; e com o seu pequenino craneo, desproporcional, apertado nas mãos, considera-se o mais desgraçado dos séres.

Para os extrangeiros, Belem é interessantissimo, pelos monumentos que encerra:

O Picadeiro de Belem, onde se conservam os velhos coches de gala dos reis portuguezes.

O monumental paço d'Ajuda, de uma grandeza cezarea, cuja ornamentação caracterisa profundamente o mau gosto inexcedivel da arte decadente, da orgulhosa pompa monarchica, absolutista e fradesca, construido pelo italiano Fabri e encerrando alguns frescos bem pintados por Pedro Alexandrino.

Finalmente, o convento dos Jeronymos, a joia preciosa, a obra prima da architectura nacional.

O Santo templo
Que nas praias do mar está sentado.

A historia do grande e famoso mosteiro prende-se aos fastos mais bellos da nossa historia, á gloria immarcessivel dos nossos navegantes.

No logar em que hoje se acha o edificado convento — a antiga praia do Rastéllo — existia no tempo de D. Manoel uma simples ermida, fundada pelo infante D. Henrique e doada por elle á ordem de Christo, de que era mestre, a fim de n'ella se prestarem os soccorros espirituaes aos mareantes.

Esta ermida presenceou no dia 8 de julho de 1497 — um sabbado — a ceremonia que, solemnisando a partida de Vasco da Gama, marcava a primeira data do maior feito d'essa edade: — o descobrimento do caminho maritimo da India. Barros, nas *Decadas*, descreve nos seguintes termos essa commovente solemnidade:

«E quando foi ao embarcar de Vasco da Gama, os freires da casa, com alguns sacerdotes que da cidade lá eram idos dizer missa, ordenaram uma devota procissão, com que o levaram ante si n'esta ordem: Elle e os seus com cirios nas mãos, e toda a gente da cidade ficava de traz, respondendo a uma ladainha que os sacerdotes adiante iam cantando, té os pôrem junto dos bateis em que se haviam de recolher. Onde, feito silencio, e todos de joelhos, o vigario da casa fez em voz alta uma confissão geral; e no fim d'ella os absolveu na fórma das bullas que o infante D. Henrique tinha avido para aquelles que n'este descobrimento e conquista fallecessem. No qual acto foram tantas as lagrimas de todos, que n'este dia tomou aquella praia posse das muitas que n'ella se derramam na partida das armadas que cada anno vão a essas partes que Vasco da Gama ia descobrir. De onde com razão lhe podemos chamar praia de lagrimas para os que vão e terra de prazer para os que vem. E quando veio ao desfaldrar das velas, e que os mareantes, segundo seu uso, deram aquelle alegre principio de caminho, dizendo: *boa viagem,* todos os que estavam presentes na vista d'elles com uma piedosa humanidade dobraram estas lagrimas e começaram de os encommendar a Deus e lançar juizos, segundo o que cada um sentia d'aquella partida. Os navegantes, dado que com o favor da obra e alvoroço d'aquella empreza, embarcaram contentes, tambem, passado o termo do desferir das vélas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos, e lembrando-se que sua viagem estava posta em esperança, e não em tempo certo e lugar sabido, assim os acompanharam (aos que ficavam) em lagrimas e no pensamento das cousas que em tão novos casos se apresentam na memoria dos homens.»

D'esta partida e do glorioso regresso de Vasco da Gama, veio talvez a D. Manoel a ideia de fundar o convento que substituiu a ermida, sendo dada pela corôa aos freires de Christo a casa em que fôra uma synagoga, que a rainha mandou purificar e que se converteu na igreja da Conceição Velha.

Os religiosos a quem foi dado o mosteiro sob a invocação de S. Jeronymo eram obrigados á seguinte clausula: «Ao *lavabo,* o sacerdote que celebrasse a missa, se voltaria para os fieis e diria em voz alta: *Rogae a Deus pela alma do infante D. Henrique,*

primeiro fundador d'esta casa, e pela de D. Manoel, que a doou á nossa ordem.»

Segundo o snr. abbade Castro, o altar em que se disse a missa da partida do Gama é o do Senhor dos Navegantes, que ainda hoje se conserva na igreja de Belem.

O templo é todo de marmore branco, no estylo gothico, sendo todos os ornatos arrendados e cinzelados primorosamente ao gosto manoelino que inspirou o risco opulentissimo do claustro.

Ao entrar na igreja pela porta principal, transpondo-se a primeira parte do edificio, abafada debaixo do côro, recebe-se uma repentina sensação de grandeza e de magestade, de que Filippe II deu a medida, quando, visitando pela primeira vez a igreja de Belem, se voltou para Christovam de Moura que o acompanhava e lhe disse: *É nada o que fizemos no Escurial.*

Filippe II tinha estudado profundamente architectura. O seu voto, como critico, é tão auctorisado quanto é insuspeita a sinceridade da sua admiração como rei e como hispanhol.

Os pilares que sustentam o tecto, de abobada chata, são tão superiormente trabalhados, que o barão Taylor, enviado a Lisboa em 1836 pelo governo francez, não só tirou d'elles os desenhos, mas os mandou modelar a todos em gesso pelo natural.

A abobada do cruzeiro é mais admiravel que a da casa do capitulo na Batalha.

Na porta da igreja para a parte do Sul, trabalhada como uma joia, de magnificencia admiravel, vê-se sobre a columna que divide a porta pelo meio, a estatua do infante D. Henrique, armado, de cabeça descoberta, encostado á espada. Seria demasiado longo consagrar aqui ao mosteiro dos Jeronymos o estudo que elle merece e que, de mais, está já feito pelos snrs. abbade Castro e Varnhagen. Ás investigações d'este ultimo erudito se deve o achar-se hoje demonstrado que o primeiro architecto da obra de Belem foi um italiano chamado Bocetaca. O segundo mestre foi o portuguez João de Castilho. Álém d'este havia outros empreiteiros que se obrigavam a trazer effectivos no trabalho um certo numero de operarios, cerca de cem cada empreiteiro.

Mestre Bocetaca ganhava 100 reis por dia. O jornal dos operarios era de 40 reis e o dos mestres empreiteiros 50 a 60 reis.

A estas despezas tinha D. Manoel mandado applicar a vintena da importancia dos productos trazidos da India. Em 1570, D. Sebastião mandou cessar as obras que ainda se estavam fazendo na capella-mór da igreja, reedificada pela rainha D. Catharina, sendo

o dinheiro anteriormente destinado á obra applicado por ordem do mesmo rei ás despezas das guerras d'Africa.

No edificio do mosteiro acha-se estabelecida, desde a extincção das ordens religiosas, a Real Casa Pia de Lisboa, um dos raros estabelecimentos portuguezes exemplarmente administrados e dirigidos.

POVOA DE VARZIM

POVOA DE VARZIM

É o caravansará dos habitantes do Minho em uso de banho ou de ar do mar. Nenhuma outra praia offerece tão variada concorrencia. Em agosto e setembro a Povoa converte-se em uma enorme estalagem com quartos a todo o preço, em que se albergam os romeiros de todas as gerarchias, desde o mendigo legendario, o mendigo dos melodramas e das feiras minhotas, de muletas, de alforge ao pescoço e de grandes barbas esqualidas, até o poderoso commendador brasileiro, de camisa de bretanha anilada como um retalho de ceu pregado no peito com um brilhante.

A rua da Junqueira — principal arteria da povoação que liga a praça em que se acha a casa da camara, a administração e o mercado, com a praia — está desde pela manhã cedo até alta noite coalhada de moscas e de gente.

As moscas cobrem os muros, as humbreiras das portas, as vitrines e os mostradores das lojas, n'uma immobilidade, n'um goso, n'um extasi que impressiona particularmente os forasteiros. As superficies que as moscas deixam devolutas são occupadas pela gente. Quando um viajante chega, com a sua mala, ergue-se no ar uma nuvem negra que scintilla e que zumbe: são as moscas que se deslocam e procuram apertar-se um pouco mais para dar logar ao adventicio. Outras vezes é a gente que encurta o passo, que se condensa, que se enovella: n'estes casos é uma nova mosca que chega e sollicita o seu logar na rua. Dá-se-lhe o espaço preciso para ella se estabelecer e a circulação dos viandantes regularisa-se e prosegue.

Vê-se o pequeno lavrador que desceu dos montes para banhar as suas enfermidades. Traz um lenço na cabeça, por baixo do chapéu, atado ao queixo, amplas chinellas de couro crú, longo capote de cabeções. Mulheres de pés nús, com as saias de baeta pelos

hombros, as mãos crusadas no estomago, o cabello curto cahido n'uma sanefa sobre as sobrancelhas. Os morgados ruraes, de botas de montar e esporas, jaqueta de astrakan, alta chibata de marmeleiro. As senhoras provincianas com as suas boas côres sadias, os seus bons dentes brancos, as suas fortes bôcas vermelhas, luvas de fio de Escocia apertadas com cordões de sêda azul e cuias de retroz em rolo inteiriço, enroscado como o chouriço de sangue, ou dividido em secções como um cacho de murcellas de Arouca preso á nuca com dois pregos de cabeça de tartaruga. Todos os juizes, todos os delegados, todos os presidentes de camaras das comarcas e das municipalidades circumvisinhas. O *sport* de Braga, com os seus bigodes espessos e brilhantes, os seus chapeus á moda e as suas esporas de prata tilintando na lage das calçadas. O *high-life* de Guimarães, de Fafe, dos Arcos, de Santo Thyrso, de Villa Nova de Famalicão, de Barcellos, ostentando novas *toilettes* esmeradas, imitadas dos ultimos figurinos com as devidas modificações exigidas por um bem entendido espirito de conciliação entre a novidade de Pariz e as tradições e as conveniencias locaes dos respectivos meridianos. Os jogadores de toda a provincia e de outros pontos do reino com as palpebras inflammadas pela acção do gaz e do petroleo, com a sua pallidez oleosa como se fosse tratada pelas exhalações da terebentina ou como se se lhes tivesse congelado na face o gorduroso vapor das batotas.

Entre esta multidão que permanece na Povoa durante um, dois ou tres mezes, figuram ainda os *touristes* que fazem a viagem circulatoria do Minho e se demoram poucos dias, os visitantes do Porto que chegam nos domingos com os seus bilhetes de ida e volta.

A rua da Junqueira com a sua gente e as suas moscas apresenta o aspecto de um arruamento de feira.

Em todas as casas ao rez da rua se organisam estabelecimentos de commercio, uns fixos, outros fluctuantes.

As lojas de barbeiro, sempre em exercicio, no meio das quaes um homem envolto n'uma toalha, dorme n'uma cadeira de braços ou considera as moscas que coalham o tecto, em quanto o Figaro, de mangas arregaçadas, lhe segura delicadamente a ponta do nariz e lhe raspa a face envolta n'um floco de espuma.

Os ourives postados por traz das suas vitrines mostrando ás mulheres do campo os grandes corações de filagrana de ouro, os relicarios, as grossas arrecadas.

Os camiseiros com a sua exposição de camisas de côr, de gravatas de todas as gradações do iris, de bengalas, de chapeus de chuva, de joias de cobre dourado, de collarinhos postiços, de lu-

vas, de aguas de cheiro e de unguentos aromaticos, — todos os artigos do luxo barato.

Os espectaculos das grandes guerras e dos longinquos paizes, das mulheres gordas e das mulheres gigantes, tendo á porta o seu reposteiro de chita encarnada ao lado do respectivo cartaz e dentro o realejo festival moendo um trecho da *Favorita*.

Os botequins, os estancos, as tabernas com o seu grande ramo de loureiro á porta.

Os mercadores ambulantes, vendendo ás esquinas os pequenos espelhos, as estampas, as lithographias das testas coroadas e os reportorios montados n'um barbante. Os que trazem suspenso do pescoço por uma correia o taboleiro com os canivetes, os garfos, as colheres, os pentes, as caixas dos pós de dentes e os sabonetes Windsor. Os que tiram as nodoas e vendem as pastilhas maravilhosas que comem a gordura da gola das jalecas. Os que exhibem encostada ao muro a collecção de varapaus argolados, de desempenados marmeleiros, de cannas da India com os seus ferrões polidos embrulhados em papel.

N'esta multidão espessa e ruidosa sobresahem de espaço a espaço as pesadas diligencias, os *chars-à-bancs* de cortinas de riscado ou de couro, cobertos de poeira, puxados por tres cavallos escancellados, com o tejadilho acuculado de malas, de saccos de chita, de alforges, de bahus, de caixas de lata, carreando os passageiros de Barcellos, de Fão, de Celorico e do Pico.

A' porta das estalagens homens com as suas bagagens sobraçadas descendem gymnasticamente da imperial, emquanto mulheres gordas e pesadas, amparadas com as duas mãos aos batentes da portinhola, adeantam para o estribo um pé arrastado, descobrindo o grosso artelho entorpecido pela sciatica.

Dois grandes e bellos cafés, com optimos bilhares, grandes espelhos, muita luz, abrem as suas portas sobre a rua da Junqueira.

A' noite esses cafés enchem-se inteiramente. Homens, senhoras, banhistas de todas as classes, viajantes de todas as procedencias, occupam todos os bancos, agglomeram-se em volta de todas as mezas. No meio os jogadores de bilhar procuram com difficuldade um pequeno espaço pará poderem recuar os tacos. Os creados circulam difficilmente com as bandejas. Harpas e rebecas organisam um concerto. Uma mulher hespanhola ou italiana, com um prato de estanho, sollicita com um sorriso os donativos da assembleia. Um baritono de longos cabellos, penteados para traz das orelhas, infatigavel berrador, com a mão na abertura do collete,

a fronte alta, o olhar intrepido, entôa uma romansa. Uma espessa athmosphera de fumo dos charutos, empregnada dos vapores do alcool, da cerveja e do café, envolve aquelle grande ruido. Ás portas mulheres do povo, homens de cajados e jalecas ao hombro, olham apinhados e em bicos de pés.

Por cima de um d'estes cafés é a casa de jantar do hotel Luso-Brasileiro, um vasto salão que em algumas noites se converte em sala de baile. Não ha club. Os bailes organisam-se por subscripção entre os banhistas e a casa é alugada para esse fim aos proprietarios do hotel.

Em todos os cafés ha um compartimento supplementar em que se joga o monte ou a roleta; em um d'elles passa-se da sala do bufete ao jardim, onde se acha a roleta installada n'um bonito pavilhão.

Na Povoa, assim como em Espinho, na Foz, na Figueira, em todas as grandes praias, a concorrencia em volta do panno verde é das mais curiosamente variadas. Homens de todas as condições sociaes, proprietarios, funccionarios publicos, capitalistas, professores, litteratos, militares com os seus uniformes, sacerdotes com as suas corôas. Como o jogo é prohibido, como a casa da tavolagem se considera secreta, como ha uma entrada mysteriosa, cada um se julga ao abrigo da notoriedade e todo o mundo joga. Os caixeiros imaginam que não serão ahi vistos pelos seus patrões, os filhos que não encontrarão lá os seus paes, os devedores remissos que estarão livres dos fornecedores implacaveis, os amanuenses que não darão com os chefes de secretaria, os jovens tenentes que estarão a coberto do olhar reprehensivo e severo dos commandantes dos corpos. Depois, lá dentro, se os inesperados encontros se effectuam, como geralmente succede, a cumplicidade n'um delicto commum estabelece uma indulgencia reciproca. Isto é uma calamidade que só ha um meio de evitar: decretar a liberdade do jogo sob certas condições essenciaes entre as quaes não devem esquecer as seguintes:

1.ª Que o jogo seja inteiramente publico, com porta aberta para toda a gente sem excepção alguma. Desde que um filho-familia com os seus sapatos envernizados, as suas meias de seda e as suas luvas côr de perola, resolve frequentar a batota, é preciso que entenda bem que se rebaixa até o ponto de ir achar-se sentado entre um moço da cavallariça e um empregado na limpesa dos canos, os quaes irão com as suas camisas gordurosas e fetidas e com os seus pés nús dar á mocidade inexperiente e elegante a dura lição das vicissitudes sociaes.

2.ª Que a casa de jogo seja assignalada á critica do publico, ao exame dos philosophos e á vigilancia da policia por meio de uma taboleta e de uma lanterna especial que estará accesa toda a noite.

3.ª Que a policia tenha direito, quando o julgue conveniente, de exigir o nome de cada um dos jogadores, a fim de que possa capturar os vadios, que por ventura se tenham escapado á acção da lei.

4.ª Que os proprietarios das casas de jogo sejam devidamente inscriptos nos registros dos escrivães de fazenda, que se torne extensiva á sua industria a lei tributaria que pesa sobre os lucros proporcionaes de todos os cidadãos.

5.ª Que os banqueiros, proprietarios das casas de jogo sejam obrigados a uma escripturação regular e authentica dos seus lucros e perdas, da qual a policia extráia os dados precisos para a estatistica geral do vicio, averiguada pelo exame d'estas novas casas toleradas.

A repressão do jogo, além de offensiva da liberdade, é difficil de se tornar effectiva. Dá em resultado encarcerar de quando em quando alguns pobres diabos que jogam os seus patacos em um quarto de taberna, emquanto deixa impunes os jogadores mais poderosos que encontram sempre meio de evadir-se ás pesquisas policiaes.

Emquanto o jogo fôr uma illegalidade secreta, elle manterá os attractivos das coisas defesas. E' preciso dar-lhe na sociedade o seu verdadeiro logar e mostral-o claramente, não como um fructo prohibido, mas como um fructo pôdre.

Emquanto a imprensa considerar sob outro ponto de vista a questão do jogo este continuará como até agora fazendo estragos irremediaveis na honra e na fortuna das familias e constituirá nas praias de Portugal durante a estação dos banhos o mais lamentavel flagelo.

Como o numero das pessoas do Minho predomina na concorrencia a esta praia, a Povoa mantem inalteravelmente a feição provinciana. Todos os banhistas jantam ás tres horas e fazem os seus passeios á tarde. Ao toque das Ave-Marias toda a gente que passêia na praia e no *Paredão,* que é o ponto da reunião geral, tira os seus chapeus, pára, persigna-se e faz oração.

A mais interessante e a mais importante curiosidade da Povoa é o pescador poveiro.

O poveiro constitue uma raça perfeitamente especial na população do nosso littoral. Inteiramente differente dos typos gregos,

finos, magros, elegantes, de perfis aquilinos, dos varinos, dos celebres pescadores de Ovar e de Olhão, o poveiro tem o typo saxonio. É ruivo, de olhos claros, largos hombros, peito athletico, pernas e braços herculeos. As feições são arredondadas e duras. As bôcas dos velhos quando perdem os dentes alargam-se extremamente na direcção das orelhas e dão-lhes ao perfil uma certa similhança com os jacarés. Teem uma força prodigiosa. Ha tempos um poveiro ainda moço foi capturado em consequencia de um pequeno disturbio n'uma taberna. Mettido pela primeira vez da sua vida na cadeia, onde devia passar vinte e quatro horas, sentiu uma saudade irresistivel da liberdade e fez o seguinte: agarrou a grade com os seus fortes pulsos, arredou um dos varões de ferro para um lado, arredou o outro para o lado opposto, e pelo espaço aberto foi-se embora para casa.

Eu mesmo conheço um já velho, que o vicio da embriaguez fez expulsar successivamente de todas as companhas. Um amigo meu, José Falcão, deu-lhe um bote e umas redes. Elle só, constitue a tripulação d'este barco; elle só, lança e recolhe as redes; elle só, dirige a embarcação no mar alto; elle só, á força de remos, a arranca da praia e lança ao mar nos dias em que a maré rebenta com mais impeto na costa. Quando vae embriagado para o mar, o que muitas vezes lhe succede, chora de enthusiasmo no meio da borrasca e faz discursos patheticos ao oceano. Os seus confrades teem-o visto só no meio dos vagalhões, em pé na sua pequena barca, bater no peito nú e hirsuto com o punho cerrado e exclamar trovejantemente: — Eh! mar!... aqui agora é nós dois, tu e eu! Tu com as tuas ondas, eu com os meus protectores: Deus e o sôr José Falcão!

Quando o mar se levanta repentinamente, todos os barcos ancorados na praia são varados na areia á força de braços por homens e mulheres. As embarcações, grandes lanchas algumas d'ellas, são encalhadas a remos. Uma vez na areia homens e mulheres, mettidos na agua até á cinta, encostam o hombro ao barco e fazem-o subir na praia até dez ou quinze metros acima da lingua da maré. É n'estes duros exercicios que se póde apreciar a extraordinaria força muscular d'esta raça privilegiada. Velhos de sessenta a oitenta annos, de cabellos brancos e duros cahidos na testa, a camisa desabotoada, o peito mordido pelo sol e pelo vento do mar, a pelle vermelha, doirada, com reflexos metalicos como uma folha de vinha no outono, acocoram-se debaixo da pôpa de uma lancha, fincam os pés na areia e impellem com as costas, desenvolvendo a maior força de que póde dispôr a columna vertebral,

um peso de esmagar um homem vulgar. N'essas attitudes, com as claviculas descobertas, os braços e as pernas nuas, de uma riqueza, de uma amplidão, de uma perfeição muscular que eguala as mais vigorosas anatomias de Miguel Angelo, os poveiros são verdadeiramente bellos, de uma belleza titanica.

O traje de que usam contribue para fazer réalçar o aspecto da sua forte corpulencia. De uma especie de grossa flanella branca, fabricada na Covilhã e chamada *branqueta,* trazem umas amplas pantalonas largas até o bico do pé, camisa egual, cinta de lã preta, barrete encarnado, de grande manga, cahido quasi até á cinta, e, lançado ao hombro, um jaquetão de grosso panno azul, que se não veste senão quando chove. Nada mais simples, mais confortavel e mais commodo para um homem do mar.

Para os trabalhos da pesca arregaçam as mangas até o hombro, arregaçam as calças até o alto da perna, e ficam quasi nús como os atlethas.

Muitos são condecorados pelos assombrosos actos de dedicação e de bravura, praticados no mar em serviço dos seus similhantes. Nenhum d'elles traz a medalha na camisola ou na jaqueta. A condecoração, que elles estimam como uma lembrança querida e solemne, trazem-a pendente do pescoço, escondida, junto da pelle, sobre o coração.

No mez de maio do anno findo, 1875, naufragou uma lancha á vista de terra. Morreram seis homens. N'essa occasião, um dos tripulantes de um dos botes que acudiram de terra ao logar do sinistro, mergulhou no alto mar e arrancou do fundo do oceano um dos seus companheiros exanimes. Prestaram-se-lhe promptos soccorros e esse naufrago sobrevivèu aos effeitos da congestão que o atacara. O valente companheiro que o salvou e por esse facto foi condecorado com a *medalha de prata* chama-se Domingos Gomes, o Ainda.

Os factos d'esta natureza repetem-se por varias vezes em cada inverno.

Os trabalhos do mar são aqui perigosissimos. Na costa, inteiramente descoberta e nua, ha apenas um pequeno abrigo feito por um quebra-mar *não concluido.* Dobrar a ponta do quebra-mar e recolher no abrigo é de um perigo iminente apenas o mar se encrespa. Logo que uma lancha está em perigo, as mulheres dos tripulantes véem á praia e pedem em gritos dilacerantes aos santos seus conhecidos que salvem a embarcação. Se o perigo continúa, se os santos se não apressam a salvar os maridos, os paes e os irmãos d'aquellas boas mulheres, ellas accordam os santos que es-

tão em uma capella proxima, partindo-lhes as vidraças e enchendo de pedradas o templo. Emquanto a lancha em crise se não vira, os pescadores que estão na praia desembarcando as suas redes ou varando os seus barcos são absolutamente indifferentes ao alarido lacrimoso das mulheres e ao espectaculo do naufragio eminente. Aquillo mesmo foi o que lhes succedeu a elles na vespera e é o que os espera no outro dia. Virada a lancha, correm então ao *salva-vidas* e todos se prestam a partir immediatamente em auxilio dos seus companheiros.

De uma actividade infatigavel no mar, os poveiros em terra trabalham pouquissimo; alguns não trabalham pela palavra nada. Ancorado o barco recolhem o remo e ficam nos bancos dormindo com os braços crusados no peito. São n'este caso as mulheres que descarregam o peixe, que contractam a venda, que recebem o dinheiro dos negociantes e que distribuem as quotas pelos tripulantes. Estes acordam para receber o dinheiro, mettem-o na algibeira, sobraçam um pichel ou um pequeno pipo que todo o pescador leva com vinho para o mar, lançam ao hombro o jaquetão, saltam á praia, e, com a indifferença mais profunda por tudo quanto os cerca, caminham solemnemente para a taberna.

De uma ignorancia pyramidal, é rarissimo aquelle que sabe syllabar. Nenhum sabe escrever. Na administração do concelho perguntaram a um que ali tinha ido saber se o filho estava recenseado como se chamava o filho; elle pediu que o esperassem um momento e foi n'uma corrida a casa perguntar como o filho se chamava. Pela sua parte, nunca lhe tinha chamado senão unicamente *filho.*

São naturalmente bons, dedicados, reconhecidos, doceis como mulheres. Com uma palavra e com um sorriso, uma creança leva-os por uma orelha para onde quizer, para a taberna ou para a morte.

Não usam faca. Nas suas questões pessoaes batem-se ao pugilato. Nas questões de companha para companha batem-se no alto mar á pedrada. Nos motins em terra lançam mão da primeira arma que o acaso lhes ministra e tudo é arma nas mãos d'elles. Um dia, em 1846, constou-lhes que a camara municipal, reunida em vereação, estava tractando de lhes lançar um novo tributo. Vieram alguns á praça em que estavam os paços do concelho, arrancaram os estadulhos dos carros que estão no mercado, subiram á casa da municipalidade, e tudo quanto lá estava dentro, vereadores, auctoridades administrativas, policia, fisco, saltaram pelas janellas á rua. No dia immediato chegava á Povoa um regimento para suf-

focar a anarchia. Os pescadores que teem ás armas de fogo um terror de selvagens, apenas lhes constou esta noticia, desamarraram de noite os seus barcos, fugiram para o mar e durante muitos dias nem um unico appareceu. Se o regimento não retirasse seria de receiar que nunca mais voltassem a terra.

É incomparavel e unica a aversão do poveiro ao serviço militar. O modo como elles conseguem evadir-se ao pagamento do tributo de sangue merece referir-se. Para isso porém são necessarias algumas palavras ácerca do bairro especial dos pescadores na Povoa.

Nada teem com o resto da villa os pescadores. Vivem em uma parte da povoação inteiramente distincta e que fica na praia ao sul do paredão a que acima me referi. Tres ruas parallelas, cujas pequenas casas ficam umas defronte das outras á beira do mar, constituem a porção da villa que os pescadores habitam. Um signal dado n'um apito ou n'uma busina previne todos os moradores d'este pequeno bairro. As casas são interiormente de um grande pittoresco. Nos dias de sol, com todas as casas abertas, de qualquer das ruas se avista a espaços o mar descoberto atravez das portadas. O mesmo quarto serve de sala, de alcova, de cosinha. A um lado está o lar, ao outro a cama, um leito ou um beliche suspenso como a bordo; a prateleira da louça pende de uma parede; do tecto suspendem-se os molhos das cordas côr de sepia; as trouxas de roupa, as redes, os cestos, os apparelhos de pesca. Lembraria os interiores flamengos se a ausencia completa da agua, os cações escalados que estão secando ao sol estirados nas portas com tres pregos, as paredes negras e gordurosas não provassem evidentemente ao viajante que elle está bem longe das cabanas hollandezas escrupulosamente baldeadas, esfregadas e lustradas todos os dias, como o convez da mais nitida corveta da marinha ingleza.

Effectuados na Povoa os trabalhos do recenseamento militar e do recrutamento subsequente sem que um só poveiro se tenha apresentado perante as convocações da auctoridade, um, dois, tres ou quatro beleguins acompanhados do respectivo escrivão apresentam-se no bairro dos pescadores a requisitar os refractarios. Apenas os representantes dos poderes publicos penetram no bairro da pesca, um signal dado pela primeira pessoa que os avista, um velho, uma creança, uma mulher, põe de sobreaviso toda a visinhança. Se os pescadores estão a essa hora no mar não apparecem senão mulheres, as quaes declaram todas, contestes, que nunca ouviram fallar nos nomes dos refractarios a que a auctori-

dade se refere. Se os pescadores estão em terra, apparecem todos ás suas portas. Todos teem os mesmos typos physionomicos, todos teem o mesmo vestuario, o grande gorro encarnado ou preto, a larga calça e a camisa de branqueta ou a camisola justa com um coração e uma cruz bordada no peito, e umas armas de Portugal com a respectiva corôa bordadas no braço direito. Principia então o inquerito do refractario.

—Onde mora aqui João das Pragas, filho de José, o Russo?

O primeiro dos pescadores a quem se dirige esta pergunta retira o seu cachimbo de gesso do canto da bocca e diz:

—O João?

—Sim, snr.

—O João das Pragas?

—Sim, snr.

—O filho do Russo?

—Sim, snr.

—Conheci muito bem. Esse rapaz morreu.

—Morreu? Mas do livro dos obitos da freguezia não consta que elle tenha fallecido.

—Pois póde mandar plantar no livro que morreu. A gente não estamos lá no livro, porque a gente quando morremos não morremos cá na freguezia. A gente morremos no mar.

—Passa-se a interrogar o segundo poveiro, que dá exactamente a resposta que deu o primeiro; o terceiro responde como o primeiro e o segundo; e assim por deante, successivamente, a mesma resposta invariavel, até não haver mais poveiros que inquirir.

Outro refractario: Manoel Forte, filho de Joaquim da Rita.

—Está intimado para declarar terminantemente sob pena de cadeia onde pára este mancebo.

—O Manoel? O Manoel Forte? o filho do Joaquim da Rita? Conheci-o muito bem! Até parece que ainda o estou a ver! Esse rapaz está ali defronte...

—Onde?

—No fundo do mar.

É a evasiva consagrada, a resposta sabida e constante: todo o mancebo recenseado morreu.

Deante das requisições da auctoridade não ha entre os pescadores inimigos nem indifferentes, protegem-se todos dedicadamente perante o inimigo commum. É uma alliança indissoluvel e invencivel. Todos os esforços são inuteis para a combater. Violados no seu bairro, os pescadores fogem para a praia. Ahi a per-

seguição é perigosissima para quem a intenta. Se um official de justiça ousasse apparecer na praia seria infallivelmente morto debaixo da mais densa chuva de pedras, de fisgas, de harpões. Em ultimo recurso embarcam. Assim a Povoa não dá um unico homem para o recrutamento maritimo, o que prova que quando tres mil e quinhentos homens reunidos não querem uma coisa é impossivel obrigal-os áquillo que elles não querem.

Tres mil e quinhentos é o numero dos pescadores na Povoa. O producto annual da pesca é, segundo as estatisticas da alfandega, de 145 contos. Segundo o computo mais provavel dos negociantes, que proposeram fiscalisar por sua conta e dar ao Estado o tributo proporcional, eleva-se aquella somma a 269:666$600 reis.

O imposto do pescado pago pelos pescadores da Povoa é de 5:661$828 reis.

Em troca d'esta elevada quantia quaes são os serviços prestados pelo Estado a estes pescadores? Nenhuns. O quebra-mar está por concluir ha muitos annos, apesar da promessa feita aos pescadores pela propria pessoa de el-rei, em 1872, de que o governo iria occupar-se immediatamente da conclusão d'aquella urgentissima obra. A camara da Povoa e os seus habitantes estão inhibidos de occorrer áquelle trabalho tão importante pela razão que pertencem exclusivamente ás attribuições do ministerio da marinha as obras comprehendidas desde o ponto a que chega à lingua da maré em agosto até o mar.

Não ha um guindaste a vapor, que poderia prestar relevantes serviços á fazenda dos pobres pescadores recolhendo rapidamente nas occasiões de borrasca os seiscentos barcos ancorados na praia nos dias de inverno.

Ha um farol cujo custeio é pago da bolsa particular dos pescadores. A somma de perto de seis contos de reis que elles pagam annualmente ao Estado não chega a este para lhes accender sequer uma luz que os livre de serem devorados pela vaga suspendendo assim o pagamento do tributo que pesa sobre as suas vidas. Uma vez que elles deixam de pagar depois de mortos, estaria talvez, não diremos n'um dever de humanidade, de justiça, mas no proprio interesse do Estado contribuir um pouco para salvar a vida dos que tão desinteressadamente o subvencionam.

O unico serviço que ha memoria de ter sido prestado aos poveiros pelo governo portuguez é o presente que ha annos lhes foi feito de um barco de salva-vidas cujo patrão percebe pelo orçamento geral do Estado a quantia de 360 reis diarios. Estes 360 reis diarios são todo o troco, que o Estado julga consciencio-

samente dever dar aos poveiros, dos cinco contos seiscentos e sessenta e um mil oitocentos e vinte e oito reis, que o fisco lhes subtrae do modo mais escandalosamente iniquo perante os principios mais rudimentares do direito.

Sempre que um cidadão paga ao Estado em imposto mais do que o Estado lhe ministra em serviços á classe, á industria, ao meio em que elle vive, o cidadão é roubado em quantia egual á differença que existe entre a importancia do imposto e o valor equivalente do serviço.

Ora os mesmos unicos 360 reis votados pelo Estado ao patrão do salva-vidas não são a paga de um serviço real prestado aos pescadores, por isso que o patrão é um cargo exclusivamente nominal e honorifico. O patrão não embarca nunca. O salva-vidas nas occasiões de temporal e de perigo é tripulado pelos proprios pescadores. Para occorrer ás despesas dos soccorros aos naufragos, os poveiros impuseram-se um segundo tributo que pagam á Senhora d'Assumpção. Esta segunda collecta, de uma rede de peixe annual por cada lancha produz uma receita de 600 a 700 mil reis que a confraria dispende no farol, nos estipendios aos que tripulam o salva-vidas e em ajudas de custo para irem ao Porto submetter-se aos cuidados de um algebrista aquelles que quebram alguns ossos no trabalho da pesca. O saldo que no fim do anno sobeja da applicação da receita a estes encargos, mais á fabrica da capella e a seis missas resadas por alma dos que morrem no mar, calcula naturalmente o leitor que reverte aos pescadores que se associaram na confraria para esse fim? Não. Quando na confraria ha um saldo no fim do anno economico, esse saldo embolsa-o o Estado para o applicar juntamente com o imposto do pescado aos encargos orçamentaes do exercito, da instrucção, das estradas, da religião do Estado, coisas de que o pescador poveiro tiraria apenas o delicado proveito, puramente platonico, da satisfação do seu orgulho nacional, se lhe fosse dado fazer alguma ideia da existencia de qualquer d'essas coisas: nacionalidade, instrucção, viação publica, religião do Estado, etc.

Da nacionalidade elles sabem que um soberano portuguez, viajando a bordo de um paquete e encontrando-os no mar alto, impressionado pela extranheza dos seus trages e dos seus typos physionomicos, lhes perguntou se eram portuguezes. Ao que elles responderam que não; e accrescentaram: — «A gente semos poveiros, meu senhor.»

De instrucção sabem o que aprenderam com os seus paes:

tecer uma rede, colher uma vela, manejar um remo, prever o tempo e calcular a hora pelo aspecto do ceu.

Da viação sabem que ha o caminho de ferro da Povoa—feito por uma empreza particular.

Da religião sabem que ha o parocho a quem elles pagam os baptisados, os casamentos e os enterros e que ha tambem a Senhora da Assumpção que lhes dá missas regulares que elles pagam e um ou outro milagre extraordinario, que elles tambem pagam.

Tal é o poveiro. Tal é o caracter das suas relações com a sociedade portugueza. Entre o Estado e elle, a seguinte distribuição de serviços: o Estado recebe; elle paga. Paga e pesca.

Poderoso e desdenhado, o poveiro captiva a nossa mais viva sympathia, e alcançará decerto a do leitor, que nos perdoará as longas linhas que dispendemos em apresentar-lh'o de perto.

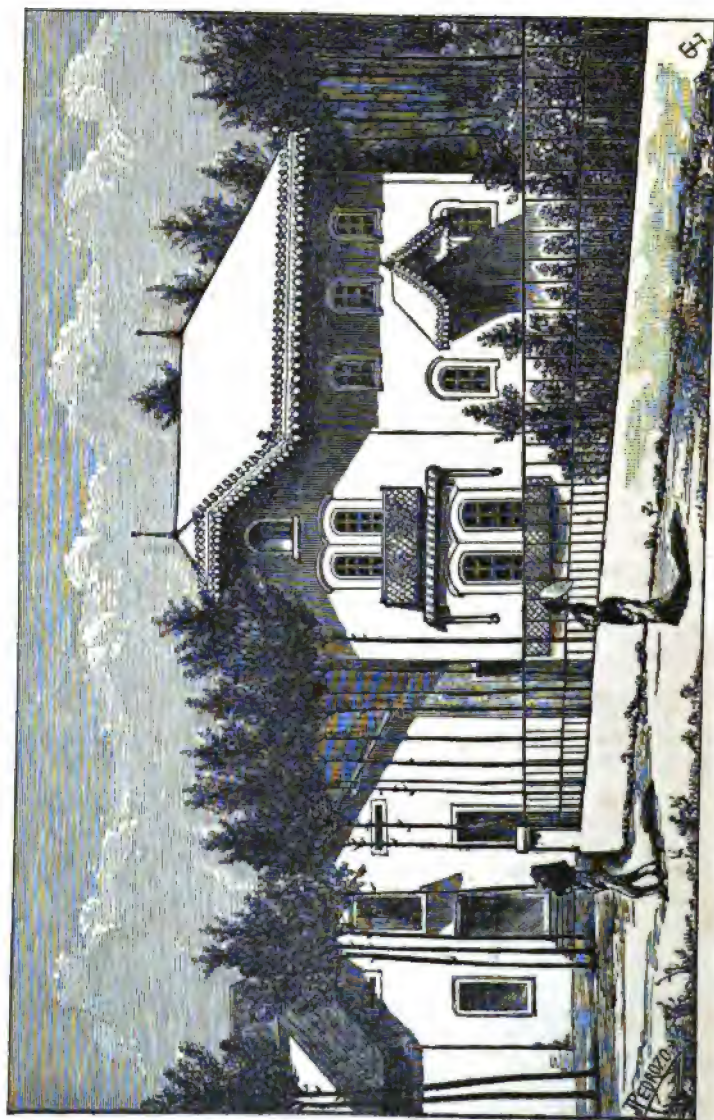
A Povoa de Varzim, vestigio evidente da existencia de uma colonia saxonia n'esta parte do territorio portuguez, tem um nome commum a varias posições da Allemanha. Chama-se egualmente Varzim á propriedade celebre, residencia habitual do snr. de Bismark.

Da Povoa podem-se emprehender com commodidade e com economia os melhores passeios e as mais interessantes digressões no alto Minho. A cerca de duas leguas ao Norte, á beira da estrada de Barcellos, fica perto de S. Pedro de Rates, o Monte de S. Felix de Lanudos, cuja ascenção está nas forças do homem menos robusto e até de qualquer senhora habituada a andar a pé.

A vista, do alto da montanha, estrellada de moinhos de vento, coroada por um marco geodesico, é admiravel. No fim da tarde, nos bellos dias do outomno, o aspecto da paizagem compensa bem o leve incommodo da ascenção, que sómente se póde fazer a pé. Para todos os lados bastas florestas de pinheiros, por entre os quaes ondeia o rio Cavado; largo horisonte de dez leguas, descobrindo para um lado a Povoa, Villa do Conde, Moreira; para outro lado a Apulia, Fão, Esposende, Vianna do Castello.

Na falda do monte, á beira da estrada, ha uma pequena taberna, que recommendamos aos viajantes. O fino ar da montanha, o exercicio da ascenção e mais ainda o da descenção, abrem naturalmente o appetite e tornam convidativo e ridente o aspecto rustico e negro da pequena taberna. Que o viajante a evite! Essa crypta é a mansão do jejum. Tudo lhe falta. É inteiramente ency-

clopedica a sua nudez. Não tem um ôvo, não tem uma talhada de chouriço, não tem uma simples fatia de pão, não tem um biscoito! Estive n'esta catacumba, ao descer de Lausados, restaurando as minhas forças com a unica coisa que o antro me podia fornecer — o contacto de um banco. Tive a curiosidade de perguntar á dona da taberna o que fazia ella mesma tenção de jantar. Ella sorriu tristemente. Insisti. Um homem que estava á porta, encostado, e ao qual eu tinha dado lume para accender um cigarro, explicou-me então que por aquelles sitios não era uso entre os povos o jantar; cada um comia um bocado de pão, quando o tinha, ou um cacho de uvas, quando o encontrava.

Na Povoa ha varios hoteis, dos quaes damos os nomes dos maiores pela ordem da sua importancia: *Central, de Italia, Portuense, do Signal.* Os preços são de 1$000 a 1$500 reis. As rendas da casa variam, segundo as commodidades que proporcionam, desde a quantia de 200 a 2$000 reis.

GRANJA

A GRANJA

A Granja é uma povoação diamante, uma estação *bijou*, uma praia de algibeira. Ao chegar tem a gente vontade de a examinar ao microscopio; ao partir appetece leval-a na mala, entre as camisas, como um *sachet*.

Ha poucos annos ainda, quando se abriu o caminho de ferro do norte, não havia uma só casa na actual povoação. As primeiras construcções foram edificadas depois da inauguração da via ferrea por um proprietario da visinhança, o snr. José Fructuoso Ayres de Gouveia.

As condições do logar, a meia hora do Porto, á beira do mar, na orla de um denso pinhal, attrahiram successivamente os banhistas e fizeram rapidamente da Granja o que ella é hoje: a mais graciosa, a mais fresca, a mais aceiada das estações de recreio em Portugal.

Como não ha no logar população indigena, a Granja pertence exclusivamente aos banhistas. Quando estes, no mez de novembro levantam os arraiaes, a povoação deshabitada é guardada apenas pelo banheiro, pelo padeiro e pelo tendeiro do sitio.

De sorte que a Granja é verdadeiramente a coisa que o seu nome indica, — uma especie de quinta.

Os banhistas poderiam mandar mural-a e pôr-lhe uma grade de ferro com o seu guarda-portão que annunciasse os viajantes ou acceitasse os seus bilhetes de visita nos casos em que a população não quizesse receber.

O serviço do portão é feito por emquanto pelos empregados na estação do caminho de ferro, a um dos quaes nós perguntamos um dia em outubro passado:

— Queira dizer-me: está em casa a Granja?

E elle respondeu-nos:

—Não, snr. Está em Mathosinhos. Foram para lá todos, ás corridas de cavallos, pelo comboyo da manhã. Mas as senhoras voltam para jantar no expresso das sete horas.

Na Granja os banhistas não são sómente os habitantes, em grande parte proprietarios das casas, são ao mesmo tempo os donos da povoação e representam n'ella a camara municipal, o exercito, a policia, o escrivão da fazenda e a repartição das obras publicas. As despesas geraes, o club, a fonte, a igreja, o mercado, a rua, são mantidas pela communidade, que se cotisa para esse fim. Notavel exemplo do principio da descentralisação na sua mais larga escala.

Graças a este systema de administração local, as ruas estão escrupulosamente aceiadas e não lhes falta senão uma coisa: um cinzeiro a cada esquina para se lançarem as pontas dos charutos.

O aspecto do pequeno mercado, com o seu pavimento areado como um jardim e os seus pavilhõesinhos rusticos, inspira um receio: o de lhe poder cahir uma nodoa.

Os vallados estão plantados de cactos.

As ruas são salpicadas de *corbeilles* com flôres como *squares* ajardinados.

Os taludes acham-se cobertos de choupos, de eucaliptus, de tramagueiras, de roseiras bravas.

Grandes moutas de magnificas hortensias ornam a entrada das casas.

A grande floresta de pinheiros que cobre a povoação do lado do nascente está tratada com esmero; tem clareiras terraplenadas para o jogo da bola e do *croquet,* varias plantações de camelias, viveiros de arbustos.

Entre as mais recentes edificações sobresaem algumas casas lindissimas, verdadeiros modelos do genero, delineadas e executadas com o mais perfeito gosto.

O *chalet* do snr. Nuno de Carvalho situado na orla da floresta, circumdado de pinheiros, com o telhado de ardozia de largos beiraes salientes e a sua ampla janella aberta sobre o mar e resguardada do sol por um longo toldo escocez, é um primor da graciosa architectura moderna das edificações de recreio.

O *cottage* do snr. Eduardo Chamiço, com os seus tijolos revestidos de hera, o seu talude plantado de roseiras e coberto de relva, abarracado, com pequenas janellas, é o typo da habitação modesta e elegante, o modello do *pied-à-terre* gracioso e economico.

As casas dos sns. Manoel de Espergueira, Francisco Antonio

Miranda e algumas outras dão ainda á paisagem do sitio uma valiosa contribuição de pittoresco.

A concorrencia dos banhistas na praia da Granja, cujo movimento póde ser actualmente orçado em cerca de trezentas pessoas, augmenta consideravelmente de anno para anno.

Uma companhia estabeleceu ahi um hotel regularmente servido com quartos pelo preço de 1$200 reis, comprehendido o serviço.

O club, para o qual está sendo concluido um edificio especial com um salão para trezentas pessoas, restaurante, cocheiras, etc., acha-se estabelecido em uma casa provisoria e é muito concorrido. N'elle se dançou em muitas noites durante a temporada passada, fizeram-se concertos, e no dia em que ali passamos planeava-se a representação de um proverbio de Musset, uma sessão de quadros vivos extrahidos de illustrações de Gustave Doré, e um passeio á luz dos archotes na floresta.

Os banhistas da Granja conhecem-se todos, apertam-se todos a mão, frequentam as casas uns dos outros, vivem finalmente em familia. É tão agradavel isto que custa ás vezes a supportar.

A gente acaba de chegar e de entrar em casa: calçou as suas chinelas, poz-se em mangas de camisa, aninhou-se diante da sua mala, está tirando para fóra as piugas, tem as escovas no chão a um lado, os lenços de assoar a outro lado, as camisas debaixo do braço... N'isto grandes risadas frescas e cristallinas entram como um enxame alegre e canoro: são as amaveis senhoras A... e as encantadoras meninas B..., que souberam da nossa chegada, que veem fazer-nos uma surpresa, que nos trazem um ramalhete de rosas chá, que teem uma truta na mesa, que nos esperam para almoçar no predio ao lado, que acceitam uma garrafa do nosso Chably, que, em summa, começam a fazer-nos a honra de nos receber «em familia».

A gente foge para o canto da cama, acalcanha como póde um par de sapatos, enfia á pressa uma jaqueta, ata um lenço no pescoço, corre ao chapeu de palha que está n'um taboleiro da mala em cima de uma cadeira, e lança-se na vida «de familia» a braços com uma garrafa de Chably e com o receio de ter talvez, indiscretamente, manifestado a côr dos seus suspensorios ás amaveis senhoras A... e ás encantadoras meninas B...

Depois ás senhoras A... e ás meninas B... reune-se a interessante familia C... que nos leva a jantar para casa dos hospitaleiros conjuges D... Pela nossa parte procuramos pagar todas estas obrigações com a amabilidade, com a phrase, com a anedocta,

com o dito, com todas as despezas da conversação, com todas as prodigalidades do espirito.

Todas aquellas pessoas nos retribuem na mesma moeda e são egualmente espirituosas comnosco.

Á noite estamos todos cançados da graça que tivemos, e mais ainda da graça que fomos obrigados a achar que tinham os outros!

Recolhemo-nos pensando nas meninas A..., que vimos n'esse dia sem pó de arroz e que teem sardas quando estão nas praias; nas senhoras B..., que tinhamos por espirituosas nos salões de Lisboa e que são insignificantissimas no *tête-à-tête* do campo quando lhes falta para discursar o escandalo do dia, a anedocta do baile da vespera, a phrase consagrada á critica do ultimo drama ou á musica da ultima opera; na interessante familia C..., que mette os bicos dos pés para dentro; nos conjuges D..., dos quaes um troca o *b* pelo *v* e o outro tem só meia unha em um dos dedos pollegares.

Elles, os A..., os B..., os C..., os D..., pela sua parte, observaram-nos tambem de perto, cara a cara, durante um dia inteiro, o que nunca até então lhes succedera. É claro que nos acharam mil vezes peor do que nos presumiam, porque é rarissimo o individuo que examinado minudentemente não perca cincoenta por cento do valor que se lhe presumia quando cultivado apenas no intervallo de uma quadrilha, durante um entre-acto n'um camarote, nos quinze ou vinte minutos de uma conversação de visita quando elle traz preparadas para o caso as suas phrases assim como as suas finas luvas côr de ganga, e a gente o olha barbeado de fresco, com os cabellos correctamente separados por uma risca bem nitida, vestido por Poole, sentado n'um *fauteuil* de setim e tendo no *plastron* uma grossa perola côr de rosa.

No campo ou nas praias, com sapatos ferrados, sem luvas, sentados no chão, sem ter o santo e a senha da conversação do dia, como succede nos grandes centros, entregues a si mesmos, aos seus recursos pessoaes, ás suas observações, ao seu criterio, ás suas ideias, quantos resistem á tremenda eternidade de uma convivencia de dez horas?

Nas grandes sociedades a attenção de que somos objecto espalha-se por aquelles que nos cercam; em uma quinta ou n'uma pequena praia essa attenção recae toda sobre os nossos ridiculos, sobre os nossos defeitos. Fomos já discutidos desde que annunciamos a nossa vinda, fallou-se de nós uma noite inteira, os nossos amigos disseram de nós o menos bem que poderam, as meni-

nas esperam-nos. Ainda não olharam para nós e já nos viram, na sombra, projectando no muro um immenso nariz disforme e ridiculo. Ainda lhes não fallamos e ellas conservam os olhos baixos, mas sob esse estreito raio visual descobriram já as joelheiras que temos nas calças e o lado para que cambam os nossos tacões. As senhoras idosas assestam sobre nós as suas terriveis lunetas curiosas, sedentas de materia examinavel, e pensam que a nossa photographia nos favorece de mais e que somos inferiores á fama que nos precedeu como figura, como maneiras e como intelligencia.

Deitamo-nos n'este primeiro dia aborrecidos de obsequios, estafados de amabilidades, esvaidos de conversação. Promettemo-nos descançar ao outro dia no silencio e na solidão, fumando o nosso velho cachimbo á beira do mar, conversando simplesmente com um rude pescador ou com um bronco trabalhador dos campos tranquillo e sereno, sem ideias, sem pretenções e sem palavras.

No dia seguinte, levantando-nos de madrugada, não achamos pescadores na costa nem cavadores nas terras. Creados de sapatos descobertos, meias brancas, e jalecas de linho, envernisam ás janellas as botinas dos seus patrões, lavam as vidraças, lustram as guarnições de cobre das portas da rua, regam com uma bomba a relva dos taludes. É o alvorecer do *chic.*

Refugiamo-nos no pinhal, na boa solidão simples da natureza. Deitamo-nos de costas no solo fofo, na cama feita com a rama secca dos pinheiros. Respiramos com delicia a brisa maritima coada pelos arvoredos. Olhamos para o ceu azul e diaphano cortado pelo vôo sereno das rolas trazidas pelo primeiro vento suão, sentimos a grande tranquillidade ineffavel que dá a convivencia da floresta, a plenitude do nosso ser, o profundo bem-estar. A mansidão exterior das coisas communica-se-nos e dá-nos a satisfação moral. Pensamos nos nossos amigos com ternura, nos nossos inimigos com indulgencia e com bondade. Planeamos estudos, trabalhos, propositos bons. Principiamos a applaudir-nos da escolha que fizemos do tranquillo e doce retiro cuja influencia tão saudavelmente nos fecunda.

N'isto, por entre a côr sombria da espessura, vemos uns pontos garridos, alegres e ruidosos que se aproximam. Na clareira ao pé da qual nos deitamos desembocam de repente os chapeus ornados de margaridas, de papoulas, de flores silvestres, os vestidos de linho aromaticos e frescos guarnecidos de renda côr de palha. Os sapatos de pelle de gamo apertados com fitas de seda branca e as meias côr de cinza de xadrezes de seda apparecem ao saltar do pequeno valado. As bolas de buxo torneado rolam de en-

contro aos arcos de ferro cravados no chão. As meninas E..., as meninas F... e as meninas G..., ás quaes na vespera á noite, no club, fomos apresentados pelas já mencionadas senhoras A..., B..., C... e D... chegam com os seus malhos polidos em Londres e veem fazer a sua partida matinal de *croquet*.

—Que bom acaso!

—Que feliz coincidencia!

—É o nosso visinho H... que chegou hontem de Lisboa...

—Minhas senhoras!

—Que vae fazer a nossa partida...

—E informar-nos dos ultimos casos...

—Se é verdade que se está dançando o fado no club de Cascaes!

—Se effectivamente a viscondessa de X... foi vista fumando cigarros côr de rosa na praia de Paço d'Arcos!

—Em paga virá esta noite ver o nosso fogo de artificio...

—E entrará ámanhã nas charadas vivas que vamos fazer aqui no pinhal com illuminação veneziana...

E assim começa a repetir-se n'esse dia a scena da vespera, que ha de repetir-se ainda no dia immediato, e no outro, e mais no outro, e em todos os outros dias até o fim da temporada. Sempre as anedoctas, os ditos, os encontros, os gracejos!

Se uma vez não sahimos, vem a colonia toda visitar-nos.

Um manda-nos uma garrafa da sua agua de Saint-Galmier. Outro remette-nos a sua botica homœpathica, os seus synapismos Rigolot, as suas pastilhas de Vichy. Oito pessoas dedicadas mettem a um tempo os dedos nas algibeiras do collete para extrahirem a caixa das suas pilulas predilectas: as Radway, as *anti-biliosas*, as Déhaut, as de Familia... Surgem de toda a parte, cercam-nos, prehenchem-nos, cumulam-nos as receitas, os alvitres, os diagnosticos, os conselhos therapeuticos.

—Tome quinino!

—Siga a medicina caseira de Raspail.

—Vejamos o pulso!

—Deite a lingua de fora!

—Porque não toma agua de Wals?

—Beba alcatrão e chá de eucaliptus.

—O que elle tem é tristeza, desanimo, aborrecimento, finalmente—figado!

—Dieta!

—Carnes brancas!

—Ostras e muitas uvas!

— E gelados, muitos gelados de limão e de laranja!

Se sahimos sósinhos uma vez, uma unica vez, para descansarmos, para nos acharmos sem companhia, os homens todos a um por um, procuram-nos n'essa noite ou ao outro dia, chamam-nos á parte, levam-nos para debaixo de uma arvore, para a beira do mar, para o vão de uma janella; enfiam um dedo pela casa do nosso fraque, sacodem-nos as pontas da gravata com pequenos piparotes amigaveis, e principia uma successiva e interminavel ladainha de explicações e de desculpas.

— Não cuidei nunca, meu caro, que você nos privasse do prazer da sua companhia unicamente porque hontem uma simples palavra que eu proferi innocentemente...

— Que a allusão aliás benevola de minha mulher...

— Que o dito irreflectido de minha filha...

— Esperamos porém que este desagradavel incidente se considere terminado...

— Que se esqueça este desgosto...

— Que se restabeleça a bella harmonia inalteravel n'esta colonia...

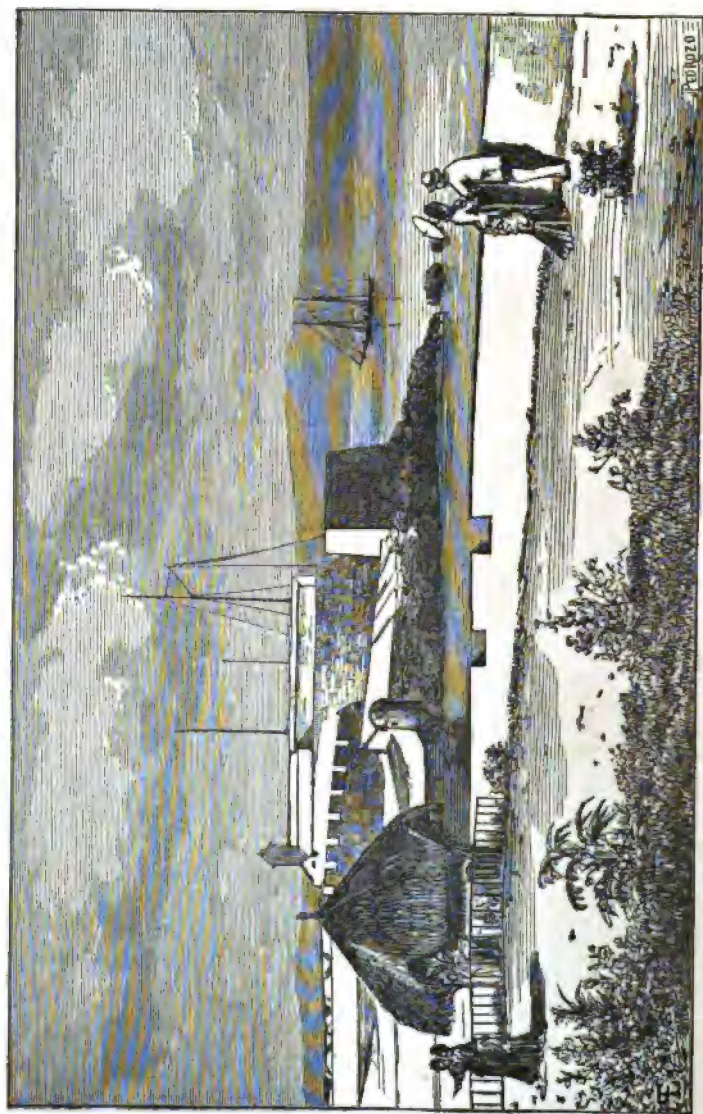
— Que você nos restitua a sua amisade...

Etc., etc., etc.

De modo que é absolutamente impossivel passear só, ficar em casa, fechar a porta, prescindir das relações, abstermo-nos da convivencia, dispensar a companhia, por um dia, por um só dia que seja!

Na Granja desde que o banhista salta do wagon á gare, estreitado nos braços da colonia, até que salta da gare ao wagon, solto dos braços da mesma colonia, o seu destino impreterivel, fatal, é viver ali simplesmente, agradavelmente, sem exigencias de apparato e de luxo, saudavelmente, divertidamente, mas sempre — em familia.

— ...Que é o melhor que tem esta praia! exclamam uns.

— ...Que é o peor que esta praia tem! murmuram outros.

CASCAES

DE PEDROUÇOS A CASCAES

Se queres dar, leitor, o mais bello dos passeios permittidos ao habitante de Lisboa, faze o que eu hontem fiz.

Levanta-te ás 5 horas da manhã, n'um domingo, veste-te á luz do candieiro, porque em setembro ainda não é bem dia a essa hora, pega na tua bengala e no teu binoculo e vae á ponte dos vapores ao Caes do Sodré.

Tomamos um bilhete de ida e volta no vapor de Cascaes por dez tostões. Ainda é cêdo, o vapor não parte senão ás 7 horas. Entramos no café Grego e fazemo-nos servir uma chavena de leite ou chá preto.

Os passageiros veem chegando em multidão ao caes. A ponte dos vapores enche-se de alegres e frescas *toilettes* de manhã. Lisboa madruga para fugir á calma e á semsaboria de um domingo de verão dentro da cidade. Enchem-se os vapores de Cacilhas e de Belem.

Embarcamos, accendemos um charuto, subimos á ponte do vapor. Magnifico espectaculo!

Diante de nós estende-se em toda a sua magestade, como um pequeno Mediterraneo, o bello Tejo, que scintilla sob a bruma aquatica como um peito de aço coberto por um véu de gaze, batido pelo largo sol.

Perdeu muito da sua fama antiga o celebrado Tejo. Poderiamos mesmo dizer que alguma coisa perdeu tambem das suas antigas aguas.

Frei Bernardo de Brito conta que viu em Toledo um dos barcos que no seu tempo faziam a navegação do Tejo e que de Lisboa tinha ido á véla até áquella cidade, o que corrobora de um modo bem notavel o phenomeno, tão estudado actualmente pelos geologos, da progressiva diminuição da agua no volume dos rios e no debito das fontes em toda a Europa.

As eguas das vastas lezirias do Tejo não são já, como nos tempos imaginosos de Virgilio, fecundadas pelo vento.
Das suas margens já se não exportam as cannas, que, segundo Strabão, davam as pennas preferidas dos escriptores romanos.
Tambem já não produz o ouro, de que Duarte Nunes de Leão conta que se fez um sceptro para D. João III.
Finalmente, já não sahem da sua incomparavel bahia os alterosos galeões que no tempo da Renascença varreram do Oceano, para abrir campo á historia de novos feitos, a velha tradição das conquistas dos phenicios e dos descobrimentos dos normandos.
Em compensação ahi temos o Aterro, com as suas altas e esguias chaminés empennachadas de fumo, a fabrica de gelo artificial, o gazometro, a officina de serração a vapor. Lá está o *Grande Hotel Central,* com a sua casa de banhos e o seu restaurante francez. Mais acima, a bandeira ingleza tremula na larga varanda do *Bragance Hotel.* Carroagens de New-York, puxadas por mulas brasileiras, rolam apparatosamente sobre o carril americano e salpicam o caes com as suas alegres côres ambulantes. — O que tudo prova que alguma coisa se tem feito no mundo n'estes tres seculos que nós temos passado a recordar que foi por nosso intermedio que as naus da India trouxeram á Europa as pimentas de Ceilão.

Do outro lado do rio fica-nos Almada, de cuja elevação se descobre para um lado Lisboa inteira, desde Santos o Velho até Belem, e para o outro a industrial Arrentella, o realengo Azeitão, Palmella, acastellada, o Barreiro, com a sua estação do caminho de ferro do Sul, o Lavradio com as suas apreciadas vinhas, e Cezimbra, a piscosa.
Diz-se que Almada fôra fundada pelos inglezes que vieram ao Tejo na expedição de Guilherme, *o da longa espada,* e que Affonso Henriques doára aquelle territorio aos que desistissem da cruzada da Palestina. Bons tempos em que uma expedição ingleza se peitava com uma nesga de terra ali da outra banda! Que diria a Inglaterra se nós hoje offerecessemos a faculdade de residir na Trafaria aos seus expedicionarios que preferissem ficar em nossas terras a fazerem a viagem ao Polo?
Mas o vaporzinho de Cascaes levantou a sua ancora e partiu.

Aquelle renque de palacios que estamos vendo, gravemente enfileirados, com os seus jardins plantados de palmeiras e de arau-

carias, é a Junqueira. O pequeno edificio redondo que mais além sobresahe no arvoredo é o observatorio da Tapada da Ajuda. Ao poente fica-nos o grande e pesado palacio de D. João VI, que o mandou edificar no mesmo logar em que fôra devorado pelas chammas o antigo paço, habitado ainda por D. Maria I. Ao nascente avistamos ainda, como sentinellas da cidade morta, os cyprestes immoveis dos Prazeres.

Passamos em frente da praia da Torre. É animadissimo o seu aspecto. As barracas dos banhistas, brancas, ponteagudas, dão-lhe o ar de um acampamento de opera comica.

Junto da agua, barracões de madeira, embandeirados, ostentam as suas varandas cobertas com toldos recortados, debaixo dos quaes ondeiam os véus e se agitam os leques das senhoras.

Dos barracões sahem para o mar pranchas, em que uns esperam, pittorescamente *drappés* nos seus lençoes turcos, e de que outros se precipitam de mergulho na vaga.

Alguns pequenos botes, com espectadores, bordejam na agua.

As côres dos vestidos de verão, dos chapéus de sol abertos, das bandeiras desfraldadas, produzem sob o sol uma grande mancha alegre, ridente, cheia de luz, no meio da areia fulva.

Ao lado da praia destaca magnificamente, com uma leve côr de sepia sobre o transparente azul, a bella Torre de Belem, com os seus relevos e bastiões, as suas guaritas, os seus eirados, o seu elegante azarve, em cujas ameias se entalham as cruzes floreteadas de Christo, e a sua bateria airosa como o terraço italiano de um palacio de recreio.

Considerada como construcção militar, a importancia da Torre de Belem é absolutamente nulla. As suas muralhas de cantaria desappareceriam dentro de poucos minutos varejadas pela artilheria moderna. A unica arma defensiva que a Torre de Belem póde empregar contra o inimigo é a sua belleza. A sua guerra terá de ser toda por sorrisos como a das creaturas coquettes.

Quando ha poucos annos a torre mandou uma bala a um navio de guerra americano que demandava a barra, o commandante da embarcação reuniu conselho de officiaes e propôz a replica ao fogo da torre. Votou-se por unanimidade que se não abrisse uma canhoneira contra aquella joia, tão delicada, que se desmoronaria á primeira descarga.

Para uma corveta americana, receber um tiro da Torre de Belem era o mesmo que para um homem valente levar uma bo-

fetada da mão delicada, franzina, perfumada, de uma linda mulher, fraca e pequenina. Á bala que a torre enviou ao navio, o navio respondeu mandando um beijo á torre. Sómente, como o amante caprichoso que segura os pulsos da sua bella e lhe mette á força nos cabellos o cravo encarnado que trazia na casaca, o americano vingou-se da torre, obrigando-a a arvorar o estrellado pavilhão dos Estados.

Á praia de Belem, chamada da Torre, segue-se a de Pedrouços, na qual falta o pittoresco dos barracões, cujas varandas dão a Belem, visto do mar, um aspecto tão festivo e tão jovial.

De Pedrouços até Cascaes seguem-se quasi ininterrompidamente as differentes estações dos banhos. Vem primeiro Algés, com a sua ponte e os seus dois palacios.

Depois apparece S. José de Ribamar, com o seu convento encarnado, actualmente propriedade do conde de Cabral, a qual sobresahe no fundo de verdura da quinta da Piedade, que a familia do finado principe D. Miguel de Bragança herdou o anno passado.

Vamos vendo successivamente o Dá-Fundo com as grandes arvores da bella quinta do snr. Fernando Palha, a Cruz Quebrada, a Boa Viagem, a Gibalta.

Eis Caxias e o seu palacio real, residencia predilecta do snr. D. Miguel nos ultimos tempos do seu reinado. O desditoso soberano habitava ordinariamente Queluz. Um dia, achando-se ahi occupado a caçar pombos nas terras do Infantado, foram participar-lhe que uma esquadra franceza, entrada no Tejo, acabava de apresar todos os nossos navios de guerra a titulo de indemnisação por um insulto de que dois francezes haviam sido objecto. Diante da noticia d'este facto, verdadeiramente enorme—uma flotilha que entra n'um porto e se apodera de uma marinha de guerra—o soberano, vestido com um casacão de briche, botas de montar, meias de lã acima do joelho e um bonet de prato, montou a cavallo e veio a Lisboa n'uma d'essas galopadas legendarias, terror dos cortezãos, muitos dos quaes derrogavam a etiqueta, deixando de seguir o soberano e ficando extenuados pelas estradas.

Em Lisboa quiz o rei assestar nos caes a sua artilheria e metter a pique, a tiros de peça, as embarcações francezas. Surgiram porém obstaculos que não permittiram pôr em practica este alvitre mais extraordinario talvez do que o proprio caso que lhe déra ori-

gem. Sua magestade mandou então construir uma bateria em Caxias e passou a entretér os seus ocios, fazendo fogo de artilheria sobre um velho navio que se collocára no mar como alvo aos reaes tiros. E, depois d'isso, sua magestade permanecia muito em Caxias, vigiando o mar, esperando talvez que a esquadra franceza lhe apparecesse de novo, estando elle preparado para a receber. Mas a esquadra franceza não voltou. Voltaram os navios que ella apresára, trazendo a seu bordo os homens que puzeram no throno a snr.ª D. Maria II e desterraram para sempre o artilheiro de Caxias.

Os jardins do palacio n'esta praia conservam ainda o seu caracter antigo, e são como Queluz um soffrivel specimen das architecturas vegetaes do seculo passado, postas em moda por Luiz XIV. As avenidas são riscadas por esquadria, em angulos rectos. A arvore é decotada em fórma de columna, de pyramide, de obelisco. Os tanques têem molduras altas, lavradas em relevo, como grandes espelhos de salão. As alamedas parecem galerias. As murtas aparadas, lisas, rectas, em volta do pequeno tanque, de um vaso de Le Nôtre, da meza de marmore, do banco esculpido, semelham os biombos que cercavam a meza do rei-sol, quando nas noites de inverno elle ceiava com as suas damas, *à grand couvert,* nos salões de Marly-le-Roi. As perspectivas — *trompe-l'œuil* — de templos da Gloria, de palacios de Alcestes, de jardins de Armida, pintadas nos muros; os azulejos com que se forram os aviarios; os embrexados, feitos de conchas, de seixos, de bocadinhos de porcellana, com que se constroem as cascatas; — todas estas superfetações da natureza são um pouco ridiculas aos olhos dos paisagistas. Todavia, esses antigos jardins italianos tinham um fim logico: harmonisar as construcções com as paisagens, manter nas salas e nos jardins a mesma arte decorativa, o mesmo espirito de ornato. Cerquem dos nossos mordernos jardins inglezes os grandes edificios macissos, rectangulares, do seculo passado, e verão a discordancia mais flagrante e mais insoffrivel.

O jardim inglez, com os seus intuitos exclusivamente paisagistas, a sua imitação da rusticidade ás vezes falsa e pretenciosa, não se supporta senão em frente da modesta elegancia da casa moderna, do *cottage* e do *chalet.*

A Caxias, que Deus guarde e conserve com o seu jardim e com a sua triste e melancholica praia, segue-se Paço d'Arcos, de todas as praias da margem do Tejo a que mais desafogadamente vê o mar e respira a atmosphera maritima. Tem apenas uma rua — a estrada —, mas essa está á beira da agua, exposta a sudoeste, de modo que descobre largamente o Oceano. Depois de

Pedrouços é esta a praia em que se grupam mais barracas. As arvores da quinta do conde das Alcaçovas facultam-lhe um pequeno fundo fresco de verdura. Uma ou duas casas, cujos stores exteriores vestem as janellas de pequenos toldos á flamenga, dão-lhe uma certa feição confortavel.

Porque é que não téem todas as casas da beira-mar estes stores alpendrados? Porque não contribuem os proprietarios com esse pequeno accessorio do pittoresco, de custo tão modico e tão agradavel para quem habita as casas expostas ao sol?

Quasi todas as casas do campo e das praias, dos suburbios de Lisboa, são particularmente núas, descarnadas, rectilineas, feiissimas. Querem transformal-as rapidamente, tornal-as agradaveis, sympathicas, appetitosas? Pintem-as de cinzento, de côr de lousa ou de côr de chumbo, adornem-as de uma singela trepadeira, a hera, a galircina, o heliotropo ou a madresilva; vistam-lhes as janellas de grandes jelosias brancas, ou suspendam sobre as varandas largos stores salientes de listas verticaes ou de grandes quadrados escocezes. Se ha um muro de jardim, substituam-o por uma sebe, por uma simples grade de madeira pintada de verde ou por um vallado plantado de cactos.

Não ha casa que resista a este processo, porque as casas são um pouco como as mulheres, que só são feias quando são tão estupidas que se não sabem dotar com essa segunda belleza supplementar que se chama a sympathia.

Paço d'Arcos dizem que é a praia aristocratica dos suburbios de Lisboa. Não sei bem d'onde é que esta fama lhe procede. Custa tanto já hoje a assignalar na sociedade portugueza o ponto em que a aristocracia principia e o ponto em que ella acaba!

Ha por exemplo viscondes que ninguem considera aristocratas. Ha famosos e antigos appellidos cujos possuidores passam egualmente pelas pessoas menos aristocratas do mundo.

Aristocrata chama-se em Portugal ao individuo que tem certos habitos de vida, certos disvelos de roupa branca, certas convivencias de salão, um pouco de *ar*, de maneiras, de *toilette* e de mão de redea.

Que estas condições se deem mais especialmente nos banhistas de Paço de Arcos do que nos outros, eis o que não me atrevo a affirmar.

Como quer que seja o corpo diplomatico patenteia por Paço

d'Arcos uma predilecção manifesta. Isto imprime á vida dos seus salões o caracter grave e reservado que a diplomacia impõe. Este caracter procede do duplo sentido que os representantes de cada potencia folgam de perscrutar nas palavras que os outros dizem e de dar áquellas que elles mesmos proferem. Assim, quando um snr. enviado extraordinario tem calor não o diz sem reserva, sem restricção condicional, porque quem sabe se será essa ou não a opinião thermometrica da politica do seu governo? Do outro lado o senhor encarregado de negocios que ouve o senhor enviado extraordinario hesita em confirmar em absoluto ou em regeitar *in limine* a opinião do seu illustre interlocutor, porque o senhor encarregado pensa que as paredes tem ouvidos e que uma imprudencia diplomatica póde — quem sabe? — agitar os fundos. De sorte que nada mais solemne, mais grave, mais casuistico, mais subtil, mais difficultoso, do que formar-se entre suas excellencias um accordo sobre a opinião, tão audaz para uns, tão insidiosa para outros, de estar ou de não estar calor!

Em todo o caso as caleches, os creados, as librés dos senhores ministros, as *saute-en-barque* de flanela e os chapéus *canotier* dos jovens senhores addidos de embaixada espargem nos passeios um aspecto de côrte, que os olhos admittidos aos grandes explendores agradecem, bem como um perfume de moda que acceitam reconhecidos os narizes *haut-placés*.

Paço d'Arcos tem um hotel habitavel — o do Bugio —, e um club em cujo salão ha *soirées* aos sabbados. Os banhistas portuguezes são apresentados e pagam uma quota. Para os extrangeiros ha convites.

Senhoras hispanholas a banhos n'estes suburbios são convocadas em cada semana a levarem aos sabbados de Paço d'Arcos o doce tributo da sua presença, da sua *toilette* e da sua expansiva vivacidade.

Assim como pela manhã se pergunta para o banho — «ha maré?» — assim á noite se pergunta para o baile — «ha hispanholas?».

Havendo hispanholas, todos os portuguezes que estão em Paço d'Arcos, concorrem ao club; muitos veem para esse fim das praias circumvisinhas: da Boa Viagem, da Cruz Quebrada, do Dáfundo. A valsa toma n'essas noites mais velocidade, mais impeto, mais *arranque*. A pronuncia hispanhola lança no ruido geral do baile um elemento de rebate, de alarme, como se se presentisse ao longe o fremito dos pandeiros, o frenesi das castanholas, a vertigem do bolero.

Com estes pensamentos contrasta singularmente o aspecto de Oeiras, que se segue a Paço d'Arcos.

Nada mais profundamente triste, mais abatido, mais destroçado!

O bello palacio de Oeiras ergue-se no meio da desolação e da miseria geral, como um fidalgo empobrecido no meio de velhos moveis partidos e devastados.

Muitas casas esqueleticas, escancaradas, sem portas nem postigos nem vidraças, parecem caveiras dispersas na pequena planicíe.

Oeiras é apenas notavel pelo seu palacio e pelos seus biscoutos.

A povoação teve uma unica razão de ser: a residencia n'aquelle sitio do poderoso ministro de D. José. Os homens como o marquez de Pombal, em qualquer parte onde se achem, espalham a actividade em volta d'elles; são um phoco de organisação.

Além dos homens que o marquez naturalmente acariou, Oeiras devia conter no tempo de D. José os parasitas que no seculo passado iam por toda a parte á babugem da auctoridade e do dinheiro. A classe proletaria corrompia-se nos conventos á espera do caldo da portaria; a classe media corrompia-se nas ante-camaras dos fidalgos ao farisco dos despachos, das tenças ou dos simples restos dos perus que sobejassem do jantar.

Fallecido o marquez de Pombal, Oeiras, á falta de nucleo, dissolveu-se.

Por cima da povoação esphacelada, no viso d'um monte, desenha-se com uma certa grandeza no azul do espaço o duro contorno da egreja de S. Domingos de Rana, com o seu pequeno carrilhão, e os seus dois quadros de Pedro Alexandrino: *A ceia* e *Nossa Senhora dando o rosario a S. Domingos*.

Entre Oeiras e Carcavellos, illustre pelos seus vinhedos, do meio dos quaes se destaca a estação do telegrapho submarino, — fica á beira do mar, beijada pelas ondas, a Torre de S. Julião da Barra, cujas masmorras parecem ainda quentes do martyrio das victimas que n'ellas expiaram o seu amor pelos direitos modernos.

Hoje a torre é uma caserna, que procura justificar-se perante a civilisação, mantendo um gazometro e accendendo á noite no al-

to eirado um pharol, a cuja luz benefica e amiga, o spectro apasiguado de Gomes Freire, deve, alta noite, passear tranquillo pelas ameias da sombria fortaleza salpicadas com o seu sangue generoso immolado á liberdade e á civilisação.

Ao sul da Torre de S. Julião fica-nos a Torre do Bugio cercada d'agua como uma bateria fluctuante sobre o Tejo.

Por cima de Carcavellos a linha do horisonte é fechada pelos recortes agudos, escarpados, graniticos, da serra de Cintra, onde campêa, coroado de nevoa translucida, o castello da Pena.

A marcha do vapor descreve outra curva e entramos na bahia de Cascaes, vinte e sete kilometros de Lisboa percorridos em cinco quartos de hora.

Saltamos nos escaleres e desembarcamos na praia dos banhos circumdada pela muralha da villa.

Ao poente fica a cidadella solidamente reconstruida sobre as suas rochas logo depois da restauração de 1640. Do lado do nascente a casa do club dos banhistas abre sobre a bahia as suas janellas de sacada. A praia é extremamente abrigada. A agua está serena como n'uma tina e a brisa é tão suave que não faz ondear uma fita nos chapéus das senhoras sentadas á sombra das suas barracas.

Exceptuada esta pequena parte da enseada, toda a costa é de rocha e a pique, o que dá logar aos mais pittorescos accidentes, como o da Bôca do Inferno, bella caverna escavada pelo mar, onde o acaso perfido da vaga quiz que uma parte da familia real tivesse corrido o perigo de afogar-se pelo verão, no mesmo sitio em que eu e o meu amigo Eça de Queiroz almoçamos tranquillamente n'um ventoso dia de inverno. Onde suas altezas estiveram a ponto de perder a vida, por tantos titulos preciosa, tivemos nós mergulhada a nossa garrafa de champagne que, entre duas garfadas de uma *mayonaise* de atum, içamos sã e salva do traiçoeiro abysmo.

Como povoação, Cascaes é a mais importante das praias da Extremadura. É cabeça de concelho. O numero dos seus fogos é de cerca de 1:700 — exactamente o mesmo numero que existia ha cem annos, o que prova que Cascaes, se não tem prosperado, tambem não tem decahido durante o curso do ultimo seculo. Esse estacionamento não obsta a que a villa possua, segundo uma memoria historica e estatistica do snr. Borges Barruncho, «vinte e oito ruas,

treze travessas, quatro beccos, doze largos, tres calçadas, dois caminhos, dois altos e tres sitios».

Além d'isso Cascaes possue uma praça, em que se acha o tribunal e a casa da camara, um passeio publico, tres hoteis, um theatro e uma praça de touros. Outra coisa que ainda lhe faz mais honra: possue tambem dez escholas, das quaes uma — caso talvez unico — é sustentada á custa do proprio professor, que fornece as casas e ensina gratuitamente os alumnos. Este benemerito cidadão obscuro é o snr. padre José Maria Loureiro.

Da salubridade da villa dá o mais eloquente testemunho uma estatistica publicada pelo snr. Barruncho, da qual se deduz que nos ultimos cinco annos a mortalidade foi de 2,71 ao passo que em Lisboa, com todos os cuidados hygienicos de que se suppõe que é objecto uma capital, a mortalidade tem chegado a 4,44.

Dos 957 individuos fallecidos em Cascaes durante o referido praso 52 contavam de 70 a 80 annos; 19 de 80 a 90; 8 de 90 a 100; 1 de 100 a 110. É muito bom.

Um dos factos mais memoraveis da historia politica de Cascaes é a derrota do prior do Crato, que concentrou ahi as pequenas forças com que se bateu heroicamente contra os terços do duque d'Alba que se dirigiam de Setubal para a tomada de Lisboa. Schæffer refere que D. Antonio de Castro, senhor de Cascaes, suggerira ao duque d'Alba a ideia de tomar por Cascaes a direcção de Lisboa, sob a clausula de que a villa não seria saqueada pelas tropas hispanholas. Esta condição, se foi estipulada, não foi cumprida. Rendida a cidadella, a villa foi posta a saque pelo duque d'Alba. O mais curioso porém é que pouco depois d'este desastre, retirando de Lisboa para embarcar em Cascaes o exercito inglez que viera em soccorro do prior do Crato, estando já então a praça em poder dos hispanhoes, foi a villa segunda vez saqueada pelos soldados inglezes! Pobre villa!

Nos vinte e dois cubiculos que existem no revelim da cidadella foram em 1833 encurralados duzentos e quarenta e um presos politicos transferidos da Torre de S. Julião da Barra cujos carceres haviam sido invadidos pelo colera morbus. Isto não impediu que dos duzentos e quarenta presos, acabrunhados de privações e de vexames, sepultados no revelim de Cascaes, cahissem doentes cincoenta e tres e fallecessem dezeseis.

Cascaes tem o seu homem illustre e o seu monumento celebre.

O homem é o piloto Affonso Sanches, que tendo arribado no anno de 1486 com a sua caravella a uma *remota região desconhecida,* veio depois a morrer na ilha da Madeira em casa de Chris-

tovão Colombo, que herdou as cartas e o diario do obscuro naufrago, o qual talvez, sem o presumir, fôra o primeiro a tocar no continente americano.

O monumento de Cascaes é a sua bella e secular palmeira, plantada no centro da povoação á beira do pequeno rio que atravessa a villa descendo do alto da serra de Cintra.

Cascaes, que além da via fluvial se acha ligada a Lisboa por uma boa estrada, tem tido nos ultimos annos um grande desenvolvimento. A renda das casas, que se alugam com mobilia e louça durante os mezes da temporada de banhos, comquanto não seja absolutamente elevada, é ainda pouco menos do que o preço porque as mesmas casas se venderiam, se alguem as comprasse, ha 15 annos.

Entre as novas edificações figuram os *chalets* do snr. Torresão, as grandes casas dos snrs. conde de Valle de Reis, viscondes da Gandarinha e da snr.ª duqueza de Palmella.

Esta ultima, perfeitamente construida, tem o typo das modernas habitações inglezas, elegantes, mas tristes, sempre que as não rodeia a verdura espessa dos grandes arvoredos. Á casa está appenso um parque e um jardim inglez, os quaes só d'aqui a alguns annos poderão entrar no exercicio das funcções a que se acham destinados.

A casa da snr.ª viscondessa da Gandarinha tem a particularidade de estar edificada nos terrenos em que antes do terremoto existia o antigo paço do senhor de Cascaes, primitivamente occupado no tempo de D. Fernando por D. Alvaro de Castro, irmão da linda Ignez, e depois por João das Regras, a quem o senhorio de Cascaes foi doado por D. João I.

Desde o meado de setembro até o fim da estação, Cascaes torna-se o centro mais completo, o mais fino extracto da vida elegante em Portugal.

As senhoras aristocratas começam então a reunir-se no salão do club, onde se talham e se cosem os fatinhos para as creanças pobres, que sua magestade a rainha distribue por sua propria mão aos agraciados.

Ha as *soirées* na cidadella presididas por el-rei, as partidas de pesca, os prasos dados para as reuniões da tarde no parque da senhora duqueza.

E' a plena vida de côrte na sua expressão mais genuina. De dez senhoras que passam, com as suas *toilettes* de campo, vestidos de mousseline semeados de flores silvestres, chapeus de palha, o grande leque — *coup de vent* — suspenso do cinto por um gancho

— oito são titulares. Representam os mais bellos nomes da tradição monarchica. Teem os finos pés pequenos, o vestuario simples e modesto, a voz clara e bem timbrada, as attitudes de cabeça altas e senhoris, os gestos resolutos das familias privilegiadas. As senhoras da burguezia destoam n'esse meio e não fazem bem em sujeitar-se ao contraste d'esse confronto, a não ser que não tenham levado as suas joias, que não ponham senão os seus vestidos velhos, que usem o mais simples dos penteados e que sejam fundamentalmente despretenciosas e boas, — no qual caso todas as mulheres, qualquer que seja o seu nascimento e a sua cathegoria, são egualmente elegantes e distinctas.

Os homens novos que quizerem fazer o que se chama *a entrada no mundo,* a investidura social, devem procurar esta praia para abrir a brecha, para penetrar na praça.

Aconselhar-lhes-hemos n'esse caso que não imitem os homens que acompanham essas senhoras e são os seus pares.

Não, leitor inexperiente e amigo! Se quizeres ser recebido n'esta sociedade especial, a alta sociedade portugueza — em que se pegam os touros, em que se toca a guitarra, em que se dança o fado — não toques o fado, não pegues os touros, não bebas, não fumes, não deites para traz o chapéu dando-lhe um piparote na aba. Tudo isso fazem os fidalgos, mas tu, burguez, nunca parecerás um fidalgo se o fizeres. Parecerás apenas um moço de cavallarice e nenhuma d'essas senhoras consentirá jámais em que lhe apertes a mão. Não tenhas tambem muito espirito, nem maneiras muito accentuadas, nem opiniões muito expressivas.

Sê o mais que possas facil, complacente, obscuro, nullo. Vae á missa, lê o teu ripanso, está de joelhos na igreja, confessa-te uma ou duas vezes, veste-te como um padre ou como um saloio, dá-te um ligeiro ar idiota, inoffensivo, pascacio. Terás um successo infallivel. As senhoras receber-te-hão com agrado, como um auxiliar que não compromette, como um passivo, como um neutro. Apresentar-te-hão, rindo, ás suas amigas. Pedir-te-hão os pequenos serviços suaves que se encarregam aos procuradores e aos capellães: que chegues uma cadeira, que vás buscar as luvas, o lenço ou o chapeu de sol que esqueceu, que acompanhes esta, que vás chamar aquella, que deites ao correio uma carta para aquell'outra, etc.; terás uma incumbencia de responsabilidade nos *pic-nics,* nos passeios em burro, nas *soirées* de subscripção; serás o ponto ou o contra-regra, o comparsa ou o creado que traz a carta nas representações de salão. Converter-te-has finalmente n'um personagem que será lembrado, requerido, utilisado.

No anno seguinte áquelle em que por estes meios te houveres introduzido na sociedade, poderás então tocar guitarra, enrolar nos dedos, em pleno *club,* deante das senhoras, um pestilente cigarro de papel, arrojar o chapéu da testa para a nuca com o piparote fadista, e fallar o calão — porque terás tomado posse, e principiarás a exercer o teu logar de janota nacional, encartado e inamovivel.

Além da via fluvial que seguimos de Lisboa a Cascaes e da respectiva estrada marginal do Tejo, Cascaes tem ainda a estrada de Cintra, de cuja povoação a separa um passeio de tres quartos d'hora em carroagem.

A proximidade de Cintra é o mais superior dos merecimentos que tem Cascaes, porque — apesar da moda que ultimamente a esqueceu e que ha poucos annos fazia de Cintra a belleza official, a paizagem dos compendios de rhetorica, o logar selecto pela antipathica unanimidade dos suffragios — Cintra é, ainda assim, pela natureza dos seus terrenos, pela abundancia das suas aguas, pelas suas vegetações, pelas suas collinas, pela sua serra, pelos seus nevoeiros, pelas suas quintas, uma das mais bellas, das mais suaves, das mais tranquillas regiões que offerece o paiz. A vida de verão tal como ali a passam a maior parte das familias que habitam Cintra na estação calmosa não contribue de certo pela maneira mais poderosa para pôr em relevo os attractivos do sitio. Nos bellos dias, porém, da primavera e do outomno, claros, nitidos, quando uma leve neblina cor de perola corôa os pincaros graniticos da montanha, quando no caminho deserto dos Pisões se calcam as folhas seccas despegadas das arvores, ou se vêem sobre os grandes taboleiros de relva da quinta de Monserrate as primeiras flores desabrochadas dos lilazes; quando a grande serenidade silenciosa e ineffavel da natureza é apenas cortada pelo marulho da agua na fonte da Sabuga ou pelo ranger da arêa sob as rodas de uma caleche na descida de Collares; então, percorrer Cintra, passar ahi um ou dois dias, como naturalista herborisando, como paizagista com a caixa das aquarellas, ou como simples philosopho em ferias; ter um quarto em *Lawrence's Hotel,* celebre pela especialidade do bom leite e da manteiga fresca, tomar banho no grande *douche,* remar na varzea, ir em burrinho á Pena ou á Pedra d'Alvidrar, é ainda uma das poucas coisas boas, uteis, hygienicas, moralisadoras, que um lisboeta póde permittir-se o luxo de gosar pelo preço de uma das suas libras.

VILLA DO CONDE

É talvez a menos frequentada pelos banhistas, o que não obsta a que seja uma das mais pittorescas e mais bellas povoações maritimas de Portugal.

A uma hora do Porto pelo caminho de ferro da Povoa, cuja linha é cortada por entre espessos pinheiraes, Villa do Conde descobre-se repentinamente, n'uma volta de estrada, no meio de uma vasta paizagem, ampla, descoberta, de larga respiração.

Ao penetrar na ponte que une duas collinas, ao nascente da villa, o viajante vê diante de si, ao longe, as montanhas de Rattes, aos seus pés ondula o rio Ave por entre viçosas margens cobertas pela verdura suave dos pinhaes. Ao meio do rio, entre a ponte de ferro e a villa, um açude. Em cada uma das margens, um velho moinho, musgoso, move lentamente a sua grande roda denegrida e gotejante. Assente sobre rocha, na margem esquerda do rio, sobranceiro á villa, o convento, grande edificio da Renascença franceza, tem um artistico aspecto, dominativo, senhorial, ostentando ao largo sol, sobre a cimalha, junto de uma monja com o habito de Santa Clara, o grande elephante branco, symbolo da castidade, que constitue o brazão do convento.

D. Affonso Sanches, filho bastardo do rei D. Diniz, e sua mulher D. Thereza Martins de Menezes, filha do primeiro conde de Barcellos, foram os fundadores do convento, onde estão sepultados, e que doaram ás freiras franciscanas.

O mosteiro de Villa do Conde era rico e fidalgo. Habitavam-o 120 freiras, a maior parte d'ellas de familias nobres. Possuiam a povoação de Azurara que fica na margem sul do rio, dizimos e outros direitos senhoriaes. Eram donatarias de Villa do Conde, de outras villas de Entre Douro e Minho, e de Alcoentre no Riba Tejo.

A abbadessa sentenceava as apellações das sentenças do juiz. Tinham finalmente direitos soberanos.

D. João III tirou-lhes o senhorio e jurisdição, e instituiu por donatario o infante D. Duarte. Azurara, com a sua bella igreja manoelina, passou a pertencer a si mesma. Os dizimos foram extinctos. De sorte que as freiras empobreceram. As poucas senhoras que actualmente assistem no mosteiro fabricam doce e vendem a especial gulodice da ordem — os pasteis de Santa Clara.

A igreja matriz é do tempo de D. Manoel e no stylo manuellino como a de Azurara.

A ermida de Nossa Senhora do Soccorro, que se avista da ponte e fica entre ella e a barra, á beira do rio, é redonda, tem a fórma de uma mesquita ottomana, a que só falta o complemento de uma palmeira e o appenso de um camello ou de um cavallo arabe.

Além de algumas familias muito distinctas e especialmente hospitaleiras e amaveis, a população de Villa do Conde é composta principalmente de pescadores e de rendilheiras.

Todo o trabalho gera uma virtude que lhe corresponde. Do fabrico da renda, delicadamente construida por meio de uma infinidade complicadissima de bilros, com linha branca finissima, resultam os habitos de ordem, de aceio, de reflexão, de espirito de systema.

Não é possivel fazer renda e ter uma casa em desordem; não é possivel fazer renda e ter as mãos sujas ou deitar nodoas no fato; não é possivel fazer renda e murmurar ao mesmo tempo da vida alheia ou altercar com as visinhas, como succede a quem doba, a quem fia, a quem faz meia, a quem se occupa de trabalhos de machina puramente automaticos.

O fabrico da renda é profundamente moralisador. D'elle procede o caracter e o ar senhoril das mulheres de Villa do Conde e de algumas que particularmente me impressionaram em Peniche pela distincção das suas maneiras, pela gravidade das suas physionomias, pela delicadeza das suas estaturas, pela elegancia aristocratica das suas mãos.

As rendas de Villa do Conde, como as de Peniche, são do genero chamado Honiton, similhante á *guipure* de Chantilly. Magôa, ao considerar os trabalhos d'estas sympathicas mulheres, ver tanta perfeição de acabamento, tão completa posse do processo, alliada a tão profunda ignorancia artistica!

Nem em Villa do Conde nem em Peniche encontramos uma só operaria que soubesse desenhar. A creação de uma escola de desenho publica e gratuita é tão necessaria em qualquer d'estas lo-

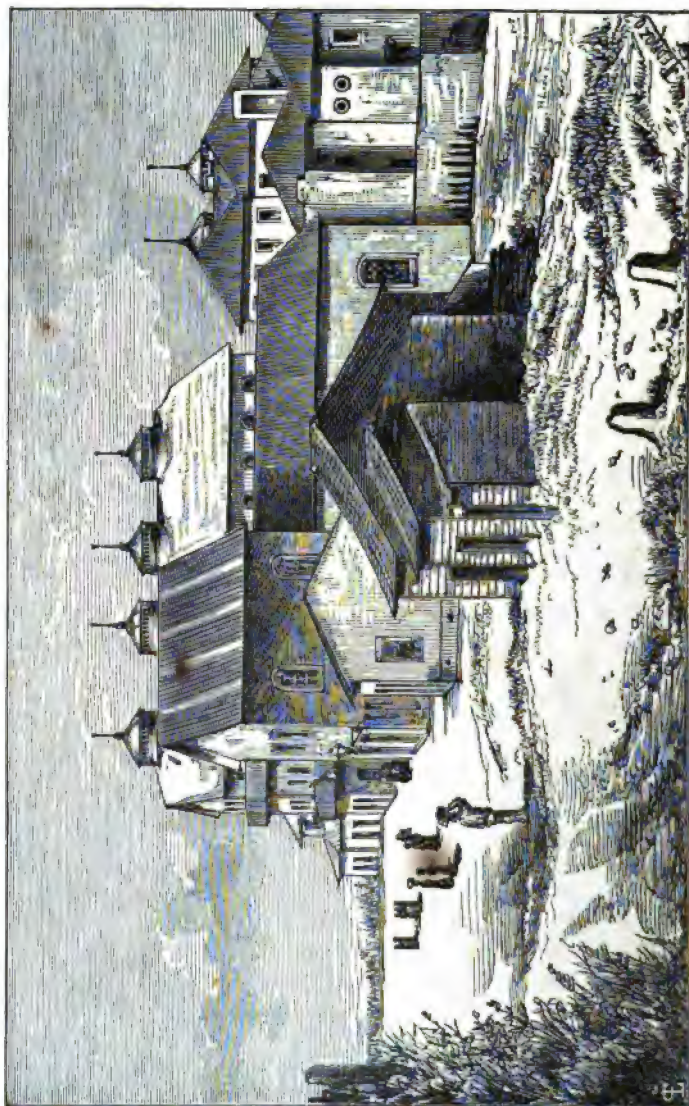
calidades como a escola das primeiras lettras. A essas mulheres, que tão fiel e escrupulosamente executam os riscos, seria facilimo ensinar a manejar o lapis.

Se em cada uma das escolas de desenho a que nos referimos existisse uma collecção de bons modelos d'ornato feitos pelos artistas de mais talento e os jornaes especiaes da moda franceza com todos os novos modelos, talvez d'essas modestas operarias sahissem algumas artistas cuja aptidão contribuiria muito para dar á industria das rendas portuguezas a grande importancia economica de que ella é susceptivel.

O campo que cerca Villa do Conde, atravessado pela arcaria do extenso aqueducto do convento, o qual lhe imprime um grandioso ar italiano, é ameno, posto que um pouco triste. As margens do rio perto da graciosa aldeia da Retorta são extremamente pittorescas.

O unico defeito de Villa do Conde, como estação de banhos, é a distancia que medeia entre a praia e as casas da villa, unidas todavia por uma boa estrada, em que uma companhia edificadora estava o anno passado construindo novas casas.

Ha feira semanal e feira grande a que concorre muito povo dos suburbios.

A villa tem dois hoteis. Estivemos no maior, situado na praça, em frente da antiga ponte. O aceio não é a virtude especial que recommenda esta casa ao respeito dos viajantes. O proprietario distrae a attenção dos forasteiros da infecção de capoeira que caracterisa os salões, servindo-lhes magnifico vinho verde, admiraveis presuntos de Melgaço, de primeira ordem, e os melhores pasteis do convento.

ESPINHO

ESPINHO

É de todas as praias a mais estimada por aquelles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tomam-se todos por este sitio de uma especie de exaltação patriotica, exclusiva e intransigente. Não admittem o parallelo da sua praia com qualquer outra, e consideram os que tomam banho n'outras regiões do globo como adversarios, quasi como inimigos. Por mais de uma vez encontrei no caminho de ferro do Porto, dentro do mesmo compartimento, uma familia de Espinho e uma familia da Granja, e fiz então uma ideia do aspecto que deviam ter, postas cara a cara, a familia Cappuletti e a familia Montecchi. Os homens não se encaram. As senhoras não se examinam senão com um olhar obliquo e debaixo para cima, desde o bico do pé até o contorno do hombro. As proprias creanças de Espinho voltam as costas ás creanças da Granja e, se estas lhes fallam, mettem o dedo no nariz, que é o gesto mais expressivo com que as creanças sorumbaticas, costumam expressar a sua pertinacia na incommunicabilidade e no silencio.

A povoação de Espinho divide-se em dois bairros differentes, separados pelo largo do mercado. Para o nascente, até á estação do caminho de ferro, fica o bairro novo e caro; para o poente, até a praia, acha-se o antigo bairro pobre.

Pequena povoação de pescadores do concelho da Feira, no districto de Aveiro, Espinho deve ao caminho de ferro o seu aspecto actual.

As antigas barracas de madeira dos primitivos habitantes achamse mascaradas para o lado da estrada pelas edificações modernas

que se alinham com uma certa grandeosidade burgueza, nas duas principaes ruas novas, a da Assembleia e a do Bandeira de Mello.

No velho bairro, as ruas estreitas e tortuosas, os antigos casebres esbeiçados que pendem em ruinas esfarpadas, as saliencias das varandas de pau, empenadas e barrigudas, a fogueira de pinho que está dentro ardendo no lar, as creanças semi-núas que sahem á rua, as mantas ou as redes de pesca, penduradas das janellas ou estendidas a enxugar em duas varas, teem um cunho muito caracteristico, de um pittoresco oriental.

Em poucas praias é tão animada como em Espinho a vida de club, expressão que n'este caso não tem o sentido inglez segundo o qual o *club,* creação democratica do fim do seculo passado, era uma reunião exclusivamente de homens. Em Espinho o *club* é o ponto de reunião de todos os banhistas de ambos os sexos.

Pela manhã, desde o meio dia até ás tres horas realisa-se a primeira reunião. Leem-se os jornaes, conversa-se, faz-se musica.

Muitas vezes succede que uma joven tocadora, viuva saudosa do seu piano de estudo, se apodera do instrumento do club para repassar os seus exercicios. Se este abuso continuar é de crer que o numero dos banhistas diminua, porque todos os inconvenientes da vida de Espinho, — a pobreza indigena, o amanho da sardinha, a aridez do sólo — são menos pungentes que as estudiosas pianistas que vão ás manhãs exercer sobre o piano do club a sua aprendizagem feroz!

Debaixo das mãos presistentes e accintosas de uma celebridade que desponta, o piano converte-se n'um monstro.

O tigre ruge, o lobo uiva, o mocho pia, a serpente assobia, a rã coacha, o jumento zurra, — o piano serra!

Ha uma calamidade social representada por um sujeito ignobil chamado o *troca-tintas.* Ha outra calamidade peor representada nas salas pelo *troca-teclas.*

A antiga inquisição era o boi de que o troca-teclas é o extracto de carne.

Ao contacto dos dedos protervos da fera, a mais innocente polka, a mais inoffensiva phantasia, toma o caracter sinistro do bem conhecido supplicio da gota d'agua, e começa a pingar em semicolcheas compassadas no cerebro da victima, como um filtro peçonhento.

O troca-teclas insinua-se pela mansidão e pela modestia, como um fio de azeite destinado a converter-se n'um fio d'alfange. O troca-teclas começa por declarar com os olhos baixos que pouco ou nada sabe. Com a mesma astucia porém com que a aranha tem a

sua teia, o troca-teclas tem a sua familia, e é do seio d'ella que perante a modesta affirmação do troca-teclas sae uma voz que replica:

—Não é tanto assim... A menina o mais que tem é acanhamento pela falta d'uso de tocar diante de gente, mas estes senhores desculpam... Toque lá aquelle bocadinho dos *Dois Foscaris*...

A menina então adianta-se para o instrumento do crime, meneando a cabeça com movimentos de cysne que voga na direcção do comedoiro. Offerece-lhe o braço um cavalheiro que a anima com palavras tonicas e lhe desenrosca a coragem e o pé do banco até á altura conveniente.

Ella descalça as luvas, que colloca ao lado da estante. A assembleia silenciosa escuta. Ella principia. Mas, como se enganou, torna a principiar, e engana-se outra vez, com a unica differença de que se engana melhor, — com mais fogo! Principia pela terceira vez e consegue finalmente enganar-se com uma perfeita maestria e bravura. Depois do que, prosegue satisfeita e victoriosa, atropelando as notas com uma justiça de moiro, fazendo pagar as teclas justas pelas teclas peccadoras, e acabando finalmente por provar que confundiu os *Dois Foscaris,* de Verdi, com os *Dois renegados,* do snr. Mendes Leal.

E assim nasce a opinião geral de que são quatro as prendas de uma menina: bordar cães e araras de veludo com olhos de contas, fazer flores de papel e compota de pecegos, marcar lenços com anagrammas phantasistas, e — não tocar piano.

Além do alfobre das pianistas, Espinho costuma ter um viveiro de poetas, bons rapazes, amantes da lua e da arte poetica, os quaes não podendo escrever os *Lusiadas* por os acharem já escriptos, entreteem a musa desoccupada com o banho de mar, com a recitação ao piano e com algumas chavenas de chá preto com leite, acompanhadas das competentes torradas.

•

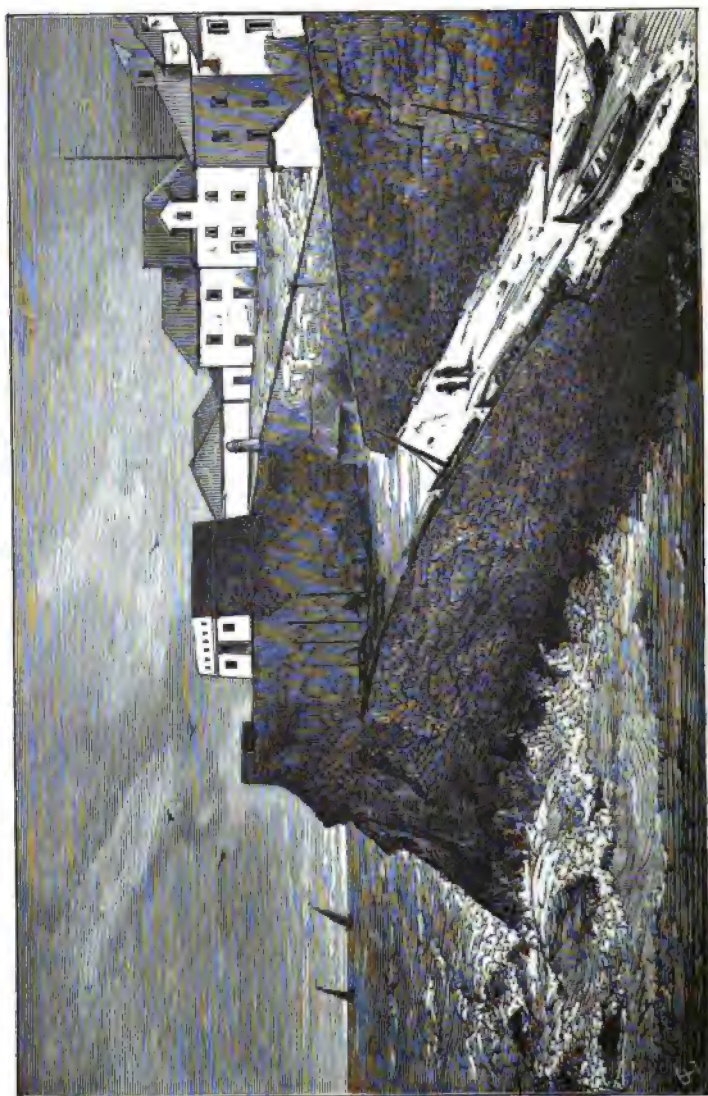
A sociedade que concorre a Espinho é extremamente numerosa e variegada. Cem senhoras chegam a frequentar o club. Comprehende-se que estas senhoras não são todas princezas. Ha mesmo algumas que são apenas as honestas esposas de algum mercador de Penafiel ou de algum cambista do Porto, ao passo que outras são mais ou menos garantidamente pessoas nobres e titulares. E todas ellas se reunem ao mesmo tempo, debaixo do mesmo tecto, sobre o mesmo pavimento, ao som dos mesmos Lanceiros.

As cathegorias porém reunem-se mas não se baralham, a não ser, provisoriamente, nas figuras das quadrilhas. Acabada a contradança os grupos delimitam as suas fronteiras, descentralisam-se, e cada circulo fica tendo a sua existencia propria, independente e autonoma.

Nos passeios á ponte da Canha e á estrada da Granja, nas digressões a Ovar, á Graciosa, á Borralha, á ria de Aveiro, os differentes circulos concentricos do club, desgregam-se, passeiam, conversam e divertem-se em separado.

Cada uma d'essas tribus tem a sua organisação especial, com os seus competentes personagens em rivalidade com os das tribus adjacentes e limitrophes. Em cada tribu ha uma pequena sociedade completa, uma roda, com o respectivo poeta, o pianista, o troca-teclas, os parceiros do voltarete, os pares dançantes, a menina bonita, a senhora espirituosa e o competente homem celebre. Quando cada um dos grupos assim divididos toma banho, vai ao club, passeia, viaja, faz *pic-nics* ou se recolhe a sua casa, leva comsigo todo o seu pessoal. De sorte que as impressões de cada individuo variam segundo a roda a que elle pertence e a tribu de que faz parte.

As casas de Espinho alugam-se mobiladas e com louça ou sem louça e teem, segundo as commodidades que offerecem uma larga tarifa de preços, desde 200 reis até 4$500 por dia. Entre os principaes predios novos figuram o do snr. Fulgencio Pereira, — metade do qual se alugou o anno passado por 5$000 reis por dia e a outra metade por 800$000 reis por anno — os dos snrs. Cardoso Valente, conde da Graciosa e Pintos Bastos.

Ha tres hoteis: o Hotel Particular, o Bragança e a Nova Estrella, a 1$000 reis por dia, e jantar de meza redonda a 500 reis por cabeça. D'estes hoteis o mais tranquillo é o Hotel Particular, da snr.ª Maria da Gloria Villas-Boas.

ERICEIRA

A ERICEIRA

Fica a sete leguas de Lisboa e tem cerca de 700 fogos.

Se exceptuarmos Olhão, no Algarve, é esta a terra mais aceada de Portugal.

As ruas estão escrupulosamente varridas como as de um jardim. As mais pequenas casas teem as vidraças nitidamente lavadas e as paredes exteriores caiadas de branco.

Quasi ao meio da villa, sobranceira ao mar, fica n'um alto a capella de Santo Antonio, circumdada de bancos, ponto de reunião dos banhistas á hora do pôr do sol e á do despontar da lua.

Para o norte da capella ha uma praia de banho, para o sul ha outra. A cada uma d'estas praias corresponde um bairro. A praia do sul, perfeitamente abrigada por uma cortina de rocha que a rodeia como um biombo, é a mais agradavel, e o seu respectivo bairro o mais importante. Para o lado do norte ficam as pequenas casas quasi todas de um só pavimento, abarracadas.

A vida é extremamente commoda na Ericeira. As casas alugam-se com mobilia, e póde-se ter egualmente de aluguer a louça e a roupa de camas. Uma familia de quatro pessoas aloja-se commodamente por seis libras por mez. O preço do hotel é de 800 reis por pessoa com cosinha soffrivel e serviço regular. Ha um club e um pequeno theatro.

A população indigena, composta principalmente de maritimos, é pacifica e abastada, d'onde resulta que o banhista não padece a exploração de que é objecto nas terras em que o habitante é indolente e pobre.

Estivemos na Ericeira fóra da temporada dos banhos. O aspecto da população só differia do que é em agosto ou setembro pelo numero das pessoas. De resto, o mesmo aceio, as mesmas lo-

jas abertas; ao fim da tarde algumas familias passeavam na praça do Jogo da Bola. A' noite accenderam-se luzes em quasi todas as casas. Nos pavimentos do rez do chão via-se, atravez dos vidros, os cortinados das janellas, a gaiola envernisada ao centro das duas cortinas; um candieiro de sala, de globo fosco ou de *abat-jour*, sobre a mesa do centro confortavelmente coberta com um tapete; o cabide, o espelho, o vaso com flores, todos os pequenos caracteristicos da vida serena, bem administrada, com um orçamento regular, com habitos adquiridos, com costumes de familia. Devemos especificar que em duas casas chegamos a avistar alguns livros: caso extraordinario e rarissimo em Portugal; onde nas pequenas casas da provincia o livro é um objecto de luxo que ninguem se permitte, e o habito tão moralisador da leitura aos serões, curiosidade que ninguem tem, dignidade que ninguem professa.

A existencia d'esta inclinação artistica que nos surprehendeu na Ericeira procede talvez da educação que os maritimos adquirem nas viagens, reunida á natureza especial do sólo que pela sua aridez em torno da villa obriga o habitante a recolher-se e a procurar no interior da sua casa as distracções que o campo e a paizagem lhe não facultam.

O unico passeio da Ericeira é Mafra que fica a distancia d'uma hora ao trote de uma carroagem ou das diligencias que durante a estação dos banhos fazem esta carreira pelo preço de 300 reis.

Mafra é dignissima de ver-se, de visitar-se por mais de uma vez, pela importante lição de historia que ella ministra.

A villa é pequena e pobre. O celebre edificio de D. João V ostenta a sua enorme corpolencia quadrada e macissa no meio de uma vasta nudez fria e abatida. Não é propriamente um monumento architectonico; é apenas um predio, mas um predio immenso, incrivel, phantastico, pharaonico. Occupa uma area de 40:000 metros quadrados. Tem quatro mil e quinhentas portas e janellas, oitocentas e oitenta salas, duas torres de 68 metros de altura, um zimborio, dois torreões tão vastos que n'um só andar de qualquer d'elles se aloja toda a familia real quando vae caçar a Mafra. Levou treze annos a fazer. A media dos operarios empregados em cada dia na construcção da obra monta a vinte mil. Para cortar a montanha que fica ao sul do edificio davam-se quotidianamente mil tiros, e consumiam-se 400 kilogrammas de polvora. Além de vinte mil operarios havia em Mafra para manter a policia uma força militar de

sete mil homens de cavallaria e infanteria. Nas conducções empregavam-se 1:270 bois fóra os que os lavradores circumvisinhos eram obrigados a ceder em dois dias da semana. Uma só pedra, de que se fez a varanda da sala principal, levou seis dias a chegar de Pero Pinheiro e foi puxada por 200 bois. Morreram durante a obra 1:338 operarios. O numero total dos sinos é de 114. Os dois carrilhões custaram na Italia 800 contos de reis. O castiçal em que se mette o cirio pascal, e que está na sachristia pèsa 235 kilogrammas. O apagador respectivo póde apagar um homem, e apagou um seculo. Os paramentos ainda hoje existentes e bordados a matiz sobre as mais bellas sedas da India ou das melhores fabricas da Europa, são de tal modo sumptuosos que D. João v dizia haverem-lhe custado mais caro do que todo o edificio! A tapada contigua ao palacio occupa um circuito de 3 leguas. As cosinhas compoem-se de sete grandes casas, a das hortaliças e do peixe, a da pastelaria, etc. Na cosinha grande, forrada de azulejos, cercada de torneiras de bronze, ha duas enormes chaminés com os dois apparelhos destinados a mover os caldeirões, em cada um dos quaes se podia coser um boi. As festas da sagração duraram oito dias. No primeiro dia as solemnidades religiosas começaram ás 8 horas da manhã e acabaram ás 5 da manhã do dia seguinte. Assistiram o rei, a rainha, o principe, os infantes, a comitiva real, o patriarcha, dois cardeaes, quatro bispos com os seus sequitos, os conegos, trezentos frades, os fidalgos, os regimentos de infanteria e cavallaria. Além do que toda esta gente comeu, o rei mandou dar de jantar a todos os romeiros que se apresentassem, e apresentaram-se nove mil. As cosinhas do convento prepararam os jantares para toda esta multidão.

Mafra, em que D. João v, Nero de sachristia, Pharaó freiratico, consumiu tantos milhares de contos, tantos milhares de braços e tantos milhares de vidas, representa a dupla catastrophe de um monumental triumpho e de uma monumental derrota.

Tudo quanto um triumpho póde ter de calamitoso para um povo deu-a a edificação de Mafra: — a perturbação economica, a concentração de todas as forças vivas de um paiz sobre um unico successo, a embriaguez do exito, o falso orgulho, a petulancia, o pedantismo, todos os vicios das heroicidades pervertidas e desmoralisadas.

Tudo quanto uma derrota nacional póde ter de deploravel deu-o egualmente Mafra: — o enfraquecimento, a ruina, a prostração dos temperamentos e dos caracteres, a pobreza geral.

Por outro lado a edificação de Mafra não produziu nenhuma das vantagens que os grandes triumphos ou as grandes derrotas podem influir na educação moral de um povo: — nem a affirmação da sua força, nem a imposição da sua vontade triumphante, nem o modesto recolhimento do seu espirito ensinado pelo revez e procurando retemperar-se no dever, na renovação moral, na reconstituição do seu ser pela condensação interior de todas as forças da intelligencia e da vontade.

Enorme infortunio!

Ha apenas seculo e meio que o edificio de Mafra foi erigido em consagração de uma ideia religiosa e de uma ideia monarchica. Que papel tem hoje esse colossal montão de marmore, de calcareo e de bronze no serviço de qualquer d'esses dois cultos a que o destinaram: — o culto catholico e o culto monarchico?!

Ha quarenta e oito horas que eu estive em Mafra. Era meio dia de sexta-feira, antes de domingo de Ramos d'este anno de 1876. No meio da igreja, por baixo do grande zimborio, cinco padres de sobrepelliz cantavam automaticamente um responso em volta de um esquife. Por baixo das batinas appareciam as grossas botas saloias dos caminheiros dos campos. As mãos que seguravam os livros do cantochão eram espessas e calosas como as dos cavadores; as physionomias, crestadas, duramente contorcidas com as violencias vejetativas dos sobreiros.

Quando estes cinco padres aldeões, bons homens do campo, vigorosos e boçaes, suspendiam o cantochão para aspergirem agua benta ou para menearem o thuribulo, ouvia-se no alto da torre os sinos do carrilhão telintarem o coro do primeiro acto da *Traviata*. Em quanto eu me dirigia á igreja, dois inglezes, que vira no hotel a reforçarem-se com dois alentados bifes e duas garrafas do adstringente vinho de Tôrres, tinham subido ao carrilhão e punham em movimento o cylindro.

E era tudo o que sobrevivia dos antigos esplendores da igreja e da côrte do tempo de D. João v: — cinco padres que tinham acudido das redondezas á esportula do responso trazendo a trouxa com a loba e a sobrepelliz em uma mão e um varapau na outra, e o afamado carrilhão divertindo com a mais profana e mundanal das partituras dois *dilettanti* herejes, dois *touristes* lutheranos em peccado mortal de um kilo de carne por estomago na penultima sexta-feira da paixão!

No Egypto as pyramides são, pelo menos, um tumulo. Mafra é uma eça vasia levantada á ausencia de um defuncto rico e so-

berbo, para cuja memoria ôca não ha uma lagrima de saudade ou de respeito na lembrança d'aquelles a quem o morto não testou senão a pobreza, a desorganisação e a ignorancia.

O mosteiro dos Jeronymos e a Batalha, inspiram um sentimento delicado, commovente, respeitoso, porque são para o povo a manifestação de uma das mais bellas das suas faculdades, o seu sentimento artistico. Como verdadeiras obras d'arte, como primorosas efflorescencias do genio nacional, esses monumentos não teem a feição individualista de uma ordem regia, são a obra collectiva de um povo, prendem-se profundamente na sua tradição, na historia do seu passado, nos elementos da sua vida intellectual. Não são, como Mafra, o cumprimento de um voto feito aos santos por um rei enfermo com interferencia d'alguns frades arrabidos; são a commemoração das grandes epochas, dos gloriosos feitos, que affirmaram a nacionalidade e a raça, — a independencia do territorio e a descoberta da India.

Não é o lapis nem o cinzel assalariado por um despota paparrotão o que risca e lavra os feixes d'essas airosas columnas que crescem para o ceu e bracejam como palmeiras nos lavores rendilhados das ogivas manuelinas; é o espirito popular — com todas as tradições, com as impressões do caracter e do temperamento, com as influencias do sólo, do clima, das viagens, dos contactos com o mar, das recordações de paizagens e de vegetações longinquas, — que se reflecte e condensa na alma dos artistas e lhes guia a mão privilegiada que torna visiveis e palpaveis os sentimentos e os estados de espirito.

Mandando, como D. João v, recrutar e prender por todo o paiz os trabalhadores e os artifices, que chegaram a constituir uma legião de 50 mil operarios, pedindo a inspiração a um collegio de varatojanos ou de capuchos, promettendo aos santos da sua devoção não as suas penitencias mas os sacrificios dos seus subditos, em taes condições, dizemos, fazem-se igrejas, fazem-se torres, fazem-se cadeias, fazem-se fortalezas, fazem-se forcas, mas não se fazem monumentos nacionaes.

Por isso Mafra, apesar de todas as receitas consumidas, de todos os esforços empregados, de todos os sacrificios feitos, é apenas um predio, enorme, soberbo, magestatico; mas simples predio.

Como predio é magnifico; admiravelmente situado, descobrindo uma larga paizagem; perfeitamente penetrado de ar, de luz e de sol; satisfazendo cabalmente todas as condições da hygiene com relação aos grandes agentes physicos.

A insensatez de prodigalidade com que tal obra foi feita só

poderia ser compensada com a insensatez de desperdicio com que ella se está desfazendo. O edificio de Mafra acha-se inteiramente abandonado. O asphalto dos torreões despedaça-se e a chuva penetra nos vigamentos. Nos magnificos pateos interiores a herva cresce por entre a murta dos antigos arabescos versalhezes. A bibliotheca, bella sala com excellente obra de talha feita no tempo em que o convento foi occupado pelos conegos regrantes de S. Vicente, está inutilisada com os seus vinte e cinco mil volumes de obras classicas e de erudição. O collegio militar, que estava mui propriamente instalado n'este edificio foi transferido para a Luz, o asylo dos filhos dos soldados, que ahi esteve algum tempo, foi egualmente mudado. A casa está completamente deserta. As tres leguas de magnifico sólo occupadas pela tapada estão incultas. A pobre villa de Mafra, assoberbada pelo grande edificio, constrangida entre o mar e tres leguas de terreno inutil para o qual ella não póde estender nem a sua propriedade nem as suas explorações agricolas, fechada n'esta especie de sitio, decae e deperece de dia para dia.

No emtanto o carrilhão toca o repertorio dos seus menuetes em todos os dias de gala; de dois em dois annos el-rei e a real familia vão por um dia caçar as gallinholas que abundam na tapada; de quando em quando, pelo verão, um viajante chega, manda tocar os sinos, manda abrir as gavetas da sachristia, fuma um charuto nos terraços, e apressa-se a voltar para Cintra ou para a Ericeira, ou a retomar a diligencia do Gato ou a do Simplicio que fazem a carreira de Lisboa ao preço de 800 reis por passageiro.

E todavia o edificio assim abandonado prestava-se admiravelmente ao estabelecimento de uma universidade, de uma grande escola modelo de instrucção secundaria, com internato a minimos preços, reunindo o ensino industrial, o ensino agricola, a lavoura e as artes e officios, fazendo cidadãos uteis e prestaveis na mesma machina destinada á engorda de principes parranas e de frades pouseiros.

A NAZARETH

Situada a breve distancia das Caldas da Rainha a praia da Nazareth, assim como a de S. Martinho do Porto, convida naturalmente as pessoas que fazem uso das aguas sulphureas. Assim a Nazareth é principalmente occupada pelos banhistas das Caldas e pessoas d'aquellas redondezas da Extremadura: Pombal, Leiria, Torres Novas, Santarem.

A praia propriamente dita, o logar dos banhos, fica entre a antiga villa da Pederneira, situada n'um alto e o sitio da Nazareth que se eleva em outro alto.

A vida na Nazareth é tão commoda como na Ericeira. As casas alugam-se mobiladas, com louça, com roupas de cama. O hotel, muito bem situado, perto da praia, tem o preço de 800 reis por cada hospede. O peixe é abundante e excellente.

A celebre festa da Nazareth realisa-se no mez de setembro e dura tres dias, havendo arraial, tourada, representação no theatrinho da localidade, etc.

A imagem da Senhora da Nazareth, cuja capella foi edificada em 1370 pelo rei D. Fernando, foi tida durante muito tempo como uma das mais milagrosas de toda a christandade. E' de madeira pintada, tem palmo e meio de altura e dizem que foi trazida de Nazareth para Merida, onde esteve algum tempo, e de Merida para o logar em que actualmente se acha. A primeira ermida foi construida por Fuas Roupinho, de Porto de Moz, no tempo de Affonso Henriques. A imagem estava a esse tempo collocada entre duas rochas no sitio chamado a Memoria. Sabem certamente a historia do milagre que originou a gratidão piedosa de D. Fuas.

Elle andava caçando no dia 14 de setembro de 1182. A manhã estava enevoada e sombria. Os cães levantam um veado, que parte á desfilada perseguido pela matilha e seguido de perto por D. Fuas. De repente o solo desaparece debaixo das mãos do cavallo de D. Fuas, que havia chegado á orla do grande rochedo cortado a pique na altura de 200 braças sobre o mar. D. Fuas grita pela imagem da Senhora que elle tinha visto na Memoria. O cavallo empina-se e estaca, tendo o cuidado de marcar a rocha com o vestigio das ferraduras. D. Fuas apeia-se e vem dar graças á Virgem por havel-o livrado de se despenhar no esbarradouro. O veado pela sua parte desappareceu, facto de que se deduziu que elle não era mais nem menos do que o vivo demonio disfarçado em caça.

Desde que se erigiu a capella edificada por D. Fuas, os milagres tornaram-se consecutivos e extraordinarios. Doentes sem falla, sem vista, paralyticos de pernas e braços, tendo consultado os medicos, tendo tomado os banhos proximos nas Caldas da Rainha, chegavam em piedosas romagens e recuperavam a saude junto do altar da Senhora.

De cada milagre se fazia registro em um livro devidamente escripturado, onde a narrativa era authenticada com o depoimento e assignatura de muitas testemunhas. D'esse livro existente no cartorio da Senhora se tirou cópia e muitos dos termos n'elle exarados se acham incluidos na obra publicada em 1628, sob o titulo *Antiguidade da sagrada imagem de Nossa Senhora da Nazareth*, por Manoel de Brito Alão.

Muitos dos casos ahi referidos não são puras mistificações phantasiadas por escriptores interessados nem meras illusões dos sentidos referidas de boa fé por individuos allucinados. N'essas simples narrativas acompanhadas dos pormenores mais caracteristicos transparece a expressão da verdade. Lemos com profundo interesse o livro a que nos referimos e lamentamos que o caracter ligeiro d'este *Guia* não consagrado á attenção dos philosophos mas ao recreio dos banhistas nos prive de demorar-nos um pouco como mero *diletante* na analyse pathologica dos casos referidos no tomo dos milagres operados por interferencia da imagem de Nossa Senhora da Nazareth. Não podemos porém furtar-nos á transcripção de um d'esses casos, — um só pelo menos — como amostra da natureza da materia que o registro a que nos referimos offerece á observação e ao estudo.

«A vinte e sete de setembro á terça-feira da era de seiscentos e onze annos veio a esta santa casa o commendador-mór com Dona Maria de Tavora sua molher, trazendo em sua companhia a Dona Isabel de Moura filha de Dom Francisco de Moura freira professa do Mosteiro de Santos, a qual vinha aleijada de uma perna, e braço direito, e da mão direita tendo-a mais de meia fechada, e o braço encolhido com os nervos tomados, e pegados, que lhe faziam no sangradouro tamanho de uma noz grande ao comprido, e o braço pegado de maneira que para nenhuma parte o podia governar nem menear, e a perna aleijada tinha mais curta quatro dedos, e andava muito poucos passos sobre um bordão que avia dias tinha, e o dia que partio para aqui das Caldas, quebrou, sobre que andava arrimada quando dava algum passo, e apeando-se á porta da igreja da senhora, ao ir para casa e tornar outra vez para a egreja, era em uma cadeira, e ordinariamente andava em braços de molheres, e quando veio do seu mosteiro a curar-se ás Caldas, e d'ahi a esta santa casa (onde havia muito tempo que esta religiosa desejava vir em romaria) uma porteira ao sahir do Mosteiro, por nome Dona Briolanja, lhe disse que sonhara que a ditta D. Isabel de Moura lhe disia que no dia de S. Miguel avia de ter saude, e a dita religiosa o sonhou nas Caldas aonde se estava curando, que a Virgem Senhora Nossa lhe dava saude dia de São Miguel, e assi ó contou a Dona Maria de Tavora molher do commendador mór, a quem esta religiosa tinha pedido que a quizesse trazer em romaria a Casa de Nossa Senhora porque não tinha outro meyo para puder comprir este desejo, e vindo elles para estarem a vespera de São Miguel, e se partirem ao outro dia, estiveram hua novena por acontecer o milagre na fórma seguinte. Aos vinte e outo de setembro da dita era, que foi vespera de S. Miguel, veyo esta Religiosa em hua cadeira em braços d'homens ouvir missa e assentando-se assima dos degraos no taboleiro junto ao Altar da Senhora da parte esquerda em geolhos, depois de fazer oração á Senhora, lhe deu um accidente dos que lhe costumavam a dar, e passado elle lhe deram no braço direito, que era o aleijado, tão intrinsecas dores dos nervos da mão e braço, que estando banhada em lagrimas, dizia que nunca em sua vida taes dores padecera, tras ella lhe deu um somno tão profundo, que lhe durou mais de uma grande hora, de maneira que por duas vezes lhe tomou o pulso Dona Maria de Tavora, que assistia junto d'ella, porque lhe pareceu que estava como passada, e morta com o pesado somno que tinha, e vendo-a n'este estado tirou um lenço da manga e o deu ao Irmitão dizendo que lh'o molhasse no azeite da alampada da Senhora, o que logo

fez, e com elle lhe começou a fazer a ditta senhora o signal da cruz, no meio da costa da mão junto aos dedos, e entre o polegar e o grande pela banda de fóra por não poder ser na palma por respeito da aleijão. Estando n'isto deu a ditta religiosa um arranco com o braço e o estendeu com toda a mão, e isto tudo estando fóra do seu sentido, no somno que assima apontei. Levantou então a voz Dona Maria de Tavora dando a Senhora as graças de tão grande maravilha e milagre: n'isto despertou a dita religiosa dizendo: que é isto, prima? E no mesmo instante correu com as mãos levantadas sãa, sem aleijão algua, avendo perto de dois annos que estava na forma que acima se diz, do ar que lhe deu duas vezes, do qual tinha já vindo ás Caldas por outras duas, e estando encostada no altar da Senhora cahiu uma rosa á Senhora que tinha no peito dependurada n'uma cadeia, e deu na cabeça d'esta religiosa que lhe estava dando as graças pela mercê recebida, a qual rosa (com aver hoje nove dias que foi colhida) está fresca e as outras que vieram ontem que a Senhora tem estão murchas, e seccas: e acabando a dita religiosa de dar graças á Senhora começou a passear pelo taboleiro do altar da Senhora á vista de todo o povo, do qual a Igreja estava cheia, vendo-a toda a romagem, que seriam perto de quatrocentas pessoas vir dantes em uma cadeira em que a traziam, e confessa a dita religiosa que andando algum tanto alcatruzada sendo sãa, anda hoje mais direita depois que recebeu a saude per meyo da Virgem Senhora da Nazareth. As pessoas que estavam presentes ao ditto milagre foi o commendador-mór e Dona Maria de Tavora sua molher: Francisca Cardosa e Maria da Assemção creadas do ditto commendador mór e Maria de Andrade creada da ditta religiosa: Pedro Fernandes Irmitão da ditta casa e outras muitas pessoas que entraram na Igreja quando a Senhora fez o ditto milagre, que a conheceram e viram vir aleijada na forma que arriba se faz menção. E eu o Licenceado Manoel de Brito Alão Abbade simples de S. João de Campos e administrador dos bens, obras, e culto divino da Casa de Nossa Senhora de Nazareth por Sua magestade, de cuja immediata protecção é a dita casa, preguntei ás dittas testemunhas que aqui comigo assignaram e á ditta religiosa, e escrevi este milagre n'este livro das maravilhas, e milagres da Senhora, até o Arcebispo de Lisboa mandar tomar conhecimento para se verificar o ditto milagre tão notorio, e por tudo passar na verdade fiz, e assignei este termo oje dia de S. Francisco, a quatro de outubro de 611.» (Seguem as assignaturas).

Graças aos pormenores com que o milagre se acha ingenuamente descripto não ha medico, mediocremente instruido, que da narrativa exposta não extraia hoje o diagnostico preciso da enfermidade de D. Isabel de Moura, *religiosa,* o que quer dizer *solteira, sujeita a incidentes que lhe costumavam dar,* imaginativa, sonhando *que sararia no Dia de S. Miguel* e procurando para a romaria o dia annunciado no sonho, atacada finalmente de um mal *que por duas vezes lhe dera* e a deixára paralytica. Um medico actual póde não sómente precisar a natureza da molestia — o hysterismo — mas ainda assignalar com a mais perfeita segurança os tramites psychologicos pelos quaes se realisou a cura por via de um poderoso agente therapeutico, que faz *cobrir o rosto de lagrimas* e declarar o doente *que nunca em sua vida taes dores padecera.* Esse maravilhoso modificador das enfermidades é o synergismo ou a acção da energia e do poder da vontade do enfermo sobre a perturbação da saude. E' depois d'esses violentos e decisivos exforços de todo o systema nervoso sobre o systema muscular que sobreveem os somnos profundos do genero do que levou D. Maria de Tavora a molhar o lenço no azeite da lampada para fazer o signal da cruz em D. Izabel *por a julgar passada.*

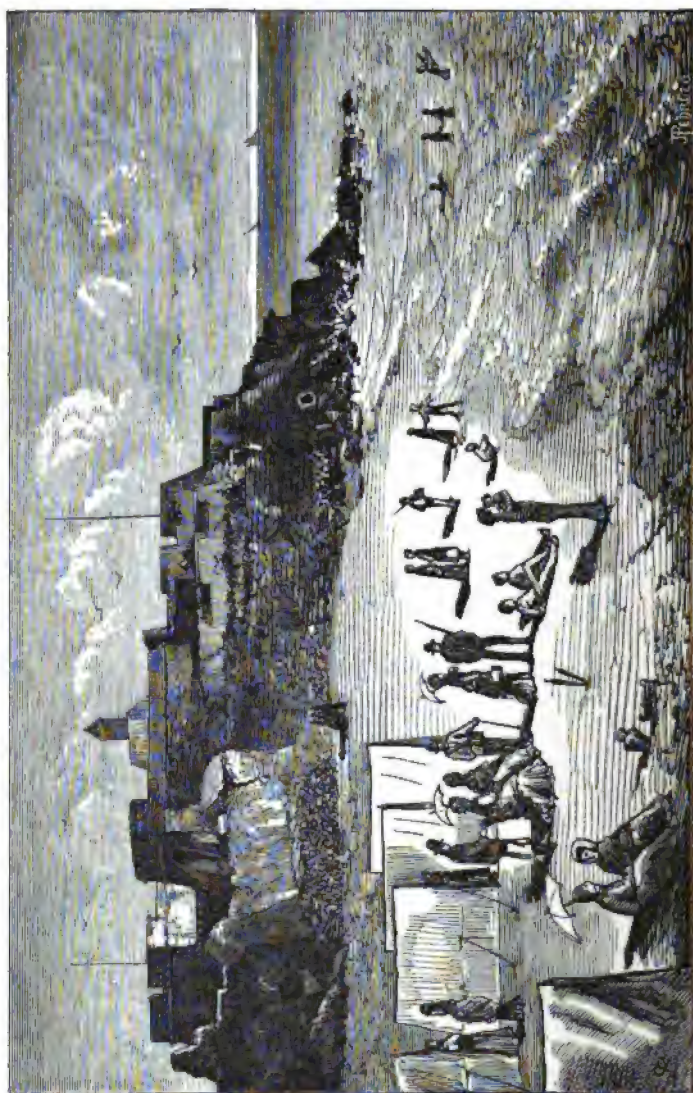
Os antigos milagres de Nossa Senhora da Nazareth podem já hoje ser affoitamente analysados e ratificados pela critica sem receio de que as interpretações da sciencia fechem á cura ou ao alivio das pessoas religiosas as portas d'essa grande pharmacia sympathica e veneranda que se chama a Fé.

Infelizmente a Senhora da Nazareth ha muitos annos que não faz curas. No dia do milagre de D. Isabel de Moura quatrocentos enfermos compunham a romagem que implorava a intervenção therapeutica da Virgem. Hoje em dia a não ser á hora matutina da missa conventual, o templo está deserto. O ermitão desappareceu. O administrador do culto deixou de existir e o tomo dos milagres e maravilhas em que o abbade Manoel de Brito Alão registava em cada dia um successo novo passou da banqueta da igreja para a collecção das curiosidades bibliographicas.

Novas imagens modernas e extrangeiras vieram tirar a virtude ás velhas imagens portuguezas. Passou o tempo da Senhora de Nazareth na antiga villa da Pederneira; passou o tempo de Santa Iria em Santarem; passou o tempo de S. Torquato em Guimarães.

A' data d'este livro é Nossa Senhora de Lourdes que está fazendo os milagres, principalmente entre a sociedade culta, que sa-

be ser devota em francez ou que segue eruditamente as traducções mais recentes das bibliothecas romanticas. Que os interessados aproveitem, em quanto é tempo, a efficacia d'este novo elemento maravilhoso! Os milagres são como os medicamentos da moda ácerca de um dos quaes dizia um medico citado por Littré a uma senhora que o consultava:

—Sim, póde tomal-o, mas tome-o já — emquanto elle cura!

FIGUEIRA DA FOZ

A FIGUEIRA

O viajante sente ao entrar na Figueira, no tempo dos banhos, uma impressão similhante á que se experimenta penetrando nos geraes da Universidade em dia lectivo. É a impressão do lente, do pedagogo, da aula. Tem-se uma especie de terror mesclado de tedio. Ha uma atmosphera especial de pedanteria, de rigor e de troça. Aspira-se vagamente o cheiro dos sapatos e das velhas batinas gordurosas na aula quente e fechada. As physionomias dos doutores, de uma grave expressão emphatica, guindada e ôcca, as cabelleiras dos estudantes apparatosamente penteadas, os ares dogmaticos de uns, misturados com os ares patuscos d'outros, um tom geral de prelecção ou de desfructe, uma tonalidade especialmente affectada na pronunciação, um desgarre peculiar de gestos e de maneiras: taes são as principaes notas que caracterisam a população de Coimbra.

Além d'isto a cidade tem um *argot* que se não usa em nenhuma outra parte.

Um dia passavamos na Sophia dentro de uma das carroagens americanas que fazem o serviço da estação do caminho de ferro. No banco que ficava adiante do nosso sentava-se uma senhora de dezoito a vinte annos, com o aspecto de uma pessoa bem educada, a qual tinha ido esperar á *gare* um sujeito idoso, de oculos, que se sentava junto d'ella. A referida senhora soltou estas textuaes palavras:

«Ah! papá, que colicas que rapou o Barreira! O guarda-mór disse-lhe que tinha ficado bem, mas o Augusto foi saber á secretaria, e quando voltou vinha tão torto de cara que eu logo disse ao Barreira: ou você levou um *r* ou Augusto embaçou com alguma chalaça nossa.»

Era preciso estar effectivamente na Sophia para ouvir esta especie de enunciado na bôca de uma senhora.

Coimbra inteira exprime-se d'esse modo. Fallam assim os estudantes, as serventes, os creados das hospedarias e dos cafés, os negociantes, as estanqueiras e os professores.

Sente a gente o seu espirito asphyxiado em tão estreita comprehensão de interesses e de curiosidades, em tão perfeita conformidade de stylo *chinfrim* e de maneiras esbandalhadas.

Antigos estudantes reprovados, velhos cabulas incorrigiveis, de cabellos cheios de caspa, a barba por fazer, o rosto macilento e sombrio, as unhas e os dentes sujos, os sapatos acalcanhados, passam chupando o cigarro e arrastando no macadam coberto de papeis rasgados a ponta da capa enodoada e rôta. Os professores, habituados pela antiga organisação da Universidade a exercerem sobre o alumno um poder quasi illimitado, afeitos á bajulação, á pusillanimidade, á subserviencia dos escolares, caminham magestaticamente com a determinação imperiosa de quem mandará cortar a cabeça dos extrangeiros que se não ajoelhem na passagem d'elles e das suas familias.

Tal é sobre o aspecto de uma população inteira o effeito de um dogmatismo exagerado e pedantesco, da confusão do ensino e da educação litteraria baseada na hypocrisia antiga e na indisciplina moderna!

Os admiraveis suburbios de Coimbra, de uma paizagem tão doce e tão saudosa, os bellos monumentos da cidade, a architectura arabe da Sé Velha, as ruinas tão pittorescas e de tradições tão dramaticas dos paços de Subripas, a linda varanda do Paço Episcopal, a Igreja de Santa Cruz, a bibliotheca da Universidade, todas essas joias encantadoras são sufficientes para fazer esquecer aos viajantes a impressão triste da convivencia conimbricense.

A Figueira participa do caracter que tem Coimbra, um pouco para peor, porque os estudantes que frequentam a Figueira são ordinariamente os peores, os mais broncos, os que não saem de Coimbra, aquelles em quem os effeitos do vicio universitario se desenham mais profundamente. Estes senhores com o seu affectado desdem, com o seu mau ar de criticos, com o seu espirito de troça, e os snrs. professores com a sua sobranceria cathedratica, constituem o grande senão da sociedade da Figueira, sobre a qual destingem a sua côr especial.

E, não obstante, nenhuma outra praia em Portugal possue as condições d'esta para tornar agradavel a estação dos banhos.

Batida do grande mar, tendo á direita a bonançosa bahia de Buarcos e á esquerda os rochedos em que assenta o castello de Santa Catharina, que defende a foz do Mondego, a villa da Figueira offerece aos banhistas incomparaveis condições.

A povoação é rica pelo commercio do sal e pela exportação dos vinhos da Bairrada.

Uma companhia edificadora tem construido casas agradaveis, em um bairro novo junto á foz do Mondego, em sitio elevado e sadio. N'este bairro ha um hotel, *Foz do Mondego,* onde se recebem hospedes a 1$000 reis por dia.

A villa tem ainda mais dois hoteis, o *Figueirense* e o da *Praça Nova,* um pequeno theatro, uma praça de touros e dois clubs: a *Assembleia Recreativa,* no bairro novo, onde se dança ás terças e sextas-feiras, e a *Assembleia Figueirense,* no antigo palacio dos condes da Figueira, onde se dança á quinta-feira e ao domingo.

Além das *soirées* nos dois clubs, as senhoras costumam organisar concertos e bailes. A *soirée* é uma das grandes preocupações d'esta praia, e não será por falta de contradanças que os banhistas deixarão de se regosijar n'este sitio.

As burricadas e os pic-nics a Buarcos, ao farol da Guia, ao palacio de Tavarede, vão-se tornando cada vez mais raros.

Por uma disposição superior, cujo alcance debalde nos esforçamos por attingir, é prohibido o ingresso dos burros no interior da villa, o que não obsta a que lá entrem muitos — disfarçados.

O passeio predilecto dos banhistas é a Palheiros, pequena povoação de pescadores, a meio caminho de Buarcos, onde se colhem as rêdes da sardinha.

A população dos banhistas na Figueira consta de duas camadas differentes. No fim de setembro retiram-se as familias de Coimbra e algumas de Lisboa, e succedem-se as dos lavradores da Beira, que veem para esta praia depois das colheitas repousar dos trabalhos do campo.

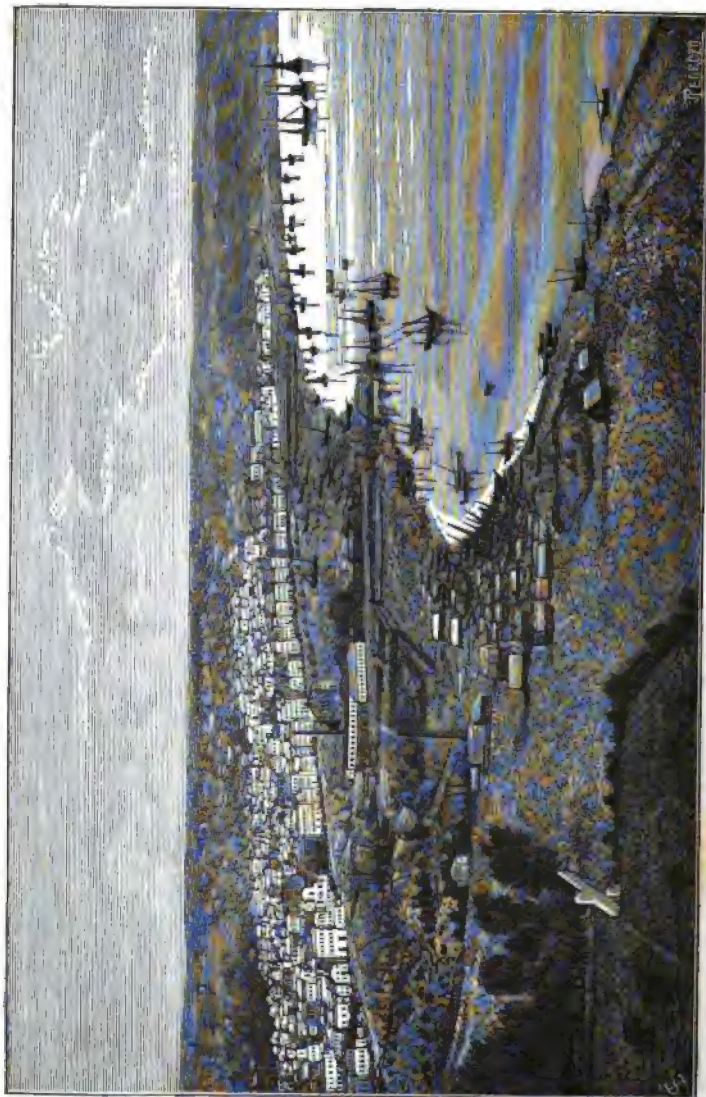
As primeiras d'estas duas camadas não parece serem mui particularmente sympathicas á população indigena.

A Figueira tem pelos seus hospedes sentimentos similhantes aos que por muito tempo animaram a população *futrica* de Coimbra com relação aos estudantes: suporta-os, mas não os estima. O caminho de ferro, a convivencia cada vez mais estreita com os viajantes tem sanado em Coimbra os antigos conflictos tão frequentes entre os burguezes e os academicos.

Na Figueira, entre a população fixa, que habita a antiga villa e frequenta a *Assembleia Figueirense,* e a povoação fluctuante, que habita principalmente o bairro novo e frequenta a *Assembleia Recreativa,* não ha hostilidades, mas existe uma forte emulação provinciana, que se descarrega muitas vezes em pequenos episodios dignos de Dickens ou de Balzac.

A viagem da Figueira é bastante pittoresca, mas não isempta de incommodidades. Quer o viajante chegue a Coimbra ás 3 $^1/_2$ horas da tarde, quer chegue ás 4 horas da manhã, tem de esperar até ás 6 horas da manhã ou até ás 2 $^1/_2$ da tarde para poder seguir para a Figueira na diligencia, que gasta seis horas n'este caminho e pede 1$000 reis por cada logar.

Na imperial da diligencia, como artista, em companhia alegre; ou em carroagem descoberta, que se póde alugar em Coimbra, o caminho não parece longo, porque a estrada é boa e a paizagem lindissima.

Entra-se na villa por uma estreita garganta que se alonga para o viajante como o bico de um funil. Se não é facil a entrada pela foz do Mondego a bordo de uma das escunas ou dos hiates que frequentam o porto e aos quaes o rumo da barra é indicado de terra por meio de um signal no alto de um mastro, a entrada em diligencia pelo funil acima referido não é menos perigosa. Sómente, pela via de terra é permittido ao viajante um expediente, que se não usa na superficie liquida, e vem a ser: desembarcar a distancia respeitosa e entrar cada um na villa pelo seu pé.

SETUBAL

SETUBAL

Comquanto não seja propriamente uma terra de banhos, mas uma cidade muito industriosa e muito commercial, a praia de Setubal é actualmente bastante frequentada pelos banhistas da provincia do Alemtejo e da Extremadura hispanhola.

A exposição de Setubal, na foz do Sado, cercada de magnificos pomares e dos celebres vinhedos de Moscatel, que se estendem ao longo de graciosas colinas, é extremamente risonha e pittoresca. A população, quasi toda empregada no commercio do sal, na exportação da laranja, no fabrico dos vinhos, é activa e trabalhadora.

A cidade tem um bonito passeio publico, um soffrivel hotel — o do Escoveiro —, um theatro, um club e uma estatua — a do sympathico poeta Bocage, o representante da escola revolucionaria na litteratura portugueza do fim do seculo XVIII, um dos poucos litteratos do seu tempo em cuja obra se presente a passagem do grande folego de 1789.

A praia é uma das mais vastas e das melhores do paiz.

Os suburbios são dos mais interessantes que póde appetecer o touriste, o archeologo, o naturalista.

As ruinas de Troia, ultimamente exploradas por uma companhia franceza, estão dando logar ás escavações mais uteis para a historia da civilisação romana em Portugal. Troia fica a um pequeno passeio da praia.

A serra da Arrabida, occupando uma superficie de cinco leguas, offerece aos botanicos e aos paizagistas as digressões mais agradaveis e mais proficuas.

No *Espelho de Penitentes e Chronica da provincia de Santa Maria da Arrabida, da regular e mais estreita observancia da*

ordem do serafico padre S. Francisco no Instituto Capucho, encontrarão os curiosos a mais minuciosa descripção do convento, cujas ruinas ali se conservam; da lenda da sua edificação; das hervas medicinaes que cobrem a serra; da ermida de Nossa Senhora do Cabo de Espichel e dos cirios do Alemtejo e do termo de Lisboa que festejam aquella milagrosa imagem; da lapa de Santa Margarida; e finalmente do penedo chamado do Duque, em que D. Alvaro de Lencastre se sentava para pescar á cana, á beira do mar, e a ninguem mais era permittido sentar-se no dito penedo. Tudo isto repintado no estylo pretencioso, rhetorico, de frei Antonio da Piedade, leitor de theologia e qualificador do Santo Officio, o qual offereceu *á sempre augusta magestade d'el-rei D. João V nosso senhor* o peso da sua chronica e a incontinencia sacharina do seu stylo archaico.

Setubal fica a sete leguas de Lisboa. A viagem faz-se com grande commodidade entre as duas cidades atravessando o Tejo e tomando o caminho de ferro de sueste. Póde-se fazer a ida e volta no mesmo dia.

AS PRAIAS OBSCURAS

Além das praias a que nos temos referido, Portugal, que é todo elle uma praia, — *a occidental praia lusitana* — tem naturalmente muitos outros pontos adequados á installação de uma familia em uso de banhos.

Entre as pequenas praias são particularmente dignas de menção as seguintes:

Ancora, pequena povoação situada entre Vianna e Caminha. É um dos mais lindos sitios do Minho. Fica á beira da mais bella estrada de Portugal, a hora e meia da cidade de Vianna e do Rio Lima, e a egual distancia do rio Minho e da fronteira da Galliza, uma das mais interessantes provincias hispanholas. Nas proximidades de Ancora acha-se a pittoresca povoação de Afife, de onde são oriundos os melhores estucadores portuguezes. Afife, sobresae de todo o Minho pelo gosto artistico dos seus habitantes pela graça e pelo asseio das suas edificações. Parece provado que Afife foi fundado por duas ou tres familias italianas que ali se estabeleceram em época que não podemos precisar.

A *Apulia,* junto de Fão e de Espozende, habitada principalmente por algumas ricas familias de Braga e de Barcellos.

Lavadores, perto do Porto, defronte de S. João da Foz. A povoação consta de um pequeno grupo de casas.

O *Furadouro* e a *Costa Nova* frequentadas por algumas familias de Aveiro e seus suburbios.

S. Martinho do Porto, na Extremadura, entre as Caldas da Rainha e Alcobaça. É uma povoação de pescadores. Aluga por modicos preços vinte ou trinta casas mobiladas. Está ligada á Marinha Grande por um caminho de ferro americano, e communica com as Caldas da Rainha, com Alcobaça e com a Batalha por uma boa estrada. A temporada em S. Martinho do Porto presta-se ás mais interessantes excursões artisticas que se podem fazer commodamente em Portugal. S. Martinho do Porto é principalmente habitado nos mezes de verão por familias hispanholas. As pessoas de Leiria, de Alcobaça, da Marinha Grande preferem a Nazareth. A viagem de Lisboa a S. Martinho faz-se por Chão de Maçãs e Leiria ou pelo Carregado e Caldas, e custa pouco mais ou menos de uma libra por passageiro tomando logar de primeira classe no caminho de ferro e proseguindo na diligencia do Carregado ou de Leiria. Em setembro do anno passado encontramos em Merida uma estimavel familia hispanhola que chegava de S. Martinho do Porto. Traziam enormes cabazes cheios de excellente fructa de Alcobaça. Tinham-se provido para o seu inverno de uma barrica de magnificos badejos, pescados em S. Martinho e conservados em salmoura. Disseram-nos maravilhas da commoda e tranquilla vida passada durante dois mezes no agradavel retiro que tinham tido a lembrança de escolher.

A Assenta, a duas leguas de Torres Vedras, perto da foz do Sizandro. Meia duzia de casas, e cerca de quatro familias. Preços das casas: de 100 a 300 reis por dia.

Santa Cruz, meia legoa ao norte do Sizandro, a duas leguas de Torres. Bello ponto de vista das ruinas do convento de Pena-

firme. Pouco mais casas que a Assenta. Quatro ou cinco pessoas mais na população dos banhistas.

S. Pedro de Moel, na orla do Pinhal de Leiria. Pequena povoação exclusivamente de banhistas, abandonada no inverno, habitada durante a estação de banhos por pessoas da Marinha Grande ou de Leiria. Visinhança magnifica: o pinhal, que é a primeira floresta portugueza.

Junto de Lisboa, na margem esquerda do Tejo, encontram-se ainda alguns logares de banhos onde a vida é mais barata que na margem de cá. Taes são:

Porto Brandão, em frente de Belem. Magnifica vista para a margem opposta do Tejo. Arvores — coisa rara — nas visinhanças. Soffriveis casas a preços modicos. Um bello passeio de cerca de tres leguas pela charneca até á Lagôa de El-Rei, o retiro predilecto de D. Pedro v. O pequeno e modesto predio da casa real, de um só pavimento ao rez do chão, fica á beira do lago, na solidão da charneca. A paizagem é de uma grande melancholia sympathica, de um encanto profundamente penetrante. A agua tranquilla da grande lagôa, o aspero aspecto da charneca, a grande solidão, a planice, o profundo silencio, infundem uma pacificação e um sentimento de serenidade ineffavel. A lagôa é muito povoada, mas a pesca é prohibida sem licença expressa do individuo que a arremata em cada anno. Não obstante, o auctor d'estas linhas na ultima vez que ali foi apoderou-se de um polvo, fisgando-o contra uma rocha com uma navalha americana que o seu amigo Eça de Queiroz lhe mandou de presente das margens do Niagara. Fundamos o nosso direito a este polvo na circumstancia de que a rocha não é agua mas sim terra firme. Em todo o caso aproveitamos esta occasião para desencarregarmos a consciencia pedindo humildemente perdão a sua excellencia o arrematante da lagôa e a sua magestade o proprietario d'ella. Estamos promptos a dar outro polvo, se a corôa assim o exigir. Os contornos do lago são habitados por optimos coelhos, magros, mas de um especial sabor salgado e bravio. O snr. D. Pedro v matava-os na carreira, á bala, com notavel pericia. A caça não tem arrematante e é permittida ao publico. Além dos coelhos, que são abundantes, ha massaricos, patos e outras aves marinhas.

O *Alfeite,* perto da quinta real do mesmo nome, junto de Cacilhas e da Cova da Piedade. É o mais pittoresco sitio da margem do sul do Tejo.

A Fonte da Pipa. Logar arido, abafado, triste. Poucas casas sem mobilia. Pequenos preços.

BANHOS DA BARCA

O TRATAMENTO MARITIMO

Segundo os auctores do excellente diccionario francez de *Hydrologia medica,* o tratamento maritimo que os doentes vão procurar nas praias, consta de tres elementos distinctos: *a atmosphera maritima, a agua do mar para uso interno, e o banho de mar.*

A atmosphera maritima, ou ar do mar, actua sobre o organismo pela sua densidade, pela sua constituição chimica e pelas condições physicas a que póde achar-se sujeito.

Os professores Durand-Fardel e Le Bret, auctores do livro a que acima nos referimos, dizem:

Pelo simples facto da residencia á beira-mar, como n'uma localidade muito elevada, o appetite augmenta, a digestão opera-se mais regularmente e mais rapidamente, a respiração exerce-se com mais actividade, o systema nervoso sobrexcita-se: taes são, pelo menos, os phenomenos mais manifestos e mais geraes que se observam, e fazem com que o ar do mar seja tão salutar ás pessoas fracas, molles, apathicas, de constituição lymphatica, como difficilmente suportado quando a circulação sanguinea se exerce com uma grande actividade, finalmente quando a constituição do individuo apresenta uma disposição nervopathica ou inflammatoria dominante.

É na infancia que o ar do mar se torna mais particularmente salutar, quando a evolução do organismo se acha demorada, quer pela insufficiencia das forças, quer por uma convalescença difficil, quer pela existencia de algumas das diatheses familiares a esta edade. As creanças possuem uma tolerancia particular para o ar do

mar. Todavia, segundo o dr. Gaudet, algumas ha que nos primeiros dias sobretudo, apresentam muitas vezes phenomenos de excitação que indicam a influencia por que passou o organismo. As manifestações lymphaticas e escrofulosas apparecem em alguns individuos, e não é raro vêr alguns accidentes febris, quer passageiros, quer tomando o typo intermittente, ou ainda erupções anomalas. Doenças agudas — eminentes já sem duvida — manifestam-se algumas vezes de repente sob esta influencia.

Para os tisicos do pulmão ou da larynge o ar do mar, segundo a opinião dos medicos mais distinctos, é sempre nocivo.

A agua do mar, como bebida, tem sido, infelizmente, pouco explorada até hoje pelos clinicos portuguezes. O mar é no entanto considerado como constituindo o primeiro typo das aguas mineraes. Nenhuma outra possue a mineralisação mais forte nem é mais rica em *chlorureto de soda.*

Eis a composição chimica da agua do Atlantico, segundo a analyse feita na bacia de Arcachon pelos chimicos francezes:

	AGUA 1 LITRO
Chlorureto de soda	27,965 gram.
» de magnesia	3,785 »
» de calcium	0,325 »
Odureto e bromureto	indeterminados.
Sulfato de magnesia	5,575 gram.
» de cal	0,225 »
» de soda	0,485 »
Carbonato de cal / » de magnesia	0,325 »
Materia organica animalisada	0,052 »
	38,727 »

As aguas do mar porém não teem sempre composição identica e as variantes são tanto mais sensiveis quanto mais perto da costa, em resultado das aguas doces dos rios, da evaporação incessante, das correntes que se estabelecem no fundo do mar e dos animaes e dos vegetaes que o habitam.

A agua do mar para uso interno póde applicar-se como medicamento alterante e como medicamento purgativo. A doze laxan-

te é de dois a quatro copos. A doze alterante é muito mais fraca e proporcionada á tolerancia do estomago.

Todos os grandes medicos allemães insistem nas propriedades medicinaes da agua do mar em bebida para os individuos lymphaticos e escrofulosos. Os medicos inglezes applicam-a principalmente como laxante. Varios medicos francezes, entre os quaes os snrs. Gardet e Rocca reconhecem e recommendam as propriedades alterantes e laxativas da agua do mar. É utilissima ás creanças atacadas de vermes. Os auctores, da *Hydrologia medica*, d'onde extrahimos alguns d'estes dados, expõem a vantagem de introduzir o acido carbonico na agua do mar com o fim de facilitar o seu uso interno.

A agua do mar póde ser ainda empregada com grande utilidade therapeutica nos usos da toilette feminina nas enfermidades uterinas e em outras applicações.

O banho póde ser considerado sob dois pontos de vista differentes como agente *hydroterapico* e como banho *medicamentoso*. A acção hydroterapica domina quando a duração do banho é mais curta e a temperatura mais fria. Produz-se a acção medicamentosa quando a temperatura é mais elevada e a duração do banho mais longa (tres quartos d'hora). Assim o banho de mar apresenta o duplo caracter *hygienico* e *therapeutico*.

Pelo lado hygienico, como agente hydroterapico, o banho de mar opera como qualquer banho frio, e é indifferente para o que se tem em vista conseguir banharmo-nos no mar, no rio, ou n'uma simples banheira com agua doce no nosso quarto.

Nas doenças em que é contra-indicado o banho frio, nas pessoas atacadas de affecções organicas do coração, dispostas a congestões, a rheumatismos e a gotta, o banho do mar com as condições physicas e chimicas que lhe são proprias é ainda mais nocivo do que o puro banho frio.

A constituição lymphatica, a infancia, o sexo feminino, todos os estados pathologicos que se ligam ao enfraquecimento geral do organismo, á insufficiencia do sangue, á depressão do systema nervoso, constituem o dominio especial do banho do mar.

Os escrofulosos e os nevralgicos, ordinariamente mandados para os banhos de mar como para um curativo supremo, encontram n'elle um coadjuvante precioso, mas não um remedio decisivo.

N'estes casos um tratamento thermal bem dirigido é muito mais proficuo, principalmente se os effeitos dos banhos sulphureos forem fixados em seguida com os banhos de mar.

Além d'estas principaes applicações do tratamento maritimo, — o ar, a bebida, o banho — figuram ainda na therapeutica o *banho de areia,* utilissimo ás creanças, o *banho d'ar,* a *alimentação com mariscos,* etc.

Qualquer que seja a natureza do tratamento adoptado, é preciso não esquecer que elle será sempre poderosamente auxiliado com o regimen hygienico seguido na escolha dos alimentos, no exercicio, no theor de vida, na regularidade dos habitos, etc.

A excitação do appetite produzida pelos primeiros banhos e pelo ar puro, fresco e penetrante do mar, junta a uma certa somnolencia e fadiga, que acompanha o principio do tratamento, produzem quasi invariavelmente algum incommodo intestinal, que póde comprometter ou retardar a cura se não intervier a dieta. Da alimentação do banhista devem excluir-se os pratos irritantes, as substancias difficeis de dirigir, o abuso da mostarda, da pimenta, do café, das bebidas alcoolicas.

Os almoços, tão ùsados em Portugal, de café com leite e pão com manteiga, são uma das massas mais indigestas e mais affrontantes que se podem ingerir nos estomagos. Nada torna o estomago mais abarrotado, o cerebro mais espesso, a intelligencia mais bronca, a actividade mais dormente. O bife de vitella ou a costelleta de carneiro grelhada, os ovos quentes e uma pequena chavena de chá preto, ou simplesmente o bom leite fresco constituem uma alimentação incomparavelmente superior á do café com leite e do pão com manteiga, quatro coisas que reunidas constituem uma brôa, que pesa muito mais do que alimenta.

Ao jantar convem um regimen pouco animalisado. De carne de boi nunca deve haver mais de um prato. São preferiveis as carnes brancas, a vitella, a gallinha, o perú, a sopa d'hervas, o peixe fresco com manteiga fresca ou com o simples molho de manteiga derretida em vinho da Madeira, bons legumes, um vinho leve, agua nevada, um sorvete, e uma laranja, uma bôa pera, ou um cacho d'uvas.

É muito salutar o levantar cedo, passear á frescura da manhã, beber em jejum meio copo d'agua fria.

Se apparece alguma perturbação nas funcções do organismo, deve suspender-se o uso do banho até que o estado normal se restabeleça.

Se fôr preciso estimular o intestino, a melhor medicina será a agua do mar destemperada com egual quantidade de agua doce.

Cumpre advertir que para todos os usos internos a agua do mar não deve ser colhida senão á maior distancia da costa, quanto seja possivel ao mar largo.

O programma domestico da vida á beira mar é tambem um ponto essencial. O bom Michelet consagrou a este assumpto as seguintes linhas:

«Temos uma senhora nova, doente, ou quasi doente. Atravessou difficultosamente o inverno, a primavera. No entanto nenhuma lezão grave. Fraqueza, anemia: a difficuldade de viver. Mandam-a para o mar passar o verão. Enorme despeza para um orçamento mediocre. Penoso desarranjo para uma dona de casa. Dura separação para conjuges amigos. Parlamenta-se. Procura-se suavisar a sentença. Não bastaria um mez? Mas um medico sabio insiste, porque entende que uma temporada extremamente breve é muitas vezes mais nociva que proveitosa. A subita impressão violenta dos banhos sem preparação abala as saudes mais robustas. Toda a pessoa sensata deve aclimatar-se primeiro, respirar; o mez de junho é para isso excellente; julho e agosto para os banhos; setembro e algumas vezes outubro descançam dos grandes calores, suavisam a excitação que produziu a aspereza salina, consolidam os resultados e preparam pelos seus ventos frescos para os frios do inverno. Poucos homens estão livres todo o verão. O marido poderá quando muito ir reunir-se com sua mulher durante um mez ou dois, em agosto, em setembro. Por mais disposto que esteja a sacrificar-lhe todos os interesses secundarios,—em beneficio d'ella mesma, o marido deve ficar. Na vida do homem de trabalho ha cadeias que se não partem sem detrimento da familia. Portanto que ella parta só. Não sabe o que isso é, nunca se viu sósinha. Iria mais confiada se acompanhasse alguma d'essas familias ricas que vão completas e reunidas, marido, mulher, filhos, creados. Se ousasse dar a minha opinião, eu diria: «Não! que parta só.» A companhia, no principio alegre e agradavel, tem muitas vezes consequencias muito differentes. Incommodam-se uns aos outros, malquistam-se, voltam inimigos, ou — o que ainda é peor — voltam

amigos de mais. A desoccupação do tempo dos banhos tem immensas vezes resultados imprevistos que se deploram por toda a vida. O menor dos inconvenientes, não pequeno para mim, é pessoas que, separadas, teriam tido mais perfeitamente o sentimento do mar e conservariam d'elle uma boa e grande impressão, irem, por ter de viver juntas, continuar a vida de cidade (frivolidade, vulgaridade, fingida alegria, etc.) Quem está só occupa-se e pensa. O ajuntamento murmura e maldiz. As amigas ricas e mundanas arrastal-a-hão aos seus divertimentos. Terá toda a agitação de uma existencia mais turva e mais anti-medical que a que passava em Pariz. Errará completamente o alvo. Reflicta n'isto, minha senhora. Seja corajosa e prudente. É n'uma solidão séria, na pequena vida innocente com o seu filho, vida infantil, se assim fôr preciso, mas pura, nobre e poetica, é em tal vida, digo eu, que se dará a renovação que deseja. Creia, minha senhora, que lhe será tomada em conta a justiça delicada e terna que a faz recear o prazer quando outro, ausente, que ficou em casa, trabalha ao seu canto para a familia. O mar amal-a-ha mais, se fôr o seu unico amigo, e n'esse repouso lhe prodigalisará o seu thesouro de vida e de mocidade. O filho crescerá como uma bella arvore. A mãe reflorirá na graça e voltará mais nova e mais adorada.»

Para prehencher com dignidade e com sensatez a nobre solidão aconselhada por Michelet, quantas occupações uteis, elevadas, profundamente moralisadoras! Em primeiro logar a leitura, não a leitura de pobres romances enervantes, que dão ao espirito a triste nostalgia da commoção sentimental e do drama burguez, mas a leitura dos bons e fortes livros que educam, que retemperam o coração e o caracter, que fortificam o espirito. Os do proprio Michelet, primeiro que todos: as suas vulgarisações dos estudos da natureza e os seus incomparaveis trabalhos de historia, de uma tão perfeita execução artistica que basta um só volume da *Historia de França* para suscitar no leitor todas as commoções mais nobres de que é capaz a alma humana. Depois, as narrações das trabalhosas viagens aos paizes longinquos: os livros do barão Hubner e do conde Beauvoir. Os estudos d'arte de Taine e de Lady Morgan. Além das leituras, o doce trabalho da educação dos filhos ministrada nos seus jogos, nos seus passatempos, segundo o systema de Froebel. Finalmente a applicação ao desenho, a aquarella, o estudo das conchas, das algas, dos peixes, a confecção de um diario em que se escreva uma pagina por noite, não com a narração esteril dos actos de cada hora, mas com a nota predominante e sincera do pensamento em cada dia.

A primeira obrigação de uma pessoa bem educada, antes ainda de saber distrahir os outros, é saber distrahir-se a si mesma. O espirito de uma mulher digna e sensata deve achar-se na sua casa como o bom amigo Robinson na sua ilha deserta: pronto para luctar com o immenso inimigo—o tedio; e preparado para prover com a sua invenção e com a sua industria a satisfação de todas as suas necessidades. Que grande prazer triumphal o de nos podermos comparar ao valoroso Robinson!

Nas grandes cidades, as relações sociaes, as visitas, os cumprimentos, os convites, os espectaculos, os bailes collocam frequentemente o nosso espirito como fóra de nós. Á força de nos repartirmos pelos outros, dispersamo-nos na multidão, perdemos a posse de nós mesmos. Sentimo-nos na dissipação dos sentimentos e das ideias. Falta-nos o centro moral. Queremos reconstituir na dignidade a nossa boa e feliz vida domestica, e aborrecemo-nos na casa de que nos divorciamos. Invade-nos então o cançasso, o aborrecimento, o *spleen*. *Não se sabe o que se ha de fazer!* Quem não sabe o que ha de fazer adoece, e, se com a doença não aprende mais alguma coisa, morre, porque na sabia natureza o destino de toda a coisa inutil é desapparecer. É n'esta crise moral, de que procede um determinado estado pathologico, que os medicos receitam o mar, como um tonico, como um revulsivo, como um sedante, como um reconstituinte. Falta-lhes dizer: como um methodo, como uma disciplina, como uma renovação moral.

Desgraçados de nós se na praia, na pequena casa isolada e tranquilla, frente a frente com o austero oceano, não comprehendemos de um modo novo, por algum tempo ao menos, o dever, a felicidade, a familia, a responsabilidade dos nossos actos, o nosso grave destino de creaturas humanas!

Desgraçados, se á beira do mar, onde vamos reconstituir tanto o organismo como o systema moral, nós prolongamos os habitos frivolos da vida sem rumo, de ostentação, de leviandade e desordem, que passamos n'um inverno patusco, ôco e despresivel, sem a moralisação do trabalho, de que depende a posse e a consideração de nós mesmos, o nosso contentamento intimo, a forte e fecunda alegria moral, a saude no corpo e a fortaleza na alma, os dois phenomenos correlativos e solidarios no equilibrio da vida!

Tu, pobre mulher do povo, perdôa-me se nas prescripções que tenho exposto ácerca do tratamento pelo mar—precauções de

conforto, alimentação, viagens, mudança de meio, reorganisação da vida domestica, etc.— eu me esqueci de ti!

A verdade é que as tuas enfermidades dispensam melhor os conselhos que as das senhoras da sociedade, mais debeis, mais fracas, mais doentes, e no fim de contas, sob o ponto de vista physiologico, mais desgraçadas do que tu.

Na convenção franceza, quando se discutiu a creação dos medicos especiaes do campo, menos habilitados que os das cidades, — o serviço dos *officiaes de saude*—; objectou-se que similhante instituição, distinguindo as habilitações dos que tinham de curar os pobres e de curar os ricos, era anti-democratica e deshumana. Então porém uma voz illustre expoz este profundo principio: Que onde a vida é mais simples as doenças são menos complicadas.

É certo que cada um se trata *segundo os seus meios*, e não *segundo os seus males*.

Á joven tisica, filha do abastado capitalista que habita um palacio, o medico aconselha a Madeira, o Cairo, o valle de Lima no Perú, a dieta de gallinholas e de vinho velho da Bourgogne, os passeios sem fadiga, no agasalho das pelles de marta ou de raposa azul, no fundo de um coupé de Binder, suavemente balançado em flecha e oito molas.

Aqui assim á visinha do meu terceiro andar, filha de um empregado com oito centos mil reis de ordenado, o mesmo medico prescreve unicamente um pouco de oleo de figados de bacalhau, o bife na grelha, o vinho de Collares, a mudança d'ares para Bemfica e um ou outro passeio ao sol com um chaile nos joelhos em cima de um jumento manso.

Subindo mais alguns degraus, chamado para vêr a engommadeira de camisas ou a brochadora de livros que habita nos sotãos, sempre o mesmo medico aconselha simplesmente uma camisola de flanella, um copo de leite e mais duas horas de descanço por dia.

O resultado de todas estas differenças na cura é que todas as tres doentes, a do primeiro andar, a do terceiro, a do sotão, morrem aproximadamente no mesmo praso de tempo.

Assim nos banhos de mar, emquanto as pessoas ricas planisam uma temporada de tres mezes, tu, se habitas o campo, chegas á Foz ou á Povoa de Varzim na vespera de S. Bartholomeu, e tomas os teus trinta banhos em tres dias.

Bem sei que não pódes demorar-te mais tempo. Tens muito que fazer e tens muito pouco que gastar. A unica coisa que eu te aconselharia, se estas linhas te podessem alcançar, a ti ou ao cirurgião da tua freguezia, seria que nem esse pouco tempo nem

esse pouco dinheiro sacrificasses, e que, em vez de ir banhar-te no mar, que fica longe, te banhasses simplesmente no rio que te passa á porta de casa.

Tão salutares, tão hygienicos, tão pouco usados infelizmente em Portugal, os banhos de rio podem em grande numero de casos substituir vantajosamente os dispendiosos banhos do mar.

Se a nossa humilde voz podesse chegar aos ouvidos das camaras municipaes dos nossos conselhos ruraes, pedir-lhes-hiamos que consultassem sobre esta questão hydrotherapica o seu cirurgião de partido ou o seu delegado de saude, e que em beneficio dos seus municipes mandassem construir no seu rio uma pequena barraca de madeira onde podessem gratuitamente banhar-se aquelles a quem o facultativo o ordenasse.

Aos que nem rio teem resta-lhes ainda um expediente excessivamente benefico: collocarem-se n'uma pequena banheira, n'uma dorna, n'um simples alguidar, e fazerem-se despejar pela cabeça ou sobre o dorso alguns litros de agua fria. Em ultimo recurso podem ainda percorrer toda a superficie da pelle, a principiar pela cabeça com uma esponja embebida em agua fria, ou envolveremse por um momento em um lençol molhado em agua doce ou em agua salgada com uma mão cheia do sal da cosinha.

PRECAUÇÕES HYGIENICAS

Com relação ao banho propriamente dito, as principaes precauções aconselhadas pela hygiene referem-se ao que importa fazer — *antes do banho, no banho* e *depois do banho.*

Ao ir para o banho deve-se ter em vista que tenham cessado completamente os trabalhos da digestão.

A escolha da hora do banho depende da constituição do banhista e do fim physiologico ou therapeutico que se deseja conseguir.

Se o banhista é robusto e procura apenas no banho a tonificação da agua fria e a especie de massagem produzida pelo embate da vaga, a sua hora mais opportuna é de manhã. Para as pessoas debeis que procuram no banho os effeitos da composição chimica da agua-salgada sobre os tecidos, a hora mais conveniente é das duas horas ás cinco da tarde, quando por effeito do calor a temperatura do mar sobe cinco ou seis graus.

O uso geralmente seguido de ir directamente da cama para o mar esperando na praia *que o corpo arrefeça,* é essencialmente anti-hygienico.

Como já dissemos, baseados na auctoridade dos mais abalisados especialistas, a pelle deve estar quente ao entrar na agua, e a mesma transpiração não só não é nociva mas é salutar.

Um certo exercicio moderado, um pequeno passeio a pé, ao sol, é muito util. O que mais convem evitar não é o contacto da agua com o corpo quente, é o contacto do ar. As constipações contraem-se na barraca ao despir, ou á beira da agua ao esperar.

Convirá esperar, quando o corpo está suado, que o suor se dissipe para entrar na agua?

Os auctores da *Encyclopedia das Sciencias medicas* respondem a esta pergunta citando o exemplo dos gregos e dos romanos que costumavam banhar-se ainda cobertos de suor e de poeira, ao sahirem dos gymnasios em que se formava a robusta mocidade dos dominadores do mundo, acrescentam:

«O uso tão frequente dos banhos russos e dos banhos orientaes, as praticas da hydroterapia empirica e da hydrotherapia racional demonstram até á evidencia que a immersão em agua fria do corpo suado não tem os perigos nem os inconvenientes que a rotina tenaz lhe attribue. Reduzindo a alguns minutos a duração da immersão não ha inconvenientes que recear. Não succede o mesmo quando, em vez de proceder em conformidade com a verdadeira hygiene, se segue o uso deploravel de esperar á beira do mar que o suor se evapore.»

É importante que o banhista ao chegar á barraca, se dispa com a maxima rapidez, enfie um calção de malha de lã, se envolva n'uma capa ou n'um *plaid* e corra immediatamente para a agua, desembuçando-se no momento da immersão.

As senhoras devem usar a touca de gutta-percha para não molharem o cabello, e quando não tenham a touca não lhes convem mergulhar a cabeça. Basta-lhes refrescar repetidamente a fronte e o alto do craneo com a mão molhada durante o tempo que estiverem na agua. Os longos cabellos molhados com agua salgada produzem mais males do que aquelles que o banho é destinado a combater. Molhados os cabellos no mar por qualquer incidente, convirá ás senhoras laval-os em seguida em agua doce com um bom sabonete até restabelecer o aceio indispensavel á hygiene da pelle.

No banho a immersão deve ser subita e não entrando na agua progressivamente, o que faz refluir o sangue das extremidades inferiores para o peito e para a cabeça.

É prejudicialissima durante o banho a immobilidade do corpo. Todos os membros devem estar em movimento durante a immersão. A natação é n'este caso um exercicio da maior vantagem. Esta especie de gymnastica é particularmente util ás creanças affectadas de rachitismo, de enfraquecimento de espinha. Nenhum outro exercicio contribue mais efficazmente do que a natação feita

de bruços para robustecer os musculos do pescoço e a columna vertebral.

A duração do banho depende da temperatura da agua, da força da onda, e da constituição do banhista.

Com o mar chão e a agua aquecida pelo sol da tarde o banho póde prolongar-se muito mais do que na maré enchente e durante o frio da manhã. Dez minutos bastam ás pessoas fracas cuja reacção se estabelece lentamente. As pessoas fortemente constituidas e as creanças que sabem nadar podem demorar-se na agua vinte ou trinta minutos.

Ao penetrar na agua sente-se um estremecimento, um calafrio geral. Depois d'isso a circulação restabelece-se rapidamente e produz-se uma sensação agradavel. Se o banho se prolonga demasiadamente o primeiro calafrio repete-se. É o signal intimativo para sahir immediatamente. A approximação d'este calafrio presente-se perfeitamente n'um principio de perturbação no estado geral. Convem não esperar que o estremecimento se dê.

Aos que se demoram demasiadamente na agua, a despeito do aviso acima indicado, o rosto cobre-se d'uma pallidez livida, o corpo arrefece, as veias desvanecem-se, os pés e as mãos tornam-se dormentes; sente-se peso de cabeça e mal estar. Algumas vezes apparecem na pelle manchas roxas symptomaticas da insufficiencia da circulação capillar. Do refluxo do sangue ao peito e ao cerebro póde n'este caso resultar a congestão. Os soccorros para esse estado são as fricções immediatas e o banho aos pés em agua quente.

Depois do banho deve ser o corpo rapidamente friccionado com um lençol aspero até dar á pelle uma côr rosada.

Comer immediatamente depois do banho, no periodo da reacção, é inconveniente. O mais salutar depois do banho é um exercio moderado, um passeio a pé, de meia hora, na praia debaixo de um chapeu de sol, com o cabello solto como usam as senhoras nas praias da Allemanha.

SOCCORROS AOS AFOGADOS

Em todas as praias de banhos os soccorros a ministrar aos afogados deveriam ser conhecidos de toda a gente: banhistas, banheiros, curiosos, touristes, etc. A efficacia dos meios empregados para chamar á vida os asphyxiados por submersão depende muitas vezes da rapidez da applicação. É um dever de humanidade acharse cada um habilitado para poder n'esses casos acudir de pronto ao seu similhante.

A morte por submersão ataca um ou outro dos seguintes orgãos: o *cerebro,* o *coração,* ou o *pulmão.*

Quando a asphyxia actúa no cerebro, os symptomas que o afogado apresenta são os seguintes: a face injectada; lividos os contornos dos olhos e da bôca; os beiços inchados; as pupillas dilatadas; a pelle da testa e os labios rôxos. Não apparece espuma na bôca.

N'este caso dá-se a apoplexia cerebral. É a consequencia mais grave da asphyxia. Dois ou tres minutos bastam para converter a morte apparente em morte real. O unico remedio immediato é operar a sangria em ambos os braços ou nas veias jugulares.

Quando o coração é o orgão lesado, como ordinariamente succede, principalmente ás pessoas nervosas no momento da submersão, os signaes caracteristicos d'esta especie de lesão são os seguintes: a face pallida; o nariz affilado; os olhos desmaiados; as

palpebras cerradas; os labios descorados. As feições estão perfeitamente tranquillas, o individuo parece dormir. Os primeiros soccorros n'este caso, o menos grave que póde apresentar a asphyxia, consistem no seguinte:

Deitar o afogado sobre a areia, ao sol, ou n'um quarto bem quente, collocando-o estendido e com a cabeça mais alta que a linha do corpo; abrir-lhe a bôca e ingerir-lhe algumas colheres de vinho do Porto ou d'outro qualquer licor espirituoso; friccionar-lhe o peito e o epigastro e fazer-lhe respirar ammoniaco; escaldar ou queimar a pelle sobre a região do coração por meio de um ferro de engommar, de compressas de ammoniaco concentrado, ou em uma boneca de estopa ou de algodão em chamma. Quando a colorificação se não estabelece por estes meios submette-se o afogado a um banho quente, cuja temperatura se póde elevar até 38 graus centigrados.

Quando é nos orgãos respiratorios que a lezão apparece, eis os indicios d'ella:

Faces injectadas; entumescencia dos labios; ecchymoses no peito, no pescoço e nos braços; olhos fechados; a pupilla envidraçada; mucosidades espumosas na bôca e na larynge.

Applicações: Além da sangria abundante, que é o mais essencial dos soccorros, fricções em todo o corpo; insufflação d'ar pela bôca; provocação do espirro ou do vomito por meio da rama de uma penna; um clister irritante; um frasco de ammoniaco ao nariz.

Seria extremamente util que estas, ou outras indicações da sciencia tendentes ao mesmo fim, succinta e claramente formuladas de modo que podessem ser facilmente comprehendidas e decoradas por toda a gente, fossem expostas ao publico em cartaz, ensinadas nas escolas e lidas pelos padres á hora da missa, em todas as povoações de pesca e de banhos. Innumeros casos de asphyxia por submersão produzem a morte unicamente pela ignorancia dos meios com que se combatem as primeiras perturbações manifestadas no organismo dos que permaneceram por algum tempo debaixo d'agua.

RECONSTITUIÇÃO

DOS TEMPERAMENTOS E DOS CARACTERES

PELO BANHO FRIO

(CONSELHOS ÁS MÃES)

Não terminarei este livro, simples applicação aos elegantes desenhos do snr. Emilio Pimentel, de algumas das minhas mais alegres recordações de viagem no litoral portuguez, sem cumprir um dever de consciencia para todo o escriptor honrado — pôr na sua obra uma pagina util.

A successiva degradação da nossa especie é um facto notado em Portugal por todos os physiologistas, por todos os pedagogos, por todos os mestres de creanças.

As gerações que frequentam as escolas deperecem de anno para anno. Os alumnos são cada vez mais debeis, mais fracos, com menos força de musculo e de cerebro.

As condições profundamente insalubres da vida moderna tornam cada vez mais necessaria a forte resistencia pela hygiene.

A anemia e o lymphatismo converteram-se n'um mal quasi geral nas creanças portuguezas, e especialmente nas creanças de Lisboa, onde a agglomeração dos habitantes, a construcção infecta da maior parte dos predios, a alimentação insufficiente ou mal escolhida, a ignorancia quasi absoluta das mais rudimentares noções de hygiene, determinam uma prodigiosa quantidade de doenças, que mudam de nomes mas não mudam de intensidade em cada estação do anno.

Carecemos quasi completamente de hygiene publica: os canos não téem agua, os theatros não téem ventilação, as casas não téem water-closet; não ha lavadouros, não ha banhos publicos de rio, gratuitos ou quasi gratuitos.

Mas falta-nos ainda mais a hygiene particular do que a hygiene publica. E é da hygiene particular que é preciso partir a iniciativa da grande renovação.

As mães de familia podem n'este caso prestar á humanidade, á civilisação, ao futuro, o mais relevante serviço. Este serviço consiste em robustecerem os seus filhos.

O banho de mar é de certo para esse fim um poderoso agente. Michelet esperava do mar a revivescencia, a regeneração humana. Em Portugal todos os medicos aconselham sabiamente o mar a todas as pobres creanças portuguezas, tão descoradas, tão abatidas, tão debilitadas.

O mar porém frequentado por dois ou tres mezes no anno não constitue senão uma medicação passageira, quando o que se deve ter em vista é o emprego de um modificador permanente do organismo.

Esse modificador é o banho frio quotidiano, em todas as estações do anno, desde o primeiro dia da primavera até o ultimo dia do inverno.

Se para principiar o regime do banho frio fosse precisa alguma preparação, aliás inutil, o banho de mar teria prehenchido esse fim. Ao ultimo banho de mar deve pois seguir-se o banho dôce de agua fria em cada dia e para todo sempre.

Os que se reportam á experiencia dos antigos para combaterem o uso dos banhos frios, ignoram a historia da hygiene, e fundam-se apenas no exemplo de algum dos seus avós, mais illustre pelas virtudes domesticas do que pelo aceio pessoal. Na antiguidade instruida o banho frio foi sempre considerado como um dos principaes elementos da saude. Plinio diz: «Tão bem se deram em Roma com o uso dos banhos, que não houve outra medicina durante seiscentos annos.»

O banho chamado tepido, tão geralmente usado, é extremamente perigoso e anti-hygienico. O professor Lacassagne, um dos mais distinctos hygienistas, diz a este respeito: «Se o banho tepido alcança um alivio passageiro e um instante de pausa, augmenta por outro lado a excitação do systema nervoso produzindo uma diminuição progressiva das funcções da pelle e o enfraquecimento do systema muscular. As pessoas com saude devem absolutamente evitar a acção iminentemente excitante e debilitante do banho quente, o qual póde além d'isso provocar as congestões e as hemorrhagias.»

O grande medico Fleury, cuja competencia n'esta especialidade é considerada como indiscutivel por todos os homens da sciencia, diz o seguinte:

«As affusões, as immersões, os douches, os banhos frios (de mar, de rio, de tina) podem ser empregados sem o menor perigo

com tanto que *a duração d'elles não exceda a reacção exponta-nea e que o corpo esteja suado, quer o suor se ache no principio, quer tenha alguma duração e uma grande abundancia, quer haja sido provocado pelo exercicio muscular, quer por outro meio arti-ficial como o abafo, o vapor, etc.* N'estas condições, não sómente as applicações frias não são em caso algum seguidas do mais leve incidente, mas apresentam vantagens preciosas. Terminam brus-camente a transpiração e livram os individuos do calor incommo-do, fazendo-lhes experimentar uma sensação extremamente agra-davel; põem ao abrigo dos accidentes resultantes do contacto de um ar frio com o corpo suado; exercem finalmente na pelle e em toda a economia uma acção tonica utilissima.»

No magnifico *Diccionario Encyclopedico das sciencias medi-cas,* publicado em Paris em 1871, sob a direcção do snr. Decham-bre, com a collaboração dos primeiros medicos, lê-se a respeito do banho frio:

«O uso habitual e quotidiano do banho frio exerce na saude a mais feliz influencia. A pelle tonifica-se, aviva-se, conserva a sua frescura e a sua agilidade ou recupera-as quando perdidas. Citam-se mulheres que devem em parte ao habito dos banhos frios a conservação até uma idade avançada dos attributos da mocida-de e da belleza. O tegumento externo torna-se egualmente menos impressionavel ao calor e ao frio. No verão o banho frio modera a transpiração, previne a debilitação que se segue á secreção abun-dante do suor. No inverno corrige a disposição que teem algumas pessoas para contrair anginas e bronchites. O systema muscu-lar ganha força e energia, sustenta sem fadiga ao cabo de um certo tempo exercicios de que anteriormente não era capaz. O ap-petite torna-se mais vivo e as digestões mais faceis; as funcções intestinaes regularisam-se, a assimilação, a nutricção, a absorção intertiscial activam-se de modo que as pessoas obesas perdem o excesso da gordura e os magros engordam. A innervação geral modifica-se do modo mais feliz, o somno torna-se mais profundo e mais reparador. A actividade do corpo e do espirito redobra: sen-timo-nos com mais aptidão para o trabalho; experimentamos final-mente um sentimento geral de força e de bem-estar physico, in-tellectual e moral, que resulta do equilibrio dos orgãos e da har-monia das funcções. Collocando-nos unicamente no ponto de vista da pura hygiene, podemos dizer que o banho frio, cuja tempera-tura e duração forem proporcionadas á sensibilidade nervosa e á força da reacção dos individuos, convem geralmente ás pessoas de qualquer sexo, de qualquer temperamento, de qualquer constitui-

ção. Os auctores que, a exemplo de Galiano, quizeram proscrever o banho frio nas duas edades extremas da vida, na infancia e na velhice, emmitiram opiniões demasiadamente absolutas. Quando se sabe proporcionar a temperatura do liquido e a duração da applicação á faculdade de calorificação do individuo, as applicações da agua fria, longe de serem nocivas ás creanças e aos velhos, são pelo contrario extremamente vantajosas É então sobretudo que é preciso ter em vista o preceito que consagra a necessidade das applicações frias de curta duração e o ar quente. A experiencia prova que n'estas condições as creanças e os velhos, preparados por applicações graduadas e calculadas de agua fria, podem, tanto como os novos e como os adultos, aproveitar os excellentes effeitos do banho frio. Tem-se dito que o uso dos banhos frios endurecia a pelle das creanças, o que tornava difficil a erupção dos exanthemas tão frequentes n'essa edade da vida. Egualmente se tem dito que as depurações cutaneas a que são sujeitos os meninos e os velhos podiam ser impedidas pelo banho frio, d'onde a possibilidade de retrocessões ou de repercussões perigosas nos orgãos internos. Tem-se dito finalmente que a agua fria tem por effeito supprimir certas secreções da pelle, taes como o suor fetido, e tem-se visto n'essa suppressão um perigo para o organismo. Esses receios, reflexos de doutrinas humoraes antigas, nunca se nos figuraram baseados em factos bem observados, ou, pelos menos, os factos citados soffrem interpretações differentes. É mais o raciocinio do que a experiencia, que dá curso a essas opiniões. Em primeiro logar a agua fria não endurece a pelle, pelo contrario mantem-lhe a elasticidade e a permeabilidade. Nada prova que o seu uso habitual crie um obstaculo serio á erupção dos exanthemas proprios da infancia. Se o banho frio, graças á alternativa das acções e reações de que a pelle é a sede, tem por effeito regularisar e facilitar as funcções d'este orgão, não vemos como empeça as depurações cutaneas das creanças e dos velhos. Finalmente, em quanto ao suor fetido, muitas vezes devido á falta de aceio, o unico mal que o banho frio poderia n'este caso produzir seria supprimir o mau cheiro... com grande vantagem dos que padecem essa secreção viciosa e dos que vivem com elles. Os mesmos preconceitos que teem feito prohibir os banhos frios ás creanças e aos velhos levaram egualmente a prohibil-os ás mulheres durante os seus *prasos criticos* e durante a gravidez. Temeu-se no primeiro caso a suspensão do fluxo, e no segundo o aborto. A hydrotherapia moderna mostrou a falta de fundamento d'esses receios. Tem-se visto mulheres em ambos esses casos supportarem o banho frio

sem o minimo inconveniente. Em quanto á gravidez o banho frio é, pelo contrario, o melhor meio de curar a maior parte das doenças produzidas pelo estado de gestação, taes como a dyspepsia, os vomitos, a chloro-anemia, o nervosismo, etc., e de levar a bom termo a obra tão laboriosa e tão accidentada da natureza.»

O mesmo Fleury no seu magnifico *Tratado Therapeutico e Clinico* depois de descrever varios casos de creanças cujos temperamentos lymphaticos foram convertidos em temperamentos sanguineos pelo uso systematico do banho frio, acrescenta:

«Poderiamos produzir cincoenta observações d'este genero; basta-nos dizer que a hydrotherapia (tratamento pela agua fria) opera nas creanças uma verdadeira transformação. Se agora considerarmos, por um lado, quanto importa na medicina da infancia modificar o temperamento lymphatico quer em vista do presente, quer sobretudo em vista do futuro, e por outro lado attentarmos em quanto são insufficientes, incertos, inefficazes, de uma applicação tão longa e difficil, os meios de que o medico dispõe para obter esse resultado, reconheceremos que as observações precedentes offerecem um grande interesse e attestam em favor dos banhos frios um poder que em vão se procuraria em qualquer outro modificador. Qual é o agente hygienico e pharmaceutico com cujo auxilio seja possivel modificar profundamente o temperamento lymphatico dentro d'alguns mezes, fazendo desapparecer todos os seus caracteres dentro de um ou dois annos? Desenvolver, crear n'uma creança o temperamento sanguineo, é prevenir as affecções escrofulosas, favorecer o desenvolvimento physico e intellectual, facilitar o estabelecimento da puberdade, affastar as causas mais numerosas e mais frequentes das molestias nervosas, hysterismo, epilepsia, choréa, nevralgia, etc., a chlorose finalmente e o aborto. É regenerar a especie humana.»

Referindo-se em outro ponto á instituição das applicações frias na hygiene das mulheres, o mesmo professor diz:

«A enorme frequencia da chlorose, da anemia, do hysterismo, das nevroses, das nevralgias, das gastralgias, das enfermidades nervosas de toda a especie, das palpitações, dos abortos da febre puerperal, as deslocações e os engorgitamentos do utero, é unicamente devida ao esquecimento de todas as regras de uma boa hygiene. Encerradas em quartos hermeticamente fechados, sobrecarregados de moveis, de tapetes, de cortinas, de quadros, de reposteiros, n'uma atmosphera secca e viciada, fazendo do dia noite e da noite dia; debilitando-se nas vigilias, nos bailes, nos espectaculos, onde permanecem por muitas horas expostas á acção deleteria de um

ar confinado, alterado pelos candieiros, pela respiração, pelas emanações de um numero d'homens vinte vezes mais consideravel do que comporta o espaço que os encerra; expostas ás influencias de mil causas debilitantes, que fazem as mulheres da sociedade para contrabalançar a acção de um tão grande numero de agentes morbigenas? Condemnam o seu systema muscular a uma inercia quasi absoluta; não se permittem mais que uma alimentação insufficiente e mal escolhida; abusam até o extremo excesso dos banhos mornos, de todas as applicações da agua morna á *toilette*, dos emolientes, dos debilitantes. Parece terem-se finalmente encarregado de favorecer as causas de todas as doenças que as ameaçam. Estou intimamente convencido que a agua fria substituida á agua morna daria vantagens consideraveis e traria uma mudança feliz a um estado de coisas que compromette não só a saude das mulheres e a sua felicidade domestica mas ainda a sorte das gerações futuras. Em resumo: muito é para desejar que, conforme ao uso estabelecido na Inglaterra, na Allemanha e na America, as abluções de agua fria se introduzam em França nos habitos quotidianos da hygiene privada. »

De uma informação official ácerca do estado da educação na Grã-Bretanha, publicada em 1861, deduz-se que os alumnos que passam apenas algumas horas nas classes e empregam uma egual parte de tempo em exercicios gymnasticos fundados nas escolas fazem mais rapidos progressos do que aquelles que passam todo o dia amadorrados sobre o livro. O snr. Esquiros, em um artigo publicado na *Revista dos Dois Mundos* calcula que as forças produzidas por esse systema de diversão equivalem pela producção de trabalho ao augmento de um quinto na população britanica. Em 1864 um professor belga, Van Esschen, em um relatorio dirigido ao ministro da guerra em Bruxellas, analysando os factos relativos á introducção da gymnastica nas escolas inglezas diz:

« Os exercicios gymnasticos são voluntarios, exigem uma certa força physica, absorvem um tempo extremamente consideravel e apresentam mais de um perigo. Quaes são as creanças que mais importa fortificar? São essas creaturinhas enfesadas, friorentas, de faces pallidas e descoradas, de membros frageis, de intelligencia precoce e ardente, em que as faculdades do entendimento parece absorverem todas as forças do organismo. Ora esses meninos odeiam os exercicios corporeos, são demasiado fracos para se entregarem a elles. Teriam de ser violentados, e o unico fructo d'essa violencia seria uma fadiga excessiva; os gostos das creanças debeis chamam-as para as recreações menos violentas; preferem a conversa-

ção, a leitura, chegam algumas vezes a divertirem-se instruindo-se; finalmente, como téem o sentimento da sua fragilidade, receiam o exforço e o grande movimento. A gymnastica é pois insufficiente para alcançar o fim proposto. Precisa-se de um agente de applicação geral e facil que fortifique todas as constituições mas principalmente as que são debeis e anemicas, cujo uso possa ser prescripto regulamentarmente, que não offereça nem perigo nem inconveniente e *cuja efficacia ninguem possa contestar*. Esse agente é a *agua fria* administrada de modo que não preste senão os seus effeitos estimulantes; esse agente é o *douche geral de agua fria*. Sob a influencia d'essa ablução quotidiana vê-se a pelle animar-se rapidamente, colorir-se pelo impulso notavel da circulação capillar. Um sangue vivo e vermelho vem vivificar essa vasta superficie em que se produzem phenomenos tão importantes da vida vegetativa. A actividade funccional do involucro cutaneo e a regularisação da circulação arrastam, como consequencias infalliveis, uma assimilação mais complecta, uma melhor nutrição, e por conseguinte, uma digestão mais perfeita e um appetite mais pronunciado. »

O fim do professor Van Esschen era estabelecer douches e tornar o banho frio obrigatorio para todos os alumnos da escola militar de Alost. Os argumentos poderosos do extenso relatorio do illustre professor levaram o governo belga a decretar o banho frio. O serviço das abluções em Alost foi montado sob a direcção do especialista francez Fleury chamado pelo governo de Bruxellas para esse fim.

Jules Simon, o grande erudito, o profundo reformador, um sabio, um velho, sendo ministro da instrucção publica em França depois da guerra da Prussia, fazendo um livro sobre a reforma do ensino e da educação, achando-se rodeado das instrucções e dos conselhos dos primeiros medicos e dos primeiros hygienistas modernos, escrevia a respeito do banho frio a seguinte pagina:

« As abluções quotidianas por todo o corpo, com agua fria e uma esponja são um habito inglez que do collegio deveria passar ao uso de cada dia, porque, se é um pouco desagradavel no primeiro mez torna-se no segundo um prazer e uma necessidade. Poder-se-hia tambem depois de meia hora de gymnastica tomar um bom *douche* de agua fria e uma *massagem*. Finalmente recommendo a natação desde que chegar o verão. Uma lei do 30 prairial do anno XII determina que a arte da natação faça parte da educação da mocidade nos lyceus e nas escolas secundarias. Agua, agua e mais agua. Agua fria, agua fria e mais agua fria. Não ha

comparação na saude do corpo, na saude do espirito, no bom humor, entre uma creança suja e friorenta e uma creança que o conctacto quotidiano da agua fria habitua ao aceio, endurece contra as apprehensões do movimento, do calor ou do frio, apprehensões apenas desculpaveis nos velhos e nas mulheres. Um philosopho entendia que o aceio é uma virtude. Eu sou da opinião d'este philosopho: é uma virtude e é a origem d'outras virtudes, como a franqueza, a firmeza e o sentimento da dignidade pessoal. A alma estiola-se e rebaixa-se dentro de um involucro insalubre e friorento. Os gregos começaram a degenerar quando começaram a vestir-se. Li com espanto ha alguns annos em um jornal religioso que os povos menos aceados são os mais intelligentes e os mais valorosos. Não será esta jámais nem a opinião de um medico nem a de um pedagogo. O escriptor de que fallo referia-se talvez aos cosmeticos e aos insensatos requintes imitados das cortezãs por alguns jovens devassos. Eu fallo apenas da agua, da agua viva e pura, verdadeira fonte de Juvencius, que dá á mocidade toda a força, toda a graça, e alarga os limites da vida. O meu alumno, graças ás suas immersões salutares, não receará o vento nem a chuva nem o frio. Não caminhará envolto n'um duplo ou triplice vestuario. Não conhecerá o vergonhoso e ridiculo uso do cache-nez. Não terá a janella fechada e o quarto calafetado, conservando o mau ar como se conserva uma coisa preciosa. Não passará horas acocorado ao lume. Toda a minha vida admirei a historia do charlatão que enriqueceu vendendo agua da fonte por agua maravilhosa. Esse ladrão tinha talvez descoberto, procurando outra cousa, o grande segredo da medicina. Beber bôa agua e inundar-se com ella todos os dias é a melhor receita contra as enfermidades. As mães vivem em cuidados constantes. O menino terá frio; não estará bastante agasalhado; irá molhar os pés; apanhar um defluxo, um resfriamento, um catharro! Tome o menino em cada manhã um bom douche, com uma *massagem,* ou façam-o friccionar com agua fria, e todas essas desgraças desapparecerão juntamente com o acanhamento, com a timidez, com a pusilanimidade que as precauções arrastam sempre comsigo. As doenças são como os cães que rosnam: se a gente corre para elles, deitam a fugir; se a gente lhes foge, perseguem e mordem. Façam-me um rapaz forte, com uma boa hygiene e com habitos viris, e riam-se-me dos accidentes e das variações atmosphericas.»

Eu disse que vinha aconselhar. A mim porém falta-me a competencia para dar conselhos. Eu venho simplesmente pedir ás mães, que dêem banhos aos seus filhos. Peço-o para a felicidade d'elles, para a sua regeneração physica e moral, para o aceio do seu corpo, para a preservação das suas enfermidades, para a alegria do seu espirito, para a firmeza da sua vontade. Peço-o como escriptor, responsavel deante da minha consciencia e deante dos meus similhantes pelas ideias que divulgo; peço-o como critico e como homem de estudo; peço-o finalmente como pae, se me permittem invocar este sagrado titulo.

Uma das minhas filhas era na sua primeira infancia uma creança extremamente debil, lymphatica, atacada de rachitismo. Fiz-lhe um longo tratamento fortificante. Principiou a andar aos tres annos e meio com penosa difficuldade, com muita fadiga, com dôr. Alguns medicos, que me aconselharam no primeiro curativo, preparam-me para o desgosto de a perder aos dez annos. Deliberei então sujeital-a a um tratamento hydrotherapico. Tenho tres filhos. Obriguei os outros dois a acompanharem a doente no regime prescripto. Obriguei-os, digo? Não, convenci-os todos tres, um em nome da therapeutica, os outros dois em nome da dignidade e do aceio. Fiz collocar pela manhã junto da cama de cada um uma banheira chata, redonda, de um metro de diametro, com um palmo de altura no bordo, meia de agua fria. Forneci a cada um a sua provisão de sabão e uma grande esponja. A mãe encarregou-se de dirigir a operação balnearia, prevenindo que nenhum d'elles se constipasse ao contacto do ar, e passasse immediatamente do calôr da cama para a agua fria, applicando com a esponja tres ou quatro douches successivos na cabeça e na columna vertebral junto do pescoço. Uma boa creada compungiu-se de tal modo perante o barbaro espectaculo matinal de que eram theatro os quartos dos meus filhos, que pretendeu retirar-se do meu domicilio. Havia lagrimas. Eu, que preconisava o banho frio em theoria, mas que o não acceitava para mim na prática, tinha no meio d'esta crise domestica um papel bastante parecido com o de um Herodes de agua doce. Envergonhei-me das allusões picantemente maliciosas feitas pelas *victimas* ao apparente desaccordo das minhas opiniões e dos meus actos pessoaes, e, apesar de ter a esse tempo a apprehensão de uma lesão cardiaca e uma dôr rheumatica n'um joelho, lancei-me intrepidamente no banho frio de cada dia. Os resultados de cinco annos d'agua fria foram os seguintes:

1.º A minha antiga doente, *que nenhum outro remedio tomou desde então até ao presente dia,* tem hoje treze annos. E' uma pe-

quena pessoa desempenada como o cabo da sua vassoura. Activa, madrugadora. Deixou de ser lymphatica.

2.° Durante cinco annos nenhum dos meus filhos adoeceu, nenhum se constipou, nenhum teve tosse, nenhum teve defluxo.

3.° Passaram os meus symptomas de perturbação na região pericordial. Desappareceu-me a dôr do joelho. Trabalho ordinariamente da meia noite ás quatro horas da manhã, defronte da minha janella, invariavelmente aberta de verão e d'inverno. Não uso camisola. Não me constipo nunca, e apesar da minha vida sedentaria, supporto, com tolerancia rara n'um *plumitivo,* o trabalho muscular, a fadiga, as chuvas, as insolações.

Desculpem, minhas senhoras, ter-me citado a mim proprio, — o que não é de bom gosto, mas é de boa moral. Seria mesmo esta uma prova a que seria util sujeitar todos os escriptores: obrigal-os a saborearem elles mesmos, de quando em quando, as tisanas que ministram aos outros. Talvez que por este modo se conseguisse escrevermos menos e acreditarem-nos mais.

FIM

A PRIMEIRA PESCA

INDICE

IV

V

VI

VII

VIII

IX

XV

XVI

XVII

XVIII

HORARIOS

DOS

CAMINHOS DE FERRO

CAMINHO DE FERRO DE LESTE E NORTE

De Lisboa a Badajoz e Porto

Preços por classes 1.ª	2.ª	3.ª	Kilom.	De Lisboa ás seguintes estações	Todas as classes Corr.º	Mixto			
				. . . . B	T 8	M. 8	M 10	T 6	—
$120	$100	$070	4	Poço do Bispo	—	8.12	10.28	6.22	—
$140	$110	$080	7	Olivaes	—	8.21	10.42	6.35	—
$200	$160	$120	10	Sacavem	8.23	8.30	11	6.50	—
$360	$280	$200	18	Povoa	8.38	8.44	11.24	7.12	—
$440	$340	$250	22	Alverca	—	6.54	11.40	7.27	—
$520	$410	$290	26	Alhandra	8.56	9.05	T 12.4	7.50	—
$620	$480	$350	31	Villa Franca	9.07	9.15	12.23	8.7	—
$740	$580	$410	37	Carregado . . . B	9.29	9.31	12.49	8.30	—
$940	$730	[illegible]	47	Azambuja	9.48	9.49	1.22	8.55	—
1$100	$850	$610	55	Reguengo	—	10.03	1.43	9.15	—
1$220	$950	$680	61	Sant'Anna	10.11	10.14	2.8	9.34	—
1$490	1$160	$830	75	Santarem . . . B	10.44	10.46	3.9	10.5	—
1$670	1$300	$930	84	Valle da Figueira	—	11.06	3.45	—	—
1$870	1$460	1$040	94	Matto de Miranda	—	11.23	4.17	—	—
2$050	1$590	1$140	103	Torres Novas	11.36	11.41	4.56	—	—
2$150	1$660	1$180	107	Entroncamento . B { C.	T 11.45	11.50	5.10	—	—
				{ P.	M 1.28	12.30	—	—	—
2$210	1$720	1$230	111	Barquinha	1.38	12.52	—	—	—
2$370	1$840	1$320	119	Praia	1.53	T 1.19	—	—	—
2$580	2$010	1$440	130	Tramagal	2.10	1.50	—	—	—
2$680	2$090	1$490	135	Abrantes	2.20	2.24	—	—	—
2$920	2$270	1$630	147	Bemposta	2.42	3.02	—	—	—
3$260	2$540	1$810	164	Ponte de Sor	3.18	4.06	—	—	—
3$660	2$850	2$030	184	Chança	3.52	8.10	—	—	—
3$970	3$090	2$210	200	Crato	4.29	6.13	—	—	—
4$310	3$350	2$400	217	Portalegre . . . B	5.09	7.22	—	—	—
4$510	3$510	2$510	227	Assumar	5.31	8.04	—	—	—
4$690	3$800	2$720	246	Santa Eulalia	6.01	8.49	—	—	—
5$260	4$100	2$930	265	Elvas . . . B	6.54	10.01	—	—	—
5$370	4$170	2$980	282	Badajoz . . . B	7.20	10.40	—	—	—
—	—	—	—	Entroncamento . . . B	12.15	M 12.20	—	—	—
2$410	1$870	1$340	121	Thomar (Payalvo)	12.45	12.54	—	—	—
2$580	2$010	1$440	130	Chão de Maçãs	1.10	T 1.23	—	—	—
2$780	2$170	1$550	140	Caxarias	1.34	1.51	—	—	—
2$980	2$320	1$660	150	Albergaria	—	2.25	—	—	—
3$220	2$510	1$790	162	Vermoil	—	2.45	—	—	—
3$380	2$630	1$880	170	Pombal	2.33	3.06	—	—	—
3$700	2$880	2$060	186	Soure	2.56	3.31	—	—	—
4$010	3$120	2$230	202	Formoselha	3.23	3.59	—	—	—
4$210	3$280	2$340	212	Taveiro	—	4.16	—	—	—
4$330	3$370	2$410	218	Coimbra . . . B	4.02	4.46	—	—	M 5.45
4$470	3$480	2$490	225	Souzellas	—	4.59	—	—	6.9
4$710	3$660	2$620	237	Mealhada	4.40	5.27	—	—	7
4$870	3$790	2$710	245	Mogofores	4.56	5.41	—	—	7.41
5$080	3$910	2$790	253	Oliveira do Bairro	—	5.59	—	—	8.10
5$420	4$220	3$010	273	Aveiro	5.47	6.39	—	—	9.45
5$720	4$450	3$180	288	Estarreja	6.09	7.07	—	—	10.31
5$980	4$650	3$320	301	Ovar	6.34	7.41	—	—	11.29
6$200	4$820	3$440	312	Esmoriz	—	8.02	—	—	12.5
6$320	4$910	3$510	318	Espinho	7.03	8.21	—	—	12.28
6$380	4$960	3$540	321	Granja	7.18	8.34	—	—	12.48
6$510	5$070	3$620	328	Valladares	—	8.57	—	—	1.21
6$610	5$140	3$680	333	Gaya (Porto) . . . (ch.)	7.45	T 9.18	—	—	1.45

CAMINHO DE FERRO DO NORTE E LESTE

Do Porto e Badajoz a Lisboa

Preços por classes			Kilom.	Das seguintes estações a Lisboa	Todas as classes				
1.ª	2.ª	3.ª			Corr.º	Mixto			
6$610	5$140	3$680	333	Gaya (Porto)	T 5.30	M 7.15	—	—	M 9.00
6$510	5$070	3$620	328	Valladares	—	7.28	—	—	9.17
6$380	4$960	3$540	321	Granja	5.54	7.42	—	—	9.40
6$320	4$910	3$510	318	Espinho	6.07	7.55	—	—	10
6$200	4$820	3$440	312	Esmoriz	—	8.07	—	—	10.21
5$980	4$650	3$320	301	Ovar	6.38	8.32	—	—	11.04
5$720	4$450	3$180	288	Estarreja	7	8.55	—	—	11.43
5$420	4$220	3$010	273	Aveiro	7.26	9.24	—	—	T 12.32
5$030	3$910	2$790	253	Oliveira do Bairro	—	10.02	—	—	1.32
4$870	3$790	2$710	245	Mogofores	8.16	10.22	—	—	2.10
4$710	3$660	2$620	237	Mealhada	8.35	10.42	—	—	2.50
4$470	3$480	2$490	225	Souzellas	—	11.04	—	—	3.27
4$380	3$370	2$410	218	Coimbra B	9.23	11.37	—	—	3.50
4$210	3$280	2$340	212	Taveiro	—	11.50	—	—	—
4$010	3$120	2$230	202	Formoselha	9.51	12.11	—	—	—
3$700	2$880	2$060	186	Soure	10.22	T 12.43	—	—	—
3$380	2$630	1$880	170	Pombal	10.56	1.02	—	—	—
3$220	2$510	1$790	162	Vermoil	—	1.45	—	—	—
2$980	2$320	1$660	150	Albergaria	—	2.27	—	—	—
2$780	2$170	1$550	140	Caxarias	M 12.04	2.51	—	—	—
2$580	2$010	1$440	130	Chão de Maçãs	12.27	3.17	—	—	—
2$410	1$870	1$340	121	Thomar (Payalvo)	12.43	3.36	—	—	—
—	—	—	—	Entroncamento. B C.	1.06	4.02	—	—	—
				P.	—	—	—	—	—
5$570	4$170	2$980	282	Badajoz B	T 5.45	M 6	—	—	—
5$260	4$100	2$930	265	Elvas B	6.39	7.15	—	—	—
4$890	3$800	2$720	246	Santa Eulalia	7.18	8.16	—	—	—
4$510	3$510	2$510	227	Assumar	7.58	9.19	—	—	—
4$310	3$350	2$400	217	Portalegre B	8.19	9.58	—	—	—
3$970	3$090	2$210	200	Crato	8.59	10.51	—	—	—
3$660	2$850	2$030	184	Chança	—	11.34	—	—	—
3$260	2$540	1$810	164	Ponte de Sor	9.57	T 12.32	—	—	—
2$920	2$270	1$630	147	Bemposta	—	1.20	—	—	—
2$680	2$090	1$490	135	Abrantes	10.49	2.04	—	—	—
2$580	2$010	1$440	130	Tramagal	—	2.26	—	—	—
2$370	4$840	1$320	119	Praia	11.16	2.59	—	—	—
2$210	1$720	1$230	111	Barquinha	11.36	3.32	—	—	—
2$120	1$660	1$180	107	Entroncamento. B C.	11.45	3.45	—	—	—
				P.	M 1.38	4.32	M 5.30	—	—
2$050	1$590	1$140	103	Torres Novas	1.50	4.43	5.58	—	—
1$870	1$460	1$040	94	Matto de Miranda	—	5	6.28	—	—
1$670	1$300	$930	84	Valle de Figueira	—	5.24	7.07	—	—
1$490	1$160	$830	75	Santarem	2.49	5.50	8	M 5.40	—
1$220	$950	$680	61	Sant'Anna	3.14	6.15	8.47	6.09	—
1$100	$850	$610	55	Ponte de Reguengo	—	6.27	9.07	6.22	—
$940	$730	$520	47	Azambuja	3.38	6.42	9.57	6.40	—
$740	$580	$410	37	Carregado B	4.06	7.07	10.33	7.06	—
$620	$480	$350	31	Villa Franca	4.21	7.22	11	7.21	—
$590	$410	$290	26	Alhandra	4.34	7.40	11.54	7.47	—
$440	$340	$250	22	Alverca	—	7.51	T 12.12	8	—
$360	$280	$200	18	Povoa	4.53	8.04	12.37	8.13	—
$200	$160	$120	10	Sacavem	5.10	8.21	1.06	8.32	—
$140	$110	$080	7	Olivaes	—	8.32	1.23	8.43	—
$120	$100	$070	4	Poço do Bispo	—	8.45	1.43	9	—
—	—	—	—	Lisboa C	5.35	9	2.06	9.15	—

CAMINHO DE FERRO DO SUESTE

SERVIÇO A COMEÇAR NO DIA 15 DE ABRIL DE 1876

DE LISBOA A BEJA

Kilom.	Preços 1.ª	2.ª	3.ª	Estações	Partida manhã
	—	—	—	Lisboa (vap).	6, 30
	150	150	100	Barreiro. . .	7, 35
2	320	290	210	Lavradio. . .	7, 43
5	320	290	210	Alhos Vedros	7, 51
8	400	350	240	Moita.	7, 59
16	600	500	350	Pinhal Novo.	8, 29
31	980	780	530	Poceirão. . .	8, 57
42	1250	990	670	Pegões. . . .	9, 21
57	1630	1270	860	V. Novas. B.	10, 7
75	2080	1610	1090	Monte Mór. .	11, 1
90	2460	1900	1280	Casa Branca.	11, 47
102	2760	2120	1450	Alcaçovas . .	12, 11
110	2970	2270	1530	Vianna. . . .	12, 28
117	3140	2480	1620	Villa Nova .	12, 49
125	3340	2560	1720	Alvito	1, 8
137	3650	2780	1870	Cuba.	1, 43
154	4070	3100	2080	Beja . . (ch.)	2, 17

DE BEJA A LISBOA

Kilom.	Preços 1.ª	2.ª	3.ª	Estações	Partida manhã
	—	—	—	Beja	7, 15
17	430	330	220	Cuba	7, 51
29	730	550	370	Alvito	8, 25
38	960	720	480	Villa Nova. .	8, 54
44	1110	840	560	Vianna. . . .	9, 10
52	1310	990	660	Alcaçovas . .	9, 28
64	1620	1210	810	Casa Branca	10, 16
79	1990	1500	1000	Monte Mór. .	10, 56
97	2450	1840	1230	V. Novas. B.	11, 38
112	2830	2120	1420	Pegões. . . .	12, 6
124	3130	2350	1570	Poceirão. . .	12, 29
139	3510	2630	1760	Pinhal Novo .	1, 6
146	3680	2760	1840	Moita.	1, 21
149	3760	2820	1880	Alhos Vedros.	1, 29
152	3830	2880	1920	Lavradio . . .	1, 37
154	3920	2950	1980	Barreiro. . .	2, 12
	4070	3100	2080	Lisboa (ch.)	2, 47

LISBOA A EXTREMOZ

Kilom.	1.ª	2.ª	3.ª	Estações	manhã
	—	—	—	Lisboa (vap.)	6. 30
	150	150	100	Barreiro . . .	7, 35
2	320	290	210	Lavradio . . .	7, 43
5	320	290	210	Alhos Vedros	7, 51
8	400	350	240	Moita.	7, 59
16	600	500	350	Pinhal Novo.	8, 29
31	980	780	530	Poceirão. . .	8, 57
42	1250	990	670	Pegões	9, 21
57	1630	1270	860	V. Novas B.	10, 7
75	2080	1610	1090	Monte Mór. .	11, 1
90	2460	1900	1280	Casa Branca.	11, 41
116	3120	2390	1610	Evora	12, 51
136	3620	2760	1860	Azaruja. . . .	1, 39
141	3750	2860	1920	V. de Pereiro	1, 52
149	3950	3010	2020	V. de Duque	2, 16
157	4110	3160	2120	Evora Monte.	2, 38
168	4430	3370	2260	Extremoz ch.	3, 8

EXTREMOZ A LISBOA

Kilom.	1.ª	2.ª	3.ª	Estações	manhã
	—	—	—	Extremoz. . .	6, 30
11	310	230	160	Evora Monte	6, 58
20	510	380	260	V. de Duque.	7, 23
28	710	530	360	V. de Pereiro	7, 46
33	840	630	420	Azaruja. . . .	8, 6
53	1340	1010	670	Evora.	9, 4
78	1970	1480	990	Casa Branca.	10, 16
93	2350	1760	1180	Monte Mór. .	10, 56
112	2830	2120	1420	V. Novas. B.	11, 38
127	3200	2400	1600	Pegões. . . .	12, 6
138	3480	2610	1740	Poceirão. . .	12, 29
153	3860	2900	1930	Pinhal Novo .	1, 6
161	4030	3050	2030	Moita.	1, 21
163	4110	3080	2060	Alhos Vedros	1, 29
166	4190	3140	2100	Lavradio . . .	1, 37
168	4280	3220	2160	Barreiro . . .	2, 12
	4430	3370	2260	Lisboa (vap.)	2, 47

BEJA A CASEVEL

Kilom.	1.ª	2.ª	3.ª	Estações	tarde
	—	—	—	Beja	2, 42
17	430	330	220	Outeiro . . .	3, 18
24	610	460	310	Figueirinha .	3, 40
38	960	720	480	Carregueiro .	4, 13
47	1190	890	600	Casevel (ch.)	4, 35

CASEVEL A BEJA

Kilom.	1.ª	2.ª	3.ª	Estações	manhã
	—	—	—	Casevel. . . .	4, 50
9	230	170	120	Carregueiro .	5, 16
23	580	440	290	Figueirinha .	5, 50
30	760	570	380	Outeiro. . . .	6, 13
47	1190	890	600	Beja. . (ch.)	6, 53

BEJA A QUINTOS

SABBADOS, DOMINGOS, TERÇAS E QUINTAS

Kilom.	1.ª	2.ª	3.ª	Estações	tarde
	—	—	—	Beja	2, 47
13	330	250	170	Baleisão. . .	3, 9
20	510	380	260	Quintos . . .	3, 25

QUINTOS A BEJA

DOMINGOS, SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS

Kilom.	1.ª	2.ª	3.ª	Estações	manhã
	—	—	—	Quintos . . .	5, 50
8	210	160	100	Baleisão. . .	6, 12
20	510	380	260	Beja	6, 42

CAMINHO DE FERRO DO SUESTE

EXTREMOZ A BEJA

Kilom.	Preços 1.ª	2.ª	3.ª	Estações	Partida manhã
	—	—	—	Extremoz	6, 30
	310	230	160	Evora Monte ..	6, 58
20	510	380	260	V. do Duque..	7, 23
28	710	530	360	V. de Pereiro..	7, 46
33	840	630	440	Azaruja	8, 6
53	1340	1010	670	Evora	9, 4
78	1970	4480	990	Casa Branca...	11, 47
90	2270	1710	1140	Alcaçovas	12, 11
98	2470	1860	1240	Vianna.	12, 28
105	2650	1990	1330	Villa Nova. ..	12, 49
113	2850	2140	2430	Alvito	1, 8
125	3150	2370	1580	Cuba.......	1, 43
142	3580	2690	1790	Beja....(ch.)	2, 17

BEJA A EXTREMOZ

Kilom.	Preços 1.ª	2.ª	3.ª	Estações	Partida manhã
	—	—	—	Beja.......	7, 15
17	430	330	220	Cuba.......	7, 51
29	730	550	370	Alvito......	8, 25
38	960	720	480	Villa Nova....	8, 54
44	1110	840	560	Vianna......	9, 10
52	1310	990	660	Alcaçovas....	9, 28
64	1620	1210	810	Casa Branca ..	11, 41
90	2270	1710	1140	Evora	12, 51
109	2750	2060	1380	Azaruja	1, 39
114	2880	2160	1440	V. de Pereiro .	1, 52
122	3080	2310	1540	V. do Duque..	2, 16
131	3310	2480	1650	Evora Monte ..	2, 38
142	3580	2690	1790	Extremoz (ch.)	3, 8

SETUBAL A BEJA E EXTREMOZ

					manhã
	—	—	—	Setubal	6, 35
6	160	120	80	Palmella.....	6, 51
13	330	250	170	Pinhal Novo...	8, 29
28	710	530	360	Poceirão.....	8, 57
40	1110	760	510	Pegões......	9, 21
55	1390	1040	700	V. Novas....B	10, 7
73	1840	1380	920	Monte Mór....	11, 1
88	2220	1670	1110	Casa Branca..	11, 41
166	4190	3140	2100	Extremoz	3, 8
100	2520	1890	1260	Alcaçovas	12, 11
108	2730	2050	1360	Vianna......	12, 28
114	2880	2160	1440	Villa Nova....	12, 49
123	3100	2330	1550	Alvito	1, 8
135	3410	2560	1710	Cuba.......	1, 43
152	3830	2880	1920	Beja ... (ch.)	2, 17

BEJA E EXTREMOZ A SETUBAL

					manhã
	—	—	—	Beja........	7, 15
17	430	330	220	Cuba.......	7, 51
29	730	550	370	Alvito	8, 25
38	960	720	480	Villa Nova....	8, 54
44	1110	840	560	Vianna.	9, 10
52	1310	990	660	Alcaçovas	9, 28
	3580	2690	1790	Extremoz	6, 30
64	1620	1210	810	Casa Branca...	10, 16
79	1990	1500	1000	Monte Mór....	10, 56
97	2450	1840	1230	V. Novas ...B	11, 38
112	2830	2120	1420	Pegões.	12, 6
124	3130	2350	1570	Poceirão.....	12, 29
139	3510	2630	1760	Pinhal Novo ..	6, 4
146	3680	2760	1840	Palmella.....	6, 20
152	3830	2880	1920	Setubal......	6, 34

RAMAL DE SETUBAL

LISBOA A SETUBAL

Kilom.	Preços 1.ª	2.ª	3.ª	Estações	Partida manhã	tarde
	—	—	—	Lisboa.....	6, 30	4, 20
	150	150	100	Barreiro....	7, 35	5, 15
2	320	290	210	Lavradio....	7, 43	5, 23
5	320	290	210	Alhos Vedros .	7, 51	5, 31
8	400	350	240	Moita..	7, 59	5, 40
16	600	500	350	Pinhal Novo. .	8, 25	6, 4
23	770	630	430	Palmella....	8, 40	6, 20
28	900	720	500	Setubal.....	8, 53	6, 34

SETUBAL A LISBOA

Kilom.	Preços 1.ª	2.ª	3.ª	Estações	Partida manhã	tarde
	—	—	—	Setubal	6, 35	5, 45
6	160	120	80	Palmella ...	6, 51	5, 1
13	330	250	170	Pinhal Novo .	7, 13	5, 21
21	530	400	270	Moita	7, 28	5, 38
23	580	440	290	Alhos Vedros.	7, 36	5, 45
26	660	500	330	Lavradio ...	7, 45	5, 52
28	750	570	400	Barreiro ...	8, 15	6, 15
	900	720	500	Lisboa.....	8, 50	6, 05

CAMINHO DE FERRO DO MINHO

Serviço a começar de 10 de abril de 1876

ASCENDENTES

Kilometros	Preços 1.ª Classe	Preços 2.ª Classe	Preços 3.ª Classe	Estações	Horas da partida dos comboios N.º 1 Mixto	N.º 3 Correio	N.º 5 Mixto
					Manhã h. m.	Manhã h. m.	Tarde h. m.
—	—	—	—	Porto *(Partida)*	6,42	9,30	5,44
5	120	90	70	Rio Tinto	6,54	9,41	5,55
9	180	140	100	Ermezinde	7,7	9,50	6,8
16	310	240	170	S. Romão	7,19	10,3	6,20
23	440	340	250	Trofa	7,40	10,21	6,39
32	610	480	340	Famalicão	8,1	10,42	7,1
39	740	580	410	Nine	8,17	10,59	7,21
45	910	710	510	Arentim (paragem)	8,26	—	7,30
48	910	710	510	Tadim	8,33	11,16	7,37
54	1/030	800	570	Braga *(Chegada)*	8,45	11,27	7,49

DESCENDENTES

Kilometros	Preços 1.ª Classe	Preços 2.ª Classe	Preços 3.ª Classe	Estações	Horas da partida dos comboios N.º 2 Mixto	N.º 4 Correio	N.º 6 Mixto
					Manhã h. m.	Tarde h. m.	Tarde h. m.
—	—	—	—	Braga *(Partida)*	6,24	1,37	6,7
7	140	110	80	Tadim	6,36	1,51	6,19
10	290	230	160	Arentim (paragem)	6,45	—	6,28
15	290	230	160	Nine	6,56	2,8	6,39
22	420	330	240	Famalicão	7,15	2,26	6,58
31	590	460	330	Trofa	7.35	2,45	7,20
39	740	580	410	S. Romão	7,51	3,1	7,36
46	870	680	490	Ermezinde	8,8	3,13	7,52
49	950	730	520	Rio Tinto	8,19	3,23	8,2
54	1/030	800	570	Porto *(Chegada)*	8,27	3,30	8,10

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

Serviço desde 20 de dezembro de 1875

ASCENDENTES

Kilometros	Preços 1.ª Classe	Preços 2.ª Classe	Preços 3.ª Classe	Estações	Horas da partida dos comboios N.º 21 Mixto	Horas da partida dos comboios N.º 23 Mixto
					Manhã h. m.	Tarde h. m.
—	—	—	—	Porto (*Partida*)	7,45	4,50
5	120	90	70	Rio Tinto	7,57	5,2
9	180	140	100	Ermezinde	8,10	5,15
16	310	240	170	Vallongo	8,30	5,38
26	500	390	280	Recarei	8,52	6,0
31	590	460	330	Cette	9,5	6,13
35	670	520	370	Paredes	9,20	6,28
39	740	580	410	Penafiel	9,33	6,41
46	870	680	490	Cahide (*Chegada*)	9,48	6,56

DESCENDENTES

Kilometros	Preços 1.ª Classe	Preços 2.ª Classe	Preços 3.ª Classe	Estações	Horas da partida dos comboios N.º 22 Mixto	Horas da partida dos comboios N.º 24 Mixto
					Manhã h. m.	Manhã h. m.
—	—	—	—	Cahide (*Partida*)	6,20	4,19
8	160	120	90	Penafiel	6,40	4,39
12	230	180	130	Paredes	6,53	4,52
16	310	240	170	Cette	7,6	5,5
21	400	310	230	Recarei	7,19	5,18
31	590	460	330	Vallongo	7,41	5,43
38	720	560	400	Ermezinde	8,8	6,4
42	800	620	450	Rio Tinto	8,19	6,15
46	870	680	490	Porto (*Chegada*)	8,27	6,25

CAMINHO DE FERRO DO PORTO Á POVOA DE VARZIM

Horario a começar em 20 de abril de 1876

ASCENDENTES

Kilometros	PREÇOS 1.ª classe	PREÇOS 2.ª classe	ESTAÇÕES	Horas da partida dos comboios N.º 2	N.º 4	N.º 6	N.º 8
				Manhã	Manhã	Tarde	Tarde
—	—	—	Porto (*Partida*)	5,50	9,40	2	5
4	80	50	Senhora da Hora	6,2	9,52	2,14	5,12
6	80	50	Custoias	6,8	9,58	2,21	5,18
9	160	100	Creatins	6,17	10,7	2,31	5,27
11	160	100	Pedras Rubras	6,28	10,18	2,46	5,38
14	240	150	Villar do Pinheiro	6,36	10,26	2,56	5,46
16	240	150	Modives	6,41	10,31	3,2	5,51
20	320	200	Mindello	6,52	10,42	3,16	6,2
23	400	250	Azurara	7,1	10,51	3,26	6,11
25	400	250	Villa do Conde	7,7	10,57	3,34	6,17
28	480	300	Povoa (*Chegada*)	7,15	11,5	3,45	6,25

DESCENDENTES

Kil.	1.ª classe	2.ª classe		N.º 1	N.º 3	N.º 5	N.º 7
				Manhã	Manhã	Tarde	Tarde
—	—	—	Povoa	5,30	9,20	1,40	5,40
3	80	50	Villa do Conde	5,40	9,30	1,52	5,50
5	80	50	Azurara	5,47	9,37	2,	5,57
8	160	100	Mindello	5,57	9,47	2,11	6,7
12	240	150	Modives	6,8	9,58	2,24	6,18
14	240	150	Villar do Pinheiro	6.16	10,6	2,32	6,26
17	320	200	Pedras Rubras	6,31	10,21	2,47	6,41
19	320	200	Creatins	6,37	10,27	2,54	6,47
22	400	250	Custoias	6,46	10,36	3,6	6,56
24	400	250	Senhora da Hora	6,53	10,43	3,14	7,3
28	480	300	Porto (*Chegada*)	7,3	10,53	3,26	7,13

Aos sabbados ha um comboio especial para toda a linha, sómente para 2.ª classe, com bilhetes de ida e volta. Sahe do Porto ás 3,50 da tarde, chega á Povoa ás 5,35. Volta da Povoa na segunda-feira ás 4,3 da manhã, chegando ao Porto ás 5,49.

RECREIO INFANTIL

PERIODICO ILLUSTRADO

DEDICADO

ÁS CREANÇAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

COM A COLLABORAÇÃO DOS MELHORES ESCRIPTORES

CADA SERIE COMPÕE-SE DE 2 VOL. DE 12 NUMEROS CADA UM

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ EM FASCICULOS DE 16 PAGINAS EM 8.º

IMPRESSOS A DUAS CORES

E ADORNADOS DE EXCELLENTES GRAVURAS

PREÇO DA ASSIGNATURA

	PORTUGAL	BRAZIL
Serie de 24 numeros pagos adiantados.....	1$800 réis	4$800 réis fracos
Cada numero avulso.....................	100 »	300 » »
Volume brochado contendo 12 numeros....	1$200 »	3$600 » »
» encadern. » 12 »	1$500 »	4$500 » »

Os snrs. assignantes de 24 numeros, que desejarem comprar capas para os volumes, custar-lhe-hão 300 réis cada uma. Pelo correio accresce o porte.

ASSIGNA-SE

No Porto—Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 12, Largo dos Loyos, 14.

Em Lisboa—Em casa do editor Julio H. Verde, rua do Duque de Bragança, 6.

DICCIONARIO

DE

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

POR

UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE SCIENCIA

COMPOSTO SEGUNDO OS TRABALHOS GEOGRAPHICOS DOS
MELHORES AUCTORES PORTUGUEZES, BRAZILEIROS, FRANCEZES, INGLEZES E ALLEMÃES,
E DE ACCORDO COM AS ULTIMAS
PUBLICAÇÕES CHOROGRAPHICAS E ESTATISTICAS DOS DIFFERENTES PAIZES

COMPREHENDENDO TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES INDISPENSAVEIS COM RELAÇÃO
AO COMMERCIO, ÁS ARTES E INDUSTRIAS FABRIS;

DESENVOLVIDO CONSIDERAVELMENTE NA PARTE QUE DIZ RESPEITO A

PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS E BRAZIL

Portugal, outr'ora na vanguarda dos progressos geographicos, a quem o mundo deve na pessoa do infante D. Henrique a iniciação dos mais explendidos descobrimentos e arrojadas navegações, a patria de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de Fernão de Magalhães, de Bartholomeu Dias, de Heredia, de Pedro Nunes, e de tantos outros que assignalaram o nome nos fastos geographicos, não só não possuia um Diccionario de geographia completo como em muitas obras estrangeiras era tractado de uma maneira inexacta ou incompleta sob o ponto de vista historico, commercial, politico ou economico.

Hoje, que entre nós se revela um bem entendido interesse pelos assumptos geographicos, tanto nas diversas classes illustradas da sociedade como nas regiões do poder, e que o nosso paiz vai entrando n'uma epocha de progressivo e extraordinario desenvolvimento scientifico e material, mais sensivel se torna a falta de um bom Diccionario de geographia universal que não só occorra ás vastissimas necessidades d'esse desenvolvimento, como tambem revindique a gloria que nos pertence em certos factos que tanto honram e abrilhantam o nosso passado.

Persuadidos da conveniencia de preencher uma tal lacuna, vamos encetar a publicação d'um **DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL**, onde o homem de sciencia, o professor, o litterato, o estudante, o simples curioso, o industrial ou commerciante, possam ir buscar as indispensaveis indicações e subsidios que até agora só lhe podiam ser ministrados pelas obras geographicas estrangeiras, as quaes, muitas vezes, eram insufficientes ou pouco exactas, especialmente no que dizia respeito a

PORTUGAL E BRAZIL

Fructo de longas e laboriosas investigações, redigido por pessoas de superior intelligencia e incontestavel probidade litteraria, baseado não só nas publicações mais modernas sobre a especialidade como tambem sobre valiosos trabalhos de estatistica, de geodesia, e sobre documentos, relatorios e informações officiaes, a nova publicação representa um progresso comparada com os mais diccionarios até hoje publicados, e temos a convicção de que virá a ser considerada pelos competentes como

O PRIMEIRO DICCIONARIO GEOGRAPHICO UNIVERSAL DA ACTUALIDADE

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O **DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL** é distribuido semanalmente em fasciculos de 16 paginas, formato in-folio com duas columnas, typo miudo, completamente novo, e papel da melhor qualidade.

Cada fasciculo com a competente capa custa 100 réis.

LISBOA — Os assignantes deverão pagar ao distribuidor no acto da entrega.

PROVINCIAS — As pessoas que quizerem subscrever deverão enviar adiantadamente á administração da empreza a importancia de dois ou mais fasciculos em estampilhas, ou vales do correio.

ESTRANGEIRO — A importancia do fasciculo accresce o porte do correio devendo os pagamentos serem feitos adiantadamente ás series de 25 fasciculos pelo menos. *Para os Estados da União Geral dos Correios, 115 réis cada fasciculo, franco de porte.*

As remessas para as provincias e estrangeiro serão feitas regularmente de dois em dois fasciculos.

A obra constará de 100 fasciculos aproximadamente.

Assigna-se em Lisboa, no escriptorio da empreza, rua da Atalaya, 17, 1.º — e no Porto, na Livraria Universal de Magalhães & Moniz, largo dos Loyos, 12.

EDIÇÃO DE LUXO

O DOURO ILLUSTRADO

ALBUM DO RIO DOURO E PAIZ VINHATEIRO

CONTENDO:

INTRODUCÇÃO HISTORICA E DESCRIPTIVA DO PAIZ VINHATEIRO
DESCRIPÇÃO DAS PRINCIPAES QUINTAS E DOS TRABALHOS VINICOLAS USADOS NO DOURO
NOTA SOBRE O COMMERCIO DOS VINHOS DO PORTO, SERVIÇO E TRABALHO DOS ARMAZENS E ESTATISTICAS COMMERCIAES

REDIGIDO

PELO

VISCONDE DE VILLA MAIOR

REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ACOMPANHADO DE UMA SERIE DE 24 VISTAS DOS SEGUINTES PONTOS:

1. Barca d'Alva
2. Quinta do Silho
3. Foz de Sabôr e Valle de Villariça
4. Quinta do Vesuvio
5. Cachão da Valleira
6. Foz-Tua
7. Sitio de Roriz (casa de Dias Paes)
8. Quinta da Roeda
9. Pinhão e Casal de Loivos
10. Noval (vista da casa)
11. Adega do Noval
12. Vista geral da quinta do Noval
13. Bateiras e quinta do Seixo
14. Val-Mór
15. Folgosa
16. Quinta da Romaneira
17. Regua
18. Caldas do Moledo
19. Seromenha
20. Raiva e Barqueiros
21. Cadão
22. Caldas de Aregos
23. Alfandega do Porto
24. Foz do Douro

TIRADAS PELO PHOTOGRAPHO J. LOUREIRO

DESENHADAS EM MADEIRA POR EMILIO PIMENTEL

GRAVADAS POR H. BADOUREAU E J. PEDROSO

DOUS MAPPAS

Impressos pelo systema da photolithographia, tendo o maior 1m,10 de comprido e 0m,80 de largo, representando este o curso do rio Douro e suas margens, desde a fronteira até á Foz, com indicações dos pontos rapidos e difficeis á navegação, e o outro a antiga circumscripção do Alto-Douro.

DESENHADOS POR JOSÉ CARDOSO DE ARAUJO FEYO

Com a traducção franceza de Léon Lucotte e a traducção ingleza de Jorge C. Berkeley Cotter

O DOURO ILLUSTRADO, dividido em 25 cadernetas, compôr-se-á de 200 paginas de texto, aproximadamente — 24 gravuras — e 2 mappas.

Cada caderneta constará de 8 paginas de texto e uma gravura, nitidamente impressas, levando a caderneta ultima os dous mappas.

A obra completa custará, por assignatura, 5$000 réis.

A ENCADERNAÇÃO SERÁ PAGA SEPARADAMENTE

MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES

PREÇO 1:000 REIS